

**Manuel da Silva Sebastião**

**A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta  
Luandense**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Patrícia Santos Pedrosa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

**Lisboa**

**2017**

## **Manuel da Silva Sebastião**

### **A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense**

Dissertação defendida em prova pública na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 31/01/2018, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº451/2017 de 18 de dezembro de 2017, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.<sup>a</sup> Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia

Arguente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Patrícia Alexandra Dias Santos Pedrosa

Vogal: Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

### **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

**Lisboa**

**2017**

## **Dedicatória**

Dedico esta investigação as ilustres pessoas que efetivamente contribuíram para a realização deste trabalho:

Aos meus Pais: Almeida João Sebastião e Luciana José Sebastião

Aos meus irmãos (Manjãozinho, Elizeth, José, Carla, Regina, Almeida, Orlando, Núrio)

Aos meus cunhados: António Guimarães e Manuel Miguel

A toda minha família

E ao meu país, Angola

## Agradecimentos

Inicialmente gostaria de mencionar que as palavras aqui proferidas, não servirão para descrever todo o agradecimento que sinto pelas pessoas que contribuíram para que fosse possível a realização de um sonho, ou seja, á elaboração deste trabalho.

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, por todo apoio e por terem acreditado em mim, sem nunca desistirem durante todo o percurso académico. Igualmente agradecer a toda minha família, ou seja, irmãos, sobrinhos, primos, tios, e amigos, por estarem sempre presente nos momentos mais difíceis da minha vida.

Um forte obrigado as pessoas que cuidaram de mim com muito carinho e deram-me toda a educação que detenho hoje, ou seja, refiro-me aos meus cunhados António Guimarães e Manuel Miguel, bem como, as minhas irmãs, Carla Guimarães e Regina Miguel, e por fim a tia Dulce Guimarães.

Agradecer também as ilustres arquitetas que aceitaram embarcar neste desafio comigo sem pensar duas vezes. Obrigado por me confiarem esta responsabilidade de vos representar, como uma espécie de porta-voz de todo o vosso conhecimento. Sinto-me horando por escrever sobre ilustres personagens como Isabel Martins, Cristina Câmara e Paula Nascimento. Os meus sinceros agradecimentos.

Especial agradecimento para a raríssima arquiteta Ângela Mingas, por ter acreditado e ter-me concedido a oportunidade de escrever sobre a sua pessoa, um ser que tive o prazer e a honra de conhecer, bem como, partilhar momentos de profunda aprendizagem. Obrigado, pelo tempo que me disponibilizou, apoiando-me incondicionalmente para que fosse possível elaborar um trabalho sólido, estruturado e inovador. Os meus sinceros agradecimentos.

É com muita satisfação e com carinho especial, que agradeço a minha excelentíssima orientadora a Professora Doutora Arquiteta Patrícia Santos Pedrosa, por levar-me a embarcar nesta viagem cheia de aprendizados e por ter tido a amabilidade de orientar-me, sempre com muita paciência e dedicação. Obrigado também por todos os ensinamentos durante o meu percurso académico. Os meus sinceros agradecimentos.

E como não poderia deixar de ser, agradecer também a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, e a todos os professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, pelos os ensinamentos durante todo o meu percurso académico. Por fim agradecer a Deus, porque sem ele, este momento não seria possível.

## Poema de Solano Trindade

### Quem Tá Gemendo?

Quem tá gemendo,

Negro ou carro de boi?

Carro de boi geme quando quer,

Negro, não,

Negro geme porque apanha,

Apanha pra não gemer...

Gemido de negro é cantiga,

Gemido de negro é poema...

Gemem na minh'alma,

A alma do Congo,

Da Niger, da Guiné,

De toda África enfim...

A alma da América...

A alma Universal...

Quem tá gemendo,

negro ou carro de boi?

**Cantado e interpretado por Ruy Mingas (Mingas R. , 2007)**

## Resumo

A referente dissertação de mestrado tem como tema: ***A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma arquiteta luandense***. Trata-se de elaborar um estudo centrado no discurso de algumas figuras relevantes da arquitetura feita em Angola. Portanto, do ponto de vista deste trabalho, é importante compreender o papel das arquitetas africanas, mais propriamente angolanas de forma a entendermos metodologias e pensamentos das mesmas em relação à arquitetura angolana.

No entanto, a par de uma breve passagem acerca da história da arquitetura angolana, a referente dissertação, possui como tema contextual Arquitetura e Género, e por esta razão, esta investigação debruçar-se sobre as questões do feminismo africano, ou seja, de maneira a compreender a presença das mulheres africanas, e arquitetas em torno das questões de género, pois são longos os tempos em que as mulheres eram impossibilitadas de atuar no palco social, económico, político e mais especificamente o arquitetónico.

Não obstante, devido ao facto de sentir uma ausência no âmbito da investigação e académico, de pensamentos e posicionamentos das arquitetas africanas e angolanas, o objetivo desta dissertação passa por redigir uma monografia acerca da arquiteta angolana conceituada denominada Ângela Mingas sob a perspetiva do estudo de género. Mingas, porque aparece como um elemento crucial da arquitetura angolana, fundadora e coordenadora da Escola de Arquitetura e do Núcleo de Estudo de Arte, Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Lusíada de Angola. E também, por ser uma impulsionadora da cultura de valorização do património angolano, que na sua maioria concentra na mãe capital (Luanda), vestígios de toda uma história. No entanto, são apresentados também discursos consolidados acerca da arquitetura e do ensino em Angola. Tais discursos proferidos pelas arquitetas Isabel Martins, Cristina Câmara, e Paula Nascimento, arquitetas que enquadram-se no contexto angolano, e são um contributo para maior visibilidade da arquitetura em Angola.

É esperado que este trabalho possa servir como um fio condutor e investigativo de forma a possibilitar debates cuidados em torno das questões de género no continente africano e em Angola, contribuindo assim, para a divulgação e valorização da mulher arquiteta africana.

**Palavras-Chave:** Estudo de Género, Arquitetura, Estudos Coloniais, Ângela Mingas

## Abstract

The following Master's thesis has as a main analysis of: ***The Voice of the Angolan Architects: Ângela Mingas a luandense architect***. This is an elaborated study based on the speech of some the most relevant personalities of the Architecture done in Angola. Therefore, from this works point of view, it is important to understand the role of African architecture, mostly Angolan so we are able to understand methodologies and thoughts of the same regarding to Angolan architecture.

However, a brief passage concerning the history of Angolan architecture, the following thesis has Architecture and Gender as the main theme and for that reason, this investigation will focus on questions about african feminism or in other words to understand the presence of african women and architecture around gender issues. Because, long have been the years where women were unable of acting in the social, economic, political field and specially the architectonic side.

Nevertheless, due to the fact of feeling a lack of investigation and academic thoughts regarding the positioning of the African and Angolan architects. The main objective of this dissertation goes through to write about the well respected Angolan architect Ângela Mingas about the perspective of the gender study. It is Mingas because, she comes as an important element in the Angolan architecture, she's also the founder of the School of Architecture, Arts, Urban & Design Studies for the University of Lusiada of Angola. And also, for being a great pusher of the culture and the appreciation of the National Angolan Heritage, which are mainly based in the capital (Luanda), traces of history. Meanwhile, I'll introduce specific speeches about architecture and the Angolan teaching. Such speeches from the well-known Isabel Martins, Cristina Câmara and Paula Nascimento, who are architects that fit into the Angolan architecture.

With this, it is expected that this dissertation may serve as a trigger to make possible investigations and also discussions around gender issues in Africa and Angola, in order to contribute to the dissemination and valorisation of African architect women.

**Key words:** Gender Studies, Architecture, Colonial Studies, Ângela Mingas

## Índice

|                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Dedicatória</b> .....                                           | 3  |
| <b>Agradecimentos</b> .....                                        | 4  |
| <b>Resumo</b> .....                                                | 6  |
| <b>Abstract</b> .....                                              | 7  |
| <b>Introdução</b> .....                                            | 13 |
| <b>Capítulo I: Enquadramentos</b> .....                            | 19 |
| <b>1. Mulher e África</b> .....                                    | 19 |
| <b>1. 1. Organizações de promoção e divulgação da mulher</b> ..... | 19 |
| 1. 1. 2. UN Women .....                                            | 20 |
| 1. 1. 3. Organização da Mulher Angolana (OMA) .....                | 21 |
| 1. 1. 4. O Ministério da Família e Promoção da Mulher .....        | 21 |
| <b>1. 2. Feminismo africano</b> .....                              | 24 |
| 1. 2. 1. Stiwanism de Molara Ogumdiye-Leslie (1944) .....          | 31 |
| 1. 2. 2. African Womanism de Cleonora Hudson-Weems (1945) .....    | 31 |
| 1. 2. 3. Motherism de Catherine Acholonu (1991) .....              | 32 |
| 1. 2. 4. Womanism de Chikwenye Ogunyemi (1996) .....               | 32 |
| 1. 2. 5. Negofeminismo por Obioma Nnaemeka (2004) .....            | 33 |
| 1. 2. 6. Feminismo em Angola: Ondjango Feminista .....             | 34 |
| <b>1. 3. Imagens femininas angolanas</b> .....                     | 38 |
| 1. 3. 1. Rainha Nzinga Mbandi Ngola .....                          | 38 |
| 1. 3. 2. Deolinda Rodrigues .....                                  | 39 |
| 1. 3. 3. Kitandeira, Kíguila, Zungueira .....                      | 40 |
| <b>2. Arquitetura e Angola</b> .....                               | 43 |
| 2. 1. A cidade africana pré-colonial .....                         | 43 |
| 2. 2. Cidade e Arquitetura: Reino do Congo 1482/1485 .....         | 44 |
| 2. 3. A urbanização de Angola .....                                | 47 |
| 2. 4. Arquitetura tradicional de Luanda .....                      | 52 |
| 2. 5. Dados sobre a profissão em Angola .....                      | 55 |

|                                                                                   |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>2. 6. Vozes de arquitetas angolanas .....</b>                                  | <b>57</b>  |
| 2. 7. Isabel Martins.....                                                         | 57         |
| 2. 8. Cristina Câmara .....                                                       | 63         |
| 2. 9. Paula Nascimento .....                                                      | 67         |
| <b>Capítulo II: Ângela Mingas, Luanda, 2017 .....</b>                             | <b>70</b>  |
| 1. Apresentação: Ângela Mingas.....                                               | 70         |
| 2. Sobre arquitetura em Angola-Luanda.....                                        | 77         |
| 3. Mingas enquanto mulher e arquiteta angolana.....                               | 81         |
| 4. Práticas profissionais: a ideia das academias .....                            | 87         |
| 5. Implementação do Plano Estratégico e Desenvolvimento da Cidade de Luanda ..... | 93         |
| 6. Habitação social em Angola: Módulo Lundanji .....                              | 98         |
| <b>Conclusão .....</b>                                                            | <b>105</b> |
| <b>Bibliografia geral.....</b>                                                    | <b>108</b> |
| <b>Apêndice I .....</b>                                                           | <b>113</b> |
| <b>Apêndice II.....</b>                                                           | <b>166</b> |
| <b>Anexos.....</b>                                                                | <b>181</b> |

## Índice de Figuras

|                                                                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - UN Women Annual Report 2016-2017. Fonte: (Women, 2016-2017) .....                                                       | 20 |
| Figura 2 - Mulheres Participantes da OMA. Fonte: (MPLA, s.d.) .....                                                                | 21 |
| Figura 3 - Cartilhas. Ministério da Família e Promoção da Mulher. Fonte: (Mulher, 2007) ...                                        | 23 |
| Figura 4 - Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho, feministas membros do Ondjango Feminista. Fonte: (André, 2016).....                  | 34 |
| Figura 5 - Logotipo Ondjango Feminista. Fonte: (Feminista, 2017) .....                                                             | 34 |
| Figura 6 - Rainha Nzinga Mbandi Ngola. Fonte: (Angola J. , 2008).....                                                              | 38 |
| Figura 7 - Deolinda Rodrigues. Fonte: (Platinaline, 2016) .....                                                                    | 39 |
| Figura 8 - Quitandeira. Fonte: (Rogério, 2015).....                                                                                | 40 |
| Figura 9 - Kínguilas. Fonte: (Sapo24, 2017).....                                                                                   | 41 |
| Figura 10 - Zungueiras. Fonte: (Angola A. C., 2017).....                                                                           | 42 |
| Figura 11 - Paulo Dias de Novais, 1º Capitão, Governador de Angola. Fonte: (wikimedia, 2015) .....                                 | 44 |
| Figura 12 - Retrato do Rei D. Pedro VII do Congo. Fonte: (Batalha, 2006, p. 31) .....                                              | 44 |
| Figura 13 - Ruínas antigas da Sé de S. Salvador. Fonte: (Batalha, 2006, p. 20).....                                                | 45 |
| Figura 14 - Mapa Mundo, Localização de Angola. Fonte: (portalangop, 2015).....                                                     | 45 |
| Figura 15 - Mapa de Angola. Fonte: (portalangop, 2015) .....                                                                       | 46 |
| Figura 16 - Planta de S. Paulo de Loanda (Luanda). Fonte: (Fonseca, 1969).....                                                     | 47 |
| Figura 17 - Novo Redondo. Fonte: (Fonte, 2007).....                                                                                | 48 |
| Figura 18 - Luanda Final do Séc. XIX. Fonte: (Batalha, 2006, p. 147).....                                                          | 49 |
| Figura 19 - Palacete do Séc. XVIII em Luanda. Fonte: (Batalha, 2006, p. 50).....                                                   | 52 |
| Figura 20 - Exemplo de Sobrado típico da Av. dos Restauradores de Angola. Fonte:(Batalha, 2006, p. 51) .....                       | 53 |
| Figura 21 - O famoso Palácio de D. Ana Joaquina. Fonte: (Batalha, 2006, p. 58).....                                                | 53 |
| Figura 22 - Arquitetos Formados pelas diferentes Universidades. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 12) .....        | 55 |
| Figura 23 - Países que formam Arquitectos angolanos e ano de formação. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 13) ..... | 55 |
| Figura 24 - Naturalidade dos Arquitectos. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 14) .....                              | 55 |
| Figura 25 - Nacionalidade dos Arquitectos. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 14) .....                             | 56 |
| Figura 26 - Sexo dos Arquitectos. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 14) ...                                        | 56 |

|                                                                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 27 - Arquiteta Isabel Maria Nunes da Silva Martins. Fonte: (Kahangulo, 2016).....                                                                     | 57  |
| Figura 28 - Arquiteta Fátima Cristina Câmara. Fonte: (Câmara C. , 2016).....                                                                                 | 63  |
| Figura 29 - Arquiteta Paula Nhyala Assis do Nascimento. Fonte: (serralves, 2015) .....                                                                       | 67  |
| Figura 30 - Ângela Cristina de Branco Lima Rodrigues Mingas. Fonte: (ANG, 2013).....                                                                         | 70  |
| Figura 31 - Ângela Mingas. Fonte: (Petzer, 2015).....                                                                                                        | 73  |
| Figura 32 - Mutu Ya Kevela. Fonte: (Soapro, s.d.) .....                                                                                                      | 79  |
| Figura 33 - Ângela Mingas. Fonte: (ULA, 2015) .....                                                                                                          | 81  |
| Figura 34 - Flyers 11 Anos Fórum de Arquitetura Académica, 2016. Fonte: CEICA, Centro de<br>Estudo e Investigação Científica de Arquitetura.....             | 91  |
| Figura 35 - Membros do CEICA. Fonte: Manuel Sebastião .....                                                                                                  | 91  |
| Figura 36 - Exposição do 11 Anos de Fórum de Arquitetura, 2016. Fonte: Centro de Estudo e<br>Investigação Científica de Arquitetura.....                     | 91  |
| Figura 37 - Montagem da exposição do Fórum de Arquitetura, com participação dos alunos.<br>Fonte: Manuel Sebastião .....                                     | 92  |
| Figura 38 - Cerimónia comemorativa dos 11 Anos de Fórum de Arquitetura, 2016. Fonte:<br>Manuel Sebastião .....                                               | 92  |
| Figura 39 - Plano Estratégico de Luanda. Fonte: NEAAUD – Núcleo de Estudos, Arte,<br>Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Lusíada de Angola. .... | 93  |
| Figura 40 - Musseques de Luanda. Fonte: (Fortuna, 2015) .....                                                                                                | 94  |
| Figura 41 - Morfologia Vernácula. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 10) .....                                                                             | 99  |
| Figura 42 - Proposta dos Módulos. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 10).....                                                                              | 99  |
| Figura 43 - Funcionalidade e Evolutividade, adaptação do projeto. Fonte: (Mingas &<br>Ganduglia, 2010, p. 11) .....                                          | 100 |
| Figura 44 - Pátio, composição e Distribuição do Projeto. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010)<br>.....                                                          | 101 |
| Figura 45 - Iluminação natural. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 16).....                                                                                | 101 |
| Figura 46 - Ventilação cruzada. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 16).....                                                                                | 101 |
| Figura 47 - Ventilação cruzada. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 16).....                                                                                | 102 |
| Figura 48 - Módulo do projeto. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 7) .....                                                                                 | 102 |
| Figura 49 - Área social. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 9) .....                                                                                       | 103 |
| Figura 50 - Área sanitária. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 9).....                                                                                     | 103 |
| Figura 51 - Área privativa. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 9) .....                                                                                    | 103 |
| Figura 52 - Múltiplas Aplicações. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 9).....                                                                               | 103 |
| Figura 53 - Composição do Módulo 01. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12).....                                                                           | 103 |
| Figura 54 - Composição do Módulo 02. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12).....                                                                           | 103 |
| Figura 55 - Composição do Módulo 03. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12).....                                                                           | 103 |

|                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 56 - Corte Construtivo. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 17) .....         | 104 |
| Figura 57 - Incentivo a autoconstrução. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 25)..... | 104 |
| Figura 58 - Projeto Lwena / Moxico. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 27) .....    | 104 |

## Introdução

### Tema e questões que motivaram a pesquisa

A referente dissertação tem como tema ***A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma arquiteta luandense***. Com esta pesquisa pretende-se estudar o papel da mulher arquiteta em Angola, de forma a compreendermos diferentes metodologias e pensamentos sobre a arquitetura africana mais especificamente angolana. Apresentaremos discursos consolidados de arquitetas que atuam no território angolano, que através do seu conhecimento arquitetónico contribuem para uma melhor arquitetura feita em Angola.

No entanto, ao longo deste trabalho é possível perceber que em Angola as questões relacionadas com género, feminilidade e masculinidade são vistas como uma anormalidade, porque existem inúmeras carências a nível social em Angola, que segundo as pessoas não há tempo para ser-se Feminista, ou seja, não passa de um simples capricho. Por este motivo, tive como objetivo o posicionamento das arquitetas angolanas acerca das questões de género de modo a compreender o papel da mulher arquiteta em Angola. As arquitetas ilustram suas inquietações, afirmando algumas delas que ser mulher na arquitetura não é uma experiência fácil. Efetivamente, será possível constatar ao longo da leitura deste trabalho que em Angola a maior parte das mulheres trabalham no setor informal e, por esta razão, muitas não têm a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos, pois em determinadas situações são as mulheres que sustentam as suas famílias, ou seja, fazem o papel de pai e mãe.

Não obstante, abordaremos questões relacionadas com Feminismo Africano de modo a compreender as diferenças entre as mulheres africanas e as mulheres que defendem o feminismo branco. Portanto, iremos perceber que as mulheres africanas olham para as questões de género de forma diferente das ocidentais. No entanto, em Angola o feminismo tem ganho força, ou seja, hoje em dia é possível encontrarmos organizações que lutam pelos direitos das mulheres como por exemplo, o grupo não governamental Ondjango Feminista. Porém, é importante realçar que em Angola existem políticas de inclusão, promoção e de divulgação da mulher angolana. Tais políticas, são frutos de organizações governamentais, como por exemplo: a Organização da Mulher Angolana (OMA); o Ministério da Família e Promoção da mulher (MINFAMU); Associação da Mulher Angolana (AMA); e a Liga independente de Mulheres Angolanas (LIMA). Ilustraremos também diferentes personagens que caracterizam a mulher angolana, de forma a contextualizar literalmente a história da mulher angolana.

O estudo de caso incidirá sobre a arquiteta angolana Ângela Cristina de Branco Lima Rodrigues Mingas que, de forma notável, tem participado na formação de alunos para um crescimento do campo investigativo no âmbito da arquitetura. A escolha de Ângela Mingas enquanto caso de estudo vem-se principalmente ao facto da arquiteta travar uma luta relacionada com a conservação e preservação dos Centros Históricos em Angola, ou seja, a requalificação do património e igualmente, pela preocupação com a reabilitação e requalificação dos assentamentos informais, os musseques.

Todas estas personagens, ou seja, Ângela Mingas, Isabel Martins, Cristina Câmara e Paula Nascimento, enquadram-se no contexto angolano e, por este motivo, é apresentada uma passagem acerca da arquitetura angolana, desde o período pré-colonial de África, colonial até a contemporaneidade. Abordaremos também todas as questões relacionadas com a arquitetura do Reino do Congo, desde o primeiro contato com os portugueses até os dias de hoje. Como veremos mais à frente, Portugal procurou implementar no Congo os padrões de vida dos europeus suportados no intercâmbio de comércio, estabelecendo-se numa suposta sintonia com os povos existentes.

A principal razão que motivou a pesquisa desta problemática, tem há ver com o facto de, durante os anos de formação e pesquisa me ter apercebido da inexistência de elementos e informações relacionadas com as arquitetas africanas, e em particular as angolanas. Em todo meu percurso académico, em ambiente de aula, ouvi falar pouco dos arquitetos africanos, e sobretudo das arquitetas. Os arquitetos africanos referidos, eram basicamente arquitetos que atuavam também no ocidente. Portanto, as interrogações com que me deparei estavam relacionadas com a vontade de querer saber qual o papel da mulher arquiteta em Angola? Qual seu contributo? Qual o seu palco de atuação no âmbito arquitetónico? Qual a sua metodologia de trabalho? Porquê têm menos visibilidade? É importante referir que, como africano e angolano, sempre considerei importante elaborar investigações que possam ser uma mais valia para o campo científico, uma vez que ainda temos algumas carências na área da investigação, contribuindo assim para um aumento significativo de elementos bibliográficos em Angola.

## **Objetivo**

Por esta razão, o objetivo desta dissertação é poder fazer menção à importância das arquitetas africanas, mais especificamente das angolanas, dando voz às suas abordagens e inquietações relativamente às questões arquitetónicas. Portanto, apresentaremos pensamentos, e posicionamentos de arquitetas angolanas, que de certa forma têm contribuído para uma melhor arquitetura produzida em Angola. As suas intervenções oscilam do projeto

arquitetónico em sua plena essência, a projetos expositivos, investigações, bem como na participação e contribuição para a formação de quadros, ou seja, dos alunos. Também se pretende que esta dissertação possa vir a influenciar novas investigações em torno da problemática, ou seja, impulsionando alguns debates cuidadosos sobre a importância das mulheres arquitetas no continente africano, contribuindo para a visibilidade internacional da carreira das arquitetas africanas.

### **O estado da arte**

O tema Arquitetura e Género abriu toda uma discussão e possibilitou a elaboração de vários elementos de investigação que serviram de base à concretização deste trabalho. Este estudo faz menção a diferentes personagens que de alguma forma contribuíram para uma maior visibilidade das questões de género no âmbito arquitetónico. Portanto, para um entendimento sobre as questões de género, o referente estado da arte faz uso de conteúdos de diferentes dissertações elaboradas por Lia Antunes, Suzete Machado e María Novas, onde pude compreender minimamente o processo evolutivo do Género, Feminismo, Masculinidade e como a Arquitetura tem participado positiva ou negativamente na resolução dessas questões sociais, integrando logo de seguida o meu objeto de estudo que em suma é resultado de uma leitura na perspetiva da Arquitetura e Género.

Segundo Lia Antunes (2012) o género e o papel do homem e a mulher na sociedade estão diretamente relacionados com as características humanas, ou seja, o intelecto, o carácter, a coragem, a liderança, a imaginação e a criatividade. Claramente a cultura, os rituais sociais e coletivos deram origem a uma transformação social afetando o modo como o Homem entende o mundo. A autora refere ainda que a Arquitetura, Género e Feminismo são temas controversos e muito carregados de emoção devido à sua complexidade. Portanto, Lia Antunes (2012) com base em McLeod, cita que nos E.U.A no final da década de 1960 houve uma mudança de mentalidades abrindo portas para o debate feminista na arquitetura. Tal mudança deu origem às primeiras manifestações como a obra *The Feminist Mystique* (1963, Betty Friedman), *Sexual Politics* (1970, Kate Millet), ou *Woman's Estate* (1971, Juliet Mitchell). Numa segunda fase, a autora conta que o Feminismo já estava mais enraizado na Academia, mas os textos não se relacionavam com a prática e com a política. McLeod, segundo Antunes, refere que na terceira fase, no início dos anos 1990, se deu o aparecimento das novas tendências que partem da obra de Henri Lefebvre e Michel de Certeau, com base na análise da experiência quotidiana das mulheres e de outros grupos marginalizados e oprimidos (Antunes, 2012, pp. 7-11, 16).

Com base nesta autora é possível compreender que nos anos 1950 o número de mulheres estudantes aumenta significativamente representando 50% dos alunos, mas, esses resultados não se refletiam no exercício da profissão após sua formação. A autora reforça que Louise Blanchard é primeira mulher eleita como membro do American Institute of Architects (1888) e Ehtel Mary Charles, o primeiro membro do RIBA (Royal Institute of British Architects) em 1898. Portanto, foi a partir desta altura que as mulheres passaram a frequentar as diferentes escolas criadas um pouco por toda parte, como por exemplo o MIT (Massachusetts Institute of Technology). Entretanto, Sophia Hayden em 1890 foi a primeira mulher a obter o diploma na Architectural Association de Londres em 1917. Em Paris, a Escola de Belas Artes abriu uma exceção para a americana Julia Morgan. Maria José Estanco foi a primeira mulher portuguesa a tornar-se arquiteta em 1942, e na escola portuense em 1943 era a vez de Maria José Marques da Silva. Muitas delas foram remetidas para arquitetura doméstica e a decoração de interiores (Antunes, 2012, pp. 92-94).

No final do séc. XIX nos E.U.A e com base em Antunes (2012) com o aparecimento dos manuais de economia doméstica, deu-se ênfase ao ambiente doméstico trazendo novas funções para a mulher, ou seja, maior produtividade do trabalho feminino, enfatizando a diferença entre espaço público e privado. Nos anos 20, com a revolução da arquitetura moderna aumenta a participação feminina, (Lia Antunes, 2012). Contudo, Antunes (2012) conta que entre 1979 e 2001, os primeiros prémios Pritzker foram sempre entregues a arquitetos homens. Em 2004, Zaha Hadid veio a receber também esse prémio, as mulheres passaram a ser reconhecidas. Em 2000, nos E.U.A, a revista *Architecture e Architectural Record* pressionava para por fim à exclusão da mulher na comunidade arquitetónica, denunciando as formas subtis de perpetuar o preconceito contra as mulheres. Annet Fischer, ex-Presidente do RIBA, defende as causas das mulheres e das minorias na arquitetura, apelando à participação das pessoas no *mainstream* da arquitetura como ela, de modo a combater o estereótipo do arquiteto bem-sucedido – o *white male superstar* (Antunes, 2012, pp. 93-99).

Todavia Suzete Machado (2011) considera que o género é resultante de uma estruturação social das identidades de diferentes padrões de comportamento que se refletem na atitude dos homens e das mulheres, resultando na masculinidade e na feminilidade. Entretanto, Suzete Machado afirma que só no início do séc. XX a mulher europeia foi admitida nas Universidades e teve direito ao voto. No entanto, Suzete Machado elucida-nos que o início da última década do séc. XIX, aumenta o reconhecimento do feminino na História da arquitetura. Citado por Machado (2011), Cortés (2008) refere que “A *feminilidade é a continuidade interrogada, na tentativa de fixá-la de uma vez por todas, enquanto a*

*masculinidade permanece inquestionável*”, ou seja, nesse contexto a mulher que representa a feminilidade é vista pela sociedade como o instável, o estranho, o desconhecido, o indefinido, contrastando com o homem que representa o masculino que é visto pela sociedade como o claro, límpido, firme, natural, entre outros (Machado , 2011, pp. 19-27,39, 68).

No entanto, Novas (2014) menciona que o género é uma construção cultural e, sendo assim, a sua desconstrução é possível. Contudo, Novas refere que para entendermos o género temos de ter em conta o conceito de Patriarcado, que organiza as relações de poder entre os géneros. Por fim, Novas afirma que a configuração do género é igual à configuração das raças e de classes, que define o sujeito através de cânones: branco, burguês, heterossexual, feminino e masculino. Posto isto, com base em María Novas (2014), Cristina Molina Petit (1995) refere que os princípios da arquitetura não são neutros ao género e que o desenho arquitetónico foi elaborado paranoicamente por homem algo que advém das escolas de arquitetura e dos livros de arquitetura (Novas, 2014, pp. 13-15).

## **Metodologia**

Para a realização desta dissertação procedeu-se a uma pesquisa intensa bibliográfica, revistas editadas e dissertações de mestrado, bem como portefólios com informações relevantes acerca das arquitetas. No entanto, foi através de um trabalho de campo, mais antropológico, que se conseguiu obter informações e elementos para a construção da referente dissertação.

Após chegada em território angolano foi possível através de um esquema de perguntas elaboradas em entrevista, efetuar uma recolha minuciosa de dados sobre as diferentes arquitetas entrevistadas. Foram entrevistadas as arquitetas: Isabel Martins, Cristina Câmara, Paula Nascimento e, por fim, o caso de estudo, Ângela Mingas. Estas entrevistas foram a base principal para um entendimento sobre o pensamento das arquitetas angolanas, bem como para compreender metodologias e estratégias de trabalho no âmbito arquitetónico.

De salientar que, para melhor levantamento das informações acerca do caso de estudo, foi necessário estar em constante ligação com a arquiteta Ângela Mingas. Portanto, através de uma participação ativa em atividades elaboradas na Universidade Lusíada de Angola, como por exemplo, o Fórum de Arquitetura, pude analisar toda a metodologia de trabalho da arquiteta. Também foi possível efetuar varias análises no âmbito pessoal, de maneira que fosse possível caracterizar e descrever Ângela Mingas enquanto caso de estudo. Também, com base num questionário feito aos alunos e colegas pude perceber qual a sua integração com os seus alunos e colegas de trabalho.

## **Organização do Texto**

O texto da referente dissertação de mestrado está organizado em dois grandes capítulos: O primeiro capítulo inclui: enquadramentos, mulher e África, está dividido em cinco partes diferentes, onde em primeira instância falaremos sobre órgãos de promoção e divulgação da mulher angolana. Posteriormente, é feita uma abordagem ao feminismo africano, numa perspetiva de entendimento das questões de género, seguido da apresentação de imagens femininas angolanas, de forma a caracterizar uma certa imagem da mulher angolana. Posto isto, abordaremos questões relacionadas com a arquitetura e Angola, ou seja, faremos uma breve passagem pela História da Arquitetura Angolana. Por fim, traremos as vozes de arquitetas angolanas com objetivo de divulgar e valorizar discursos sólidos acerca da arquitetura angolana. Para o efeito, como já foi referido, foram entrevistadas as arquitetas: Isabel Martins; Cristina Câmara; e Paula Nascimento.

O segundo capítulo está totalmente reservado à análise do caso de estudo, ou seja, Ângela Mingas, e por isso aparece dividido em seis partes, onde primeiramente será feita uma apresentação da Arquiteta Ângela Mingas, de maneira a compreendermos todo seu percurso académico, pessoal e profissional. Posto isto, iremos contar como é ser Mingas enquanto Mulher e Arquiteta angolana, e nomeadamente o modo como é feita a implantação do Plano Estratégico e Desenvolvimento da Cidade de Luanda, elaborado pela arquiteta. Iremos analisar uma obra arquitetónica, ou seja, a Habitação social em Angola, o Módulo Lundanji.

## **Capítulo I: Enquadramentos**

O referente capítulo tem como principal objetivo enquadrar assuntos relacionados com a história da arquitetura em Angola, bem como dar ênfase ao tema do feminismo africano, a mulher angolana, e também ilustrar importantes discursos de arquitetas Angolanas numa perspetiva de divulgar e valorizar o posicionamento das arquitetas africanas. Portanto este primeiro capítulo inclui: enquadramentos, mulher e África, está dividido em cinco partes diferentes, onde em primeira instância falaremos sobre órgãos de promoção e divulgação da mulher angolana. Posteriormente, é feita uma abordagem ao feminismo africano, numa perspetiva de entendimento sobre as questões de género, seguido da apresentação de imagens femininas angolanas, de forma a caracterizar a mulher angolana. Posto isto, abordaremos questões relacionadas com a Arquitetura e Angola, ou seja, faremos uma breve passagem pela História da Arquitetura Angolana. Por fim, daremos voz às arquitetas angolanas numa perspetiva de dar a conhecer o posicionamento das arquitetas sobre a arquitetura angolana, tal como, o seu olhar sobre as questões de género, uma vez que o principal objetivo é trazer alguma visibilidade ao trabalho elaborado pelas arquitetas, assim como, todo o pensamento sobre estas questões. Para o efeito, foram entrevistadas as ilustres arquitetas Isabel Martins, Cristina Câmara e Paula Nascimento.

### **1. Mulher e África**

#### **1. 1. Organizações de promoção e divulgação da mulher**

O objetivo deste subcapítulo é poder dar a conhecer alguns dos órgãos responsáveis na divulgação e promoção da mulher africana e angolana. Portanto, para o efeito selecionamos alguns desses órgãos, ou seja, a Un Women que é uma Organização das Nações Unidas dedicada à igualdade de género, seguido da apresentação dos órgãos do Governo Angolano que tem objetivos igualmente parecidos, ou seja, a Organização da Mulher Angolana (OMA); o Ministério da Família e Promoção da mulher (MINFAMU); Associação da Mulher Angolana (AMA); e a Liga independente de Mulheres Angolanas (LIMA). Porém, este subcapítulo também servirá como uma primeira fase de descrição da mulher africana e angolana.

## 1. 1. 2. UN Women

A ONU Mulheres [Fig. 1] é uma organização das Nações Unidas dedicada à igualdade de género e ao empoderamento das mulheres. A ONU Mulheres foi criada para acelerar o progresso na satisfação das suas necessidades em todo o mundo. A ONU Mulheres dá suporte aos Estados-Membros da ONU, que definem padrões globais para alcançar a igualdade de género, trabalhando com os governos e a sociedade civil para elaborar leis, políticas, programas e serviços necessários para implementar esses padrões. Quer isso dizer, que a ONU Mulheres está por trás da participação igualitária das mulheres em todos os aspetos da vida, mas concentrando-se em cinco áreas prioritárias, ou seja, aumentar a liderança e participação das mulheres, acabar

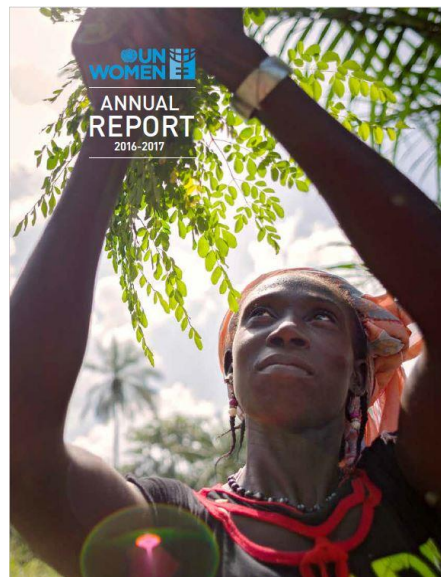


Figura 1 - UN Women Annual Report 2016-2017. Fonte: (Women, 2016-2017)

com a violência contra as mulheres, envolver as mulheres em todos os aspetos dos processos de paz e segurança, melhorar a capacidade económica das mulheres, e fazer a igualdade de género central para o planeamento nacional de desenvolvimento e orçamento. A ONU Mulheres também coordena e promove o trabalho do sistema da promoção da igualdade de género. Entretanto, este relatório anual conta a história de sucesso, ou seja, utiliza alguns exemplos de mulheres que têm um papel de liderança e que conseguem efetivar as questões relacionadas com a igualdade género. Com a Agenda 2030 foi possível implementar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que passa pela capacidade das mulheres reivindicarem os seus direitos à igualdade de tratamento, obterem cargos eleitos, aproveitarem o poder da inovação e tecnologia. (Women, 2016-2017)

### 1. 1. 3. Organização da Mulher Angolana (OMA)

A OMA (Organização da Mulher Angolana) é a maior organização política do MPLA com objetivo de mobilizar, sensibilizar e educar as mulheres desde os primórdios da luta de libertação nacional. Fundada em 1962 na República Democrática do Congo por um grupo de mulheres angolanas, na luta pela independência de Angola. Portanto, a OMA mobilizou as mulheres para a participação em todas as tarefas da revolução desde a alfabetização, à prestação de apoio

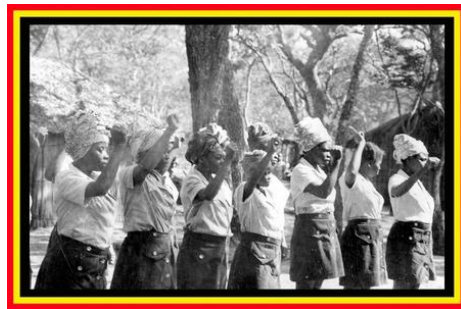


Figura 2 - Mulheres Participantes da OMA.  
Fonte: (MPLA, s.d.)

social aos guerrilheiros e participaram nos combates. Constituída por cinco heroínas angolanas [Fig. 2], Deolinda Rodrigues, Lucrécia Paim, Engrácia dos Santos, Irene Cohen, Teresa Afonso e outras anónimas ilustram a luta das mulheres angolanas. Tinham como objetivo a promoção de: educação para a cidadania, educação para saúde, combate a pobreza, analfabetismo, violência, solidariedade, apoio social e jurídico prestado às famílias vítimas de violência, sendo atualmente a maior organização social do País. Todavia com objetivos equiparados aos da OMA também encontramos à AMA (Associação da Mulher Angolana) e a LIMA (Liga independente de Mulheres Angolanas), que participaram nos movimentos de libertação de Angola. (MPLA, s.d.) (Mulher, 2007, p. 14)

### 1. 1. 4. O Ministério da Família e Promoção da Mulher

O Ministério da Família e Promoção da mulher “MINFAMU” é um órgão do Governo responsável por elaborar políticas e programas em prol das famílias e promoção da mulher. Em novembro de 2006 e abril de 2007 efetuou uma pesquisa com objetivo de avaliar o nível de qualidade da participação das mulheres nos sectores públicos e privados. Segundo o mesmo, a pesquisa foi efetuada nas províncias de Luanda, Benguela, Huíla, Huambo e Malanje, que serviu para o Ministério adquirir informações úteis que contribuísse para a equidade de género e empoderamento da mulher angolana. O Ministério pretende contribuir de alguma maneira para que se efetuem mudanças significativas na abordagem das questões de género nos setores e em particular nas instituições. Segundo O “MINFAMU” o conceito de género foi adotado como elemento condutor das análises e considerações que de forma quantitativa e qualitativa ilustram as relações sociais e de poder desiguais existentes na sociedade. Portanto, este órgão do governo procurou alterar a direção de um olhar para mulheres e para homens como elementos isolados, para um olhar que se concentra nas relações interpessoais e sociais através das quais homens e mulheres são mutuamente constituídos como categorias sociais desiguais, mencionando também que entender as

diferenças biológicas entre homens e mulheres se constituem culturalmente em desigualdades sociais e na hierarquização do poder entre sexos, através de relações sociais historicamente determinadas. Não obstante, o “MINFAMU” adota o conceito de “equidade” e não de “igualdade” de género. Segundo o “MINFAMU” o conceito de “equidade” está associado à adequação, ou seja, às políticas públicas não devem atingir todos de forma igual ou proporcional à população, e serem adequadas às necessidades do indivíduo e ao meio no qual o mesmo está inserido. Segundo o Ministério os mais necessitados devem ser alvos de tais políticas, no sentido de garantir sua inclusão económica, social e política, com objetivo de promover o equilíbrio, para que se possa propor igualdade. (Mulher, 2007, pp. 7-10)

Segundo o Ministério da Família e Promoção da Mulher a trajetória da mulher Angolana é complexa e diversa, ou seja, as mulheres tiveram um papel importante ao lado dos homens durante a luta armada e subsequentemente na liderança das organizações femininas dos movimentos de libertação nacional. As mesmas organizações feministas também foram importantes no período após a Independência por continuarem a trabalhar em prol da promoção da mulher e igualdade de direitos. Entretanto, as mulheres angolanas continuaram sistematicamente excluídas de uma participação significativa nas várias negociações de paz durante o conflito armado. Por esta razão, as oportunidades para as mulheres contribuírem para o progresso de desenvolvimento tendem a descer. Embora, segundo o Ministério exista atualmente um número mais elevado de mulheres em posições de tomada de decisão, comparado com período inicial após independência. Entretanto, o relatório de progresso da ODM (Objetivo de Desenvolvimento do Milénio) de 2005, aponta que na vida ativa as mulheres constituem 70% da força de trabalho do setor informal. O legado do conflito armado causou mudanças ao nível das estruturas dos agregados familiares e das relações maritais, ou seja, segundo o Ministério a ausência do homem durante o conflito fez com que as mulheres assumissem papéis adicionais e responsabilidades para apoiar as suas famílias. Tal facto é visível na maneira como a autoridade e tomada de decisão passou informalmente para as mãos das mulheres. Tal ausência masculina ao nível dos agregados, trouxe também uma transformação nos arranjos das famílias no meio urbano, principalmente com o aparecimento de um elevado número de mulheres de facto “chefes de família”. Porém a falta de formação formal de um elevado número de mulheres não lhes permite competir no mercado de trabalho em pé de igualdade com os homens. (Mulher, 2007, pp. 14-15)

Contudo, o Ministério da Família e Promoção da mulher faz uso de algumas Cartilhas [Fig. 3], como forma de dar a conhecer e sensibilizar a população. Não devemos esquecer que o Ministério também faz menção ao dia 8 de março, conhecido como março mês da mulher. Durante este mês, fazem-se eventos em todo o país e no estrangeiro, sobre, com e para Mulher, ou seja, a sua evolução e promoção; social e profissional; a sua presença benéfica na promulgação de leis (a lei contra a violência doméstica); no combate ao Analfabetismo; nos Direitos e Igualdade do Género; e na Construção do País – no comércio como empreendedoras; na agricultura com seu trabalho braçal nas lavras ou na agricultura de subsistência, ou seja, *“A mulher tem sempre lugar em qualquer das atividades que promovem Angola”* (Delgado, 2014, p. 2). (Delgado, 2014, p. 2)

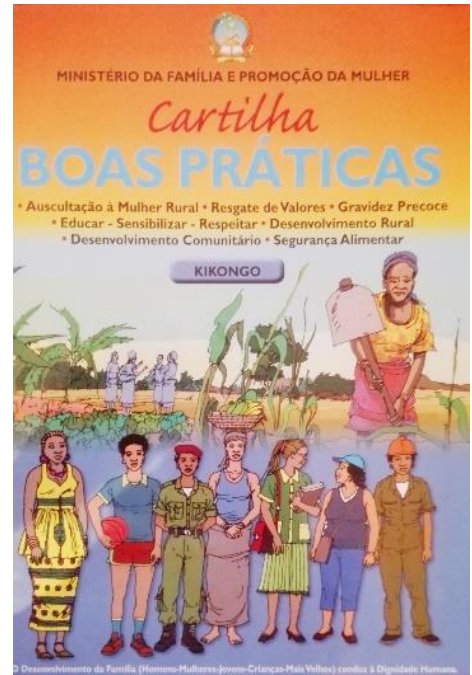


Figura 3 - Cartilhas. Ministério da Família e Promoção da Mulher. Fonte: (Mulher, 2007)

Contudo este subcapítulo, aparece como uma pequena introdução a toda a conversa em torno da mulher africana pois, do ponto de vista deste trabalho é importante perceber os órgãos que promovem e divulgam a imagem da mulher africana, servindo assim como ponto de partida para o entendimento do feminismo no território africano.

## 1. 2. Feminismo africano

Neste subcapítulo, abordaremos questões relacionadas com o feminismo africano, que se tem distanciado do termo “Patriarcado” e do feminismo branco. Segundo as feministas negras e africanas, foram consideradas a experiência das mulheres brancas ou das feministas brancas mais adequadas, e vistas como padrão para todas as mulheres. No entanto, as feministas africanas não se revêm nestes padrões, pois segundo elas, temos de ter em conta todo um contexto histórico e territorial. Apresentaremos também diferentes abordagens de feministas africanas como por exemplo: o Womanism de Chikwenye Ogunyemi; o African womanism de Cleonora Hudson-Weems; o Stiwanism de Molar Ogumdi-leslie; Motherism de Catherine Acholonu, e por fim o Negofeminismo por Obioma Nnaemeka. Porém ilustraremos também como é vista a prática do feminismo em território angolano, e quais as dificuldades de ser-se mulher feminista naquela sociedade. Para o efeito, utilizaremos o discurso de duas feministas Angolanas efetuada em uma entrevista, ou seja, Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho.

Não obstante, acerca do referente tema Soares (2014) menciona que, Kramarae, C. (1993), refere que o termo “Patriarcado” foi bastante utilizado por feministas como a maior explicação da opressão de mulheres no mundo, ou seja, o patriarcado surge como um sistema comum à subjugação das mulheres. Entretanto, a relação de amizade e irmandade entre as mulheres serviu de base primordial do feminismo da segunda vaga (últimas décadas do século XX). Do ponto de vista das feministas só esta relação de respeito e de amor mútuo, compreensão e solidariedade face ao sofrimento e abuso experienciado por mulheres, tem a mesma força de subversão e libertação da opressão patriarcal. Não obstante, é alarmante o facto de todos os textos publicados nos anos 70 e 80, se concentrarem unicamente na figura da mulher branca da classe média, cuja experiência da vida dentro da sociedade branca e patriarcal passou a ser a experiência universal de todas as mulheres, em todo o mundo, ou seja, problema enfrentados por mulheres brancas, como por exemplo, a falta de oportunidades no mercado de trabalho e na vida académica, domesticidade forçada e supremacia masculina, tornando-se os principais problemas de todas as mulheres. Segundo Soares (2014), Bartky, S. (1998) refere que as mulheres eram meramente bonecas, objetos de decoração sem voz própria e vontade de dar rumo à sua vida (Soares, 2014, pp. 6-7).

Entretanto, Mulheres intelectuais afro-americanas e outras mulheres de cor que entraram em diálogo com as principais características tratadas no feminismo chamado hegemónico, criticaram o pensamento feminista existente durante a segunda vaga como refere Thompson, B. (2002). Basicamente, alegavam que o feminismo branco tentava

posicionar-se na prática política, enquanto o único movimento feminista que possuía a legitimidade para tal, segundo Amos & Parmar (1984), ou seja, a experiência das mulheres brancas foi considerada a mais adequada, de maior importância e quase universal, anulando e ignorando toda a panóplia de outras experiências vividas por parte das mulheres negras. No entanto, Amos e Parmar justificam que o pensamento feminista da segunda vaga nunca se preocupou devidamente a questão do racismo enraizados nas sociedades ocidentais. Portanto, a ausência da questão da raça na escrita e na prática feministas da época contribuiu para uma má visão entre as feministas brancas, empurrando assim a história das mulheres negras para as margens da consciência e do conhecimento. Porém, nos Estados Unidos surgiam várias intelectuais negras que lutavam contra essa tradição de apagamento histórico e cultural das mulheres negras, com o objetivo de colocar as mulheres negras no centro do movimento feminista, devolvendo-lhes o reconhecimento que mereciam. Fazem parte deste grupo de intelectuais que tentavam dar voz às mulheres que foram silenciadas pelo *mainstream* cultural, histórico e feminista Angela Davis (1944), Audre Lorde (1934-1992), Barbara Smith (1946), bell hooks (1952), Frances Bell, Julianne Malveaux (1953), Toni Cade Bambara (1939-1995) e Patrícia Hill Collins (1948), entre outras. (Soares, 2014, pp. 7-8)

Angela Davis (1981), refere no seu importante livro “*Women, Race and Class*”, que nos estudos e pesquisas feitos por investigadores/as americanos/as não houve espaço para, nem interesse em incluir as mulheres negras. E portanto, a promiscuidade e sexualização dos negros no mundo académico fez com que a mulher negra fosse considerada como “fácil” e sempre disponível sexualmente, segundo as académicas negras feministas, esta imagem continua até aos dias de hoje prejudicando a situação da mulher negra na sociedade contemporânea refere Gilman, (1985); hooks, (1982), (1998), (2000), (2003); e Collins em (2000). Certas diferenças, segundo Gilman, S. serviam para diferenciar e valorizar hierarquicamente a raça negra e branca com o objetivo de elevar a raça branca, ou seja, a mulher branca, mesmo oprimida em alguns aspetos na sociedade, encontrava-se em posição de superioridade em relação à mulher negra que fazia parte do fundo da camada social. Na literatura do século XIX a mulher negra era muito associada à prática de prostituição. E por esta razão, bell hooks 1982, no seu livro “*ain’t I a Woman*” analisa a vida das mulheres escravas transportadas para o Estados Unidos onde foram sujeitas a todos os tipos de abusos, assim como abusos sexuais por parte do seu dono branco. Portanto baseado na autora, bell hooks conta que toda a estereotipia ligada à sexualidade ilícita e devoradora das mulheres negras tem raízes no sistema de escravatura (Soares, 2014, pp. 8-9).

Relativamente ao conceito de irmandade, nos Estados Unidos os negros já expressavam este sentimento, mas de maneira diferenciada, nos tempos da luta pelos direitos

dos negros. E por isso, no seio da atividade política das mulheres em prol da libertação dos negros, nasceu a consciência de que as mulheres foram subjugadas e forçadas à submissão. Entre as mulheres brancas que defendiam a abolição da escravidão e os direitos das mulheres, não havia nenhuma mulher negra. Não obstante, o racismo dentro do movimento em prol das mulheres era cada vez mais evidente, principalmente quando começou a campanha pelo direito ao voto, no seio do movimento sufragista. As sufragistas Elizabeth Candy Stanton (1815-1902) ou Susan B. Anthony (1820-1906) opuseram-se fortemente à emancipação política dos homens negros, se o direito ao voto não fosse concedido às mulheres brancas, segundo Davis, A. (1981). Desta forma, quer dizer que as mulheres negras nem sequer foram consideradas como merecedoras de um dos direitos básicos da democracia. Foram ignoradas enquanto mulheres e cidadãs pelas suas irmãs brancas como refere Sheftall-Guy, (1995). Entretanto, bell hooks conta, que durante muito tempo, as académicas feministas negras não foram aceites pelos seus pares, bem como, nas organizações feministas brancas que trabalhavam no terreno, faltou lugar para as mulheres negras, como por exemplo NAWSA<sup>1</sup> (Soares, 2014, p. 11).

Soares (2014) menciona que Audre Lorde feminista negra, lésbica, poeta, no seu volume de ensaios e discursos compilados num livro sob o título “*Sister Outsider*” (2007), realça o facto das mulheres negras académicas nunca serem convidadas para conferências, e quando são, é em números reduzidos. A autora refere também que a recusa ou a falta de vontade de estudar a palavra escrita por mulheres negras, de incluir as suas obras nos programas de estudos sobre as mulheres ou nas disciplinas relacionadas com a literatura das mulheres é devido ao facto das mulheres negras continuarem a não ser vistas enquanto pessoas na sua totalidade, sujeitos independentes com um conjunto de ideias, observações, histórias e vivências por contar. Todavia, Audre Lorde (2007b) no seu artigo “*The Master’s Tools Will Never Dismantle The Master’s House*”, autora refere que o grande erro do feminismo tem como base a tentativa de tolerar as diferenças, em vez de usar a seu favor para reforçar as relações entre as mulheres. Segundo Lorde, (2007b), a diferença é como uma fonte de criatividade e pode servir como força inspiradora que contribui muito mais para a aproximação mútua do que o silêncio, o medo e a separação. Entretanto foi publicada uma antologia “*The Black Woman*” (1981) e editada por Toni Cade Barbara Smith como refere James & Busia, (1993), entre outras, com objetivo de reavivar a visibilidade da mulher negra. O grupo de feministas negras e lésbicas, the Combahee River Collective, fundado por Barbara

---

<sup>1</sup> National American Woman Suffrage Association, formada em 18 de fevereiro de 1890, para trabalhar para o sufrágio feminino nos Estados Unidos.

Smith também se posicionou na cena cultural e feminista da época, publicando em 1974 uma importante declaração acerca das questões como o racismo, a opressão multifatorial, o sexismo, a hegemonia heterossexual e a opressão de classe, segundo the Combahee River Collective, (2003). (Soares, 2014, pp. 12-16)

Soares (2014) conta também que Maria W. Stewart (1803-1879) uma das primeiras intelectuais negras já no século XIX reconheceu a necessidade das mulheres negras negarem toda a estereotipia à sua volta com base em Collins, (2003), Sheftall-Guy, (1995). Argumenta também, que a opressão das mulheres negras tem múltiplas caras, sendo uma delas a opressão de género, outra a opressão da classe e a terceira a opressão de raça. Stewart encoraja as mulheres a seguirem o exemplo dos homens na luta pela independência e autonomia pessoal, reclamando os seus direitos e privilégios. No século XIX, as mulheres negras pronunciaram-se contra o linchamento, o racismo, a falta de condições humanas e outras injustiças feitas aos negros dos Estados Unidos, desde os tempos da escravatura como conta Mama, (1995). Entretanto, a escrita das mulheres como Anna Julia Cooper (1858-1964), por exemplo, tornou-se uma arma de intervenção cultural e política, pois seus textos atacavam fortemente as práticas de exclusão de mulheres/feminismos brancos, acusando-as de falta de solidariedade, refere Guy-Sheftall, (1995). As mulheres brancas tiveram a sua parte na consolidação do sistema patriarcal que criou e reforçou as estruturas sociais que se baseavam no racismo e sexismo. Segundo Ann Cooper (s.d.), se o racismo tivesse sido erradicado do movimento feminista, teria sido benéfico para as próprias mulheres brancas. (Soares, 2014, pp. 16-17)

Efetivamente, as mulheres negras não se reviam no pensamento do feminismo branco, visto que as experiências do quotidiano dos dois grupos eram totalmente diferentes, para não dizer opostas, principalmente a nível económico. Segundo (Soares, 2014, p. 18) “*Os padrões de feminilidade que se aplicavam às mulheres brancas (enquanto fadas de lar, mães perfeitas, etc.) não eram compatíveis com as mulheres negras que se viam obrigadas a trabalhar desde terna idade e depois, na vida adulta, para sustentar a família. O direito ao aborto, invocado por muitas mulheres brancas também se revelou menos adequado às mulheres negras que, frequentemente, foram forçadas à esterilização ou a contraceção contra a sua vontade*” como refere Altekruse & Rosser, (1993). Uma das questões que reforça esta separação entre as feministas brancas e negras é a atitude perante os homens como conta Joseph & Lewis, (1981). Com base em Lewis (1981), do ponto de mulheres negras, as feministas brancas fizeram o necessário para se separarem dos homens, ou seja, apontando os homens como principais responsáveis pela situação precária das mulheres. Na sua vertente radical, “*o feminismo imaginou o espaço sem homens onde a criação e o*

*individualismo no feminino podiam encontrar todas as condições para o empoderamento e valorização da mulher*” (Soares, 2014, p. 19). Diferente das mulheres negras, que não queriam e não podiam criar o seu próprio mundo separado dos homens, uma vez que para as mulheres negras os homens eram irmãos de luta contra a discriminação racial e era com eles que faziam todos os esforços para sobreviver no seio da sociedade racista. Filomena Chioma Steady (1993) argumentou que o conceito de irmandade, nestes casos de diferentes realidades mais o racismo do movimento feminista, torna-se perigoso, pois oculta os verdadeiros problemas das mulheres negras. Segundo a autora para evitar uma certa apatia dos feminismos e para prevenir que o sistema patriarcal se reproduza e seja cada vez mais consistente, as lideranças dos movimentos feministas têm de incluir as mulheres de minorias étnicas pois enquanto existirem mulheres excluídas do movimento, anular-se-ão os objetivos de promoção da igualdade entre os sexos a fim de acabar com a discriminação. (Soares, 2014, pp. 17-19)

Nas décadas seguintes, as feministas sentiram a necessidade de pensar e teorizar as questões relacionadas com o género, pois elas deviam estar relacionadas com fatores sociais, ou seja, o género tinha que ser analisado criticamente juntamente com os fatores de classe, raça, origem étnica, orientação sexual, idade, entre outros. Todavia, as mulheres, no discurso nacionalista e libertário, eram apresentadas como guardiãs das tradições e como uma garantia de continuação cultural e religiosa de um povo. Entretanto as mesmas mulheres em África segundo Wanjira Muthoni eram expostas a mutilação genital feminina sem que elas pudessem na maioria das vezes reclamar pelos seus direitos. (Soares, 2014, pp. 20, 24, 29)

Enquanto que nos anos oitenta do século XX era a década dos feminismos de mulheres de cor e dos feminismos afro-americanos, a década seguinte assistiu ao desenvolvimento do feminismo africano. Enquanto que os feminismos afro-americanos criticavam os feminismos brancos de mulheres de classe média por se esquecerem da realidade e desigualdades com as que as mulheres negras se confrontavam, os feministas africanos lutaram e exigiram do feminismo ocidental a inclusão nas usuais análises de aspetos que ultrapassavam questões de género, como por exemplo colonialismo, etnicidade e imperialismo. Entretanto, umas das principais diferenças entre o feminismo ocidental e o feminismo africano, está relacionado com o facto de que a noção de feminilidade não significa exatamente a mesma coisa para as sociedades ocidentais e africanas. O ser-se “mulher” não pode ser visto separado do seu contexto, pois “Mulher” não constitui somente um papel social, uma identidade, uma posição ou uma localização como acontece no feminismo e na cultura ocidental. Antes de mais, “mulher” é uma soma de inúmeras posições, papéis e significados segundo, Oyewumi, (1997), (2003). Segundo Oyeronke Oyewumi, cada indivíduo ocupa múltiplos contextos que não estão separados um do outro, interagindo-se, misturando-se e

influenciando-se mutuamente. O mesmo acontece em relação ao poder, ao privilégio e à desigualdade. Entretanto a autora acusa a cultura e o feminismo ocidental de terem “imposto” os seus valores e as suas soluções socioculturais no corpo africano, ou seja, inúmeras ideias ocidentais que não se enquadram com à realidade africana. (Soares, 2014, p. 33)

Em muitas sociedades africanas a “feminilidade” é só um dos aspetos da pessoa e ultrapassa o papel social, e por isso, não faz sentido falar de género enquanto categoria sociocultural, mas sim baseado na diferença biológica. Enquanto no discurso ocidental o corpo é uma base da caracterização do género, no discurso africano a distinção entre sexo e o género não se resume na epistemológica do ser, devido ao facto de, em muitas sociedades africanas, existirem numerosas categorias sociais que não têm as suas origens na distinção corporal dos sexos. Como por exemplo veja-se a categoria o *“female husband”* o Igbo (um dos maiores grupos étnicos no leste, sul e sudeste da Nigéria, Camarões e Guiné Equatorial) onde uma rapariga mais velha entre os filhos poder ser escolhida pelo seu pai, na ausência de um herdeiro masculino, assumindo o papel social de um homem, ou seja, biologicamente a filha é uma menina, mas o seu “género social” (o rapaz) tem mais peso na sociedade do que o biológico, segundo Sudarkasa, (1986). Entretanto, Ogundipe-Leslie (1994) concorda com os argumentos de Oyewumi e de Sudarkasa justificando que as relações interpessoais nas sociedades africanas ultrapassam a relação de género, por isso torna-se errado analisar as mulheres africanas somente na sua interação com os homens. Portanto, o casamento pode ser muito mais do que uma relação entre dois sexos. Okome (2003) conta que não existe igualdade entre homens e mulheres, mas, entretanto, também não existe igualdade entre as próprias mulheres só por elas partilharem o mesmo sexo biológico. *“na sociedade Ibo na Nigéria, mulheres que entram na família através do casamento não gozam do mesmo estatuto que as filhas (as irmãs dos maridos). As esposas mais novas não recebem o mesmo tipo de tratamento que as esposas seniores. Uma mulher chefe tem mais poder do que qualquer mulher ou homem. E, por fim, um homem rico tem o estatuto mais elevado do que um homem pobre”* (Soares, 2014, p. 34). Por sua vez, Sylvester (1995) conta que, no Zimbabwe, existe um grupo de mulheres trabalhadoras em propriedades agrícolas que não tinham noção de serem mulheres nem da sua “feminilidade”. (Soares, 2014, p. 34)

Todavia, outro fator de diferenças entre feminismos africanos e ocidentais é a atitude perante os homens, o mesmo homem africano que é considerado pelo lado ocidental o único opressor das mulheres africanas. Nos anos 80 e 90 do século XX, conclui-se então que existe uma guerra entre homens e mulheres africanos. Sendo a solução encontrada pelas mulheres africanas, à criação de um mundo autónomo separado dos homens com a estética e economia emocional adequada a mulheres. No entanto, as mulheres africanas e afro-americanas

rejeitaram esta visão do feminismo argumentando que problemas com os quais se confrontam as mulheres e os homens africanos, a pobreza, a exploração capitalista, a falta de recursos básicos como a água, a corrupção política, entre outros, exigem a cooperação entre os sexos, assim como, para encontrar soluções para os mesmos problemas. Isso quer dizer que, o feminismo africano tem como base a solução pacífica, mais humanista e sempre na procura de garantir o bem-estar dos dois sexos. Esta perspetiva assenta na cultura africana que manifesta seu interesse pelo coletivo, ou seja, o bem da comunidade é de maior importância do que o bem individual. Por isso, no sistema que valoriza a comunidade e o coletivo, o papel da mulher dentro de uma comunidade é mais estimado, ou seja, a mulher é vista como mãe, traz vida ao mundo, garante e assegura a regeneração espiritual dos anciãos. Sendo a mãe, transmite a cultura e constitui o centro da organização social. Entretanto relativamente a questão da maternidade Dove, N. (1998) afirma que a maternidade vai para além das relações de sangue e de género, o que quer dizer, que uma outra pessoa, membro da família, ou não, pode desempenhar o papel da mãe pois ela representa uma fonte da força, do reconhecimento, do empoderamento e do estatuto da mulher na sua comunidade. Neste sentido, a maternidade, ilustra os valores de comunidade, da importância do outro e de formas de resistência. A tarefa de “*othermothering*”, é das mais gloriosas tarefas da mulher do continente africano, pois uma mulher mesmo que não tenha filhos biológicos, pode ser protegida emocionalmente através do seu papel da “mãe dentro da comunidade”, que lhe concede um estatuto da mulher sábia e respeitada. (Soares, 2014, pp. 34-36)

Carol E. Boyce Davies (1994), na introdução de Molaria Ogundipe-Leslie intitulado “*re-creating Ourselves: African Women & Critical Transformations*”, conta que houve várias tentativas de silenciar as vozes minoritárias, de ignorar as vozes de mulheres negras africanas, anuladas pelas vozes provenientes do *mainstream* feminista. Audre Lorde no seu “discursos Transformativos” no seu ensaio “The transformation of Silence into Language and Action”, (2007). Expresso por mulheres africanas, com a finalidade de erguerem sua voz para falar das suas realidades, apresentando propostas e alternativas ao feminismo ocidental. Neste sentido, segundo Obioma Nnaemeka (1948), académica e feminista nigeriana, as mulheres africanas devem ter o poder de nomear, de chamar as coisas, e poder de lhes atribuir o nome. Portanto, o termo “feminismo” suscitou em África inúmeras dúvidas e resistências entre as próprias feministas africanas e escritoras. Uma vez que as mulheres africanas não se reviam com o feminismo branco global e imperial fez com que elas se distanciassem do próprio termo. Esta resistência constitui também uma forma de reação contra a leitura e apropriação dos textos escritos por elas por parte das feministas brancas que incluem as suas regras, atribuindo aos textos e aos pensamentos de mulheres africanas as características do feminismo branco. Consequentemente, com o objetivo de se nomearem

e identificarem, as mulheres africanas trabalharam no sentido de desenvolver a terminologia e os conceitos do pensamento centrado nas mulheres, o que nós, no mundo ocidental, chamaríamos de “feminismo”. Surge então um novo conceito do feminismo africano ligado a uma posição/ pensamento chamado em inglês “*womanism*”. No contexto afro-americano o termo é atribuído à Alice Walker (1944). Segundo Alice Walker, o *womanism* é um conceito mais completo e eficiente do que aquilo que o feminismo defende a respeito de relações entre dois sexos. Para a autora o conceito de *womanism* é mais amplo porque não se limita unicamente às questões relacionadas com a discriminação na base do sexo, mas procura encontrar respostas aos problemas de racismo, da identidade étnica das pessoas, às questões de cariz económico e social. Entretanto, segundo Susan Arndt, o conceito estudado por Walker, ignora o problema de separatismo uma vez que para Alice Walker as mulheres brancas não podem ser incluídas no fenómeno. Somente as mulheres negras poder ser incluídas neste conceito, ou seja, nem os homens negros são incluídos. (Soares, 2014, pp. 36-38)

#### **1. 2. 1. Stiwanism de Molar Ogundipe-Leslie (1994)**

Molar Ogundipe-Leslie em 1994 cria um novo conceito denominado “*stiwanism*” formado a partir de acrónimo “Social Transformation Including Women of Africa” como refere Awuor, A. (1996). Segundo Molar as mulheres devem participar na vida política, ou seja, as mulheres africanas devem tomar responsabilidades por si próprias no sentido de desenvolverem os seus interesses, de se envolverem na vida da comunidade, tornando-se ativas. Segundo a autora, a verdadeira emancipação das mulheres aparecerá quando elas próprias se tornarem agentes da sua mudança. Ogundipe-Leslie afirma que as relações de género constituem a parte fundamental na vida e só podem ser alvo de transformação se as transformações básicas sociais tiverem lugar, sendo isto válido somente para as mulheres africanas. Entretanto este novo termo protege a autora de acusações relativamente a aliar-se ao feminismo. (Soares, 2014, pp. 41-43)

#### **1. 2. 2. African Womanism de Cleonora Hudson-Weems (1945)**

A afro-americana Cleonora Hudson-Weems inventou o seu contexto do feminismo africano denominado “*Africana Womanism*” nos anos noventa do século XX. O *Africana womanism* rompe qualquer tipo de ligação com o feminismo branco ocidental, pois neste caso, as questões de género e das relações de género nem sequer são questionadas e as mulheres negras africanas que concordam com o pensamento feminista são acusadas de traição e copiadoras do pensamento imperial e colonizador. Ser “*womanist*” africana leva-nos a pensar em mulheres que lutam ao lado dos homens, em pé de igualdade, pela libertação dos dois

sexos podendo contruir uma nova sociedade. Entretanto Hdson-Weems não se concentra em questões relacionadas com a raça/ racismo, embora a palavra “*africana womanism*” remete para a pertença étnica. (Soares, 2014, pp. 40-41)

### **1. 2. 3. Motherism de Catherine Acholonu (1991)**

No seu livro publicado em 1991, no subtítulo denominado “*Afrocentric alternative to feminism*” Catherine Acholonu sugere “*motherism*” como uma alternativa ao feminismo. Acholonu levantou a teoria de que a maternidade significava também natureza (*nature*) e cuidado (*nurture*), aspetos que concedem à mulher um grande poder. Entretanto, do ponto de vista de Catherine Acholonu a mulher enquanto mãe tem um papel e o dever de cuidar da sua família, proteger a característica natural da família, da criança, da sociedade e do ambiente, com base em Arndt, (2002). Ambos, homens e mulheres, podem aderir ao conceito de *motherism*. Porém, novamente a questão de género não é central na teoria proposta por Catherine Acholonu, e isto deve-se, afirma Susan Arndt, que segundo Acholonu, nas sociedades tradicionais africanas não existia opressão de género. Assim como Acholonu, Oyeronke Oyewumi, partilha da opinião que o equilíbrio entre os sexos e a igualdade de género existente nas sociedades africanas, antes da chegada do colonialismo foram destruídos pela imposição das soluções e estruturas ocidentais no terreno africano. Um dos objetivos do colonizador era enfraquecer o poder e a influência que as mulheres tinham nas sociedades africanas, pois elas representavam uma resistência para a colonização. Assim, além da negligência e da violação dos direitos humanos, a colonização acarretou novas relações entre os sexos prejudicando a situação da mulher em geral. Em termos sociais e económicos, as mulheres passaram a ser mais dependentes dos homens. Todavia, Catherine Acholonu, assim como, algumas outras “feministas” africanas, não concordam com as mulheres africanas apoiantes do feminismo ocidental, ou seja, para elas seria quase um suicídio para uma mulher africana adotar ideologias do feminismo ocidental sem se preocupar com as diferenças históricas, culturais e sociais das duas culturas. Porém, segundo autora o que se deve procurar é a complementaridade dos sexos e não a igualdade. (Soares, 2014, pp. 43-44)

### **1. 2. 4. Womanism de Chikwenye Ogunyemi (1996)**

Chikwenyé Okonjo Ogunyemi, a crítica literária, autora do famoso livro “*African Wo/Man Palava. The Nigerian Novel By Women*” publicado em 1996 desenvolveu a sua própria versão do conceito *womanism*. Igualmente Alice Walker, Ogunyemi concorda que o *womanism* africano é uma forma de feminismo: “*African womanism belives in the freedom and Independence of women like feminism*” como refere Arndt, (2002). Segundo Ogunyemi, o

conceito do womanism realça que as questões de género não são e não podem ser separadas dos outros fatores e das realidades que, juntamente determinam a vida das mulheres no seu contexto familiar, local e comunitário. Em *“African Wo/Man Palava”* Ogunyemi não só separa a sua visão do feminismo africano (womanism) da do feminismo branco ocidental, como também se afasta do feminismo afro-americano, pois considera que não tomam em conta a realidade e as especificidades africanas. A autora argumenta que só as mulheres africanas podem ser seguidoras do womanism. *“o womanism braça e celebra raízes negras, os ideias da cultura negra e oferece uma visão refrescante de feminilidade negra. Faz parte da tentativa de criar o seu próprio termo/nom, de se autoidentificar sem deixar esta tarefa a outros”* (Soares, 2014, p. 40). (Soares, 2014, pp. 38-40)

### **1. 2. 5. Negofeminismo por Obioma Nnaemeka (2004)**

O *Negofeminismo* é um termo proposto por Obioma Nnaemeka e incorpora a visão do feminismo da negação e por isso o prefixo “nego” – é o feminismo sem egoísmo, o feminismo que assenta no valor da comunidade, segundo Nnaemeka, (2004). Ela acredita que o feminismo africano é igualmente rico e diversificado como a própria África, e propõe o termo não propriamente para ocultar as diferenças e as diversidades do pensamento centrado na mulher, mas para dar ênfase às práticas que lhe parecem comuns nas sociedades africanas, relativamente, os valores, atitudes e instituições que são comuns para as nações e povos de África Subsaariana. No conceito de negofeminismo predominam os valores de compromisso – de dar e receber – do equilíbrio e da harmonia. *“A ideia chave é que o feminismo africano desafia, luta e desconstrói as velhas estruturas sem entrar em conflito com homens e com a sociedade sabendo como negociar o espaço cultural e político onde as mulheres podem exercer os seus direitos da cidadania”* (Soares, 2014, p. 45). (Soares, 2014, pp. 44-45)

### 1. 2. 6. Feminismo em Angola: Ondjango Feminista

Segundo Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho “o patriarcado é muito eficiente em dividir as mulheres em categorias de “santas” ou “não santas”, mas também é muito eficiente em nos manter confortavelmente nos nossos espaços. Homens e mulheres. Então, precisamos de conversar mais”. (André, 2016)

Segundo Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho [Fig. 4], Ondjango Feminista é uma plataforma criada para mulheres feministas angolanas, aonde fosse possível debater questões relacionadas com os direitos da mulher. A ideia surge após um encontro em um fórum feminista africano no Zimbábue, aonde elas perceberam a necessidade de se criar um espaço para as mulheres em Angola. Entretanto, após constatarem a adesão de algumas mulheres que se identificavam com o Feminismo na plataforma virtual, sentiram a necessidade de criar um espaço físico, onde pudessem passar do verbo à ação no sentido de intervir através da abordagem mais coordenada, mas visível sobre a questão da mulher. Não obstante, um dos objetivos de Ondjango Feminista [Fig. 5] passa também por organizar encontros mensais em que se debruçam sobre vários assuntos relacionados com a mulher. Portanto, as ativistas também organizam encontros de estratégia, que utilizam para efetuar planos de ação e



Figura 4 - Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho, feministas membros do Ondjango Feminista. Fonte: (André, 2016)



Figura 5 - Logotipo Ondjango Feminista. Fonte: (Feminista, 2017)

desenvolvem atividades que possam sustentar o seu ativismo. Uma das atividades desenvolvidas está relacionada com uma campanha de sensibilização sobre a violência contra as mulheres e raparigas em Angola. Quer dizer, através de um formulário virtual de acesso público em que qualquer pessoa pode efetuar uma denúncia sobre atos de violência cometidos contra as mulheres e raparigas dentro do território angolano. (André, 2016)

No entanto, Sizaltina Cutaia conta que a questão da violência contra a mulher em Angola é o problema que mais impacto tem quando falamos da condição das mulheres. Segundo Cutaia, existe uma naturalização da violência contra mulher e que essa naturalização está ligada à forma como a sociedade constrói as identidades dos homens e das mulheres e dos papéis sociais que lhe são atribuídos. À mulher que se revolta face ao cumprimento desses papéis que a sociedade lhe confere, a violência contra ela torna-se

justificada, e não existe do ponto de vista institucional, uma abordagem séria, de uma perspetiva de justiça para a questão da violência contra a mulher. Entretanto, Âurea Mouzinho, argumenta que estas questões são fenómenos de proporções globais e, portanto, deve deixar de olhar-se como um crime específico em Angola. É um crime que não tem como base a condição económica, social ou política, mas sim num processo ideológico que constrói uma supremacia masculina. Esta desigualdade que se cria entre os homens e as mulheres está relacionado com um problema denominado patriarcado, ou seja, a ideia de que os homens são superiores às mulheres, de que os corpos das mulheres pertencem aos homens, entre outras questões. Então quer dizer com isso, que quando o corpo da mulher não pertence a ela, pertence ao homem, ele pode dispor desse privilegio e isso inclui a mutilação desses corpos, a violência emocional e todas as outras físicas e sexual. Segundo Âurea Mouzinho, deve-se criar legislação que traga maior proteção às mulheres. Porém, para além da perspetiva da legalidade, ou seja, escrever os direitos, ter os direitos pautados, é claramente importante a perspetiva da desconstrução das ideias que se criou em torno do género, da feminilidade, da masculinidade, pois essa é uma das bases da violência contra a mulher. (André, 2016)

As autoras argumentam que somos todos seres humanos, por isso, merecemos ser tratados da mesma maneira, usufruir dos mesmos direitos. Apesar da diferença biológica não existe diferença entre homens e mulheres, ou seja, não há necessidade da divisão de género em relação ao trabalho doméstico, nem no setor privado ou público. As mulheres são tão capazes quanto os homens e ninguém deve estar submisso ao outro. Portanto, este processo de desconstrução deve ser mais importante do que a da legalidade, pois não se trata apenas de um processo penal, mas essencialmente da construção de uma identidade nova baseada nos valores da justiça, da igualdade e valores que tragam a dignidade a todos os seres humanos independentemente do sexo. Obviamente que é necessária uma legislação, mas Angola é um país que produz imensas legislações e muitas das vezes não se efetivam. Existe uma falta de mecanismo dentro do sistema que desencoraja as mulheres na procura de proteção. Portanto, mais do que criar legislação é necessário investir na formação dos quadros, e na criação de condições. Todavia, outras questões que alarmam Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho primeiramente está relacionada com os direitos sexuais e reprodutivos, ou seja, o facto de em Angola se criminalizar o aborto. Segundo elas são vários os fatores que levam a que uma mulher queira terminar uma gravidez, e por isso não concordam com a questão. A segunda questão é a condição social e económica das mulheres, ou seja, se olharmos para o setor informal da nossa sociedade, vamos perceber que ele é composto por maioritariamente mulheres. Não é porque as mulheres sabem trabalhar menos, mas sim, porque a própria sociedade está constituída de tal forma que faz com que as mulheres fiquem

sempre no baixo da pirâmide. Efetivamente, com base nas autoras criam-se políticas que são absolutamente violentas no sentido de agravar ainda mais a condição dessas mulheres, como por exemplo, quando surgem políticas de taxa de cobrança de vendas na rua, uma vez que é daí que a maior parte das mulheres retiram seu sustento. Quando essas políticas criminalizam a informalidade, está a aumentar-se o buraco entre os elementos da sociedade em função do sexo. A informalidade em Angola é composta essencialmente por mulheres, e por isso, ao criminalizá-las está-se também a violar os direitos económicos. (André, 2016)

Uma terceira questão é a saúde da mulher. Segundo as autoras a taxa de mortalidade das mulheres em Angola é muito elevada exatamente porque existem poucos cuidados com a saúde da mulher de um modo geral. Todavia, consideram que existe um crescimento do ponto de vista da representação, quer a nível do parlamento, quer ao nível dos governos provinciais, administrações municipais, mas à medida que vamos descendo a nível das administrações dos Estados, encontramos inúmeras mulheres. Entretanto a administração por si só é importante porque precisamos de criar um modelo, um incentivo, e as mulheres precisam de estar nestes lugares de poder. Mas só a representação não resolve, não necessariamente se transforma nas mudanças das condições das mulheres. Efetivamente, é importante ter mulheres no parlamento, mas, mais importante é dar espaço para que essas pessoas possam utilizá-lo para fazerem a mudança. E isso só será possível se se politizarem as questões. Tem de politizar-se no sentido de nos questionar porquê, se a maioria da população é mulher? E essa maioria continua a ser a menos privilegiada, a mais pobre, a mais violentada. Negam os direitos à mulher de se realizar de forma social e económica. Portanto, é necessário desconstruir essa forma de ver a questão da superioridade por parte dos homens. (André, 2016)

Porém, Cutaia e Mouzinho alegam que nos órgãos de comunicação social a cultura é sempre utilizada quando é para julgar as mulheres, negar direitos, quando é para dizer “a mulher tem que ser submissa”, o que não acontece para emancipar a mulher, para conceber direitos, para conceber dignidade, ou seja, existe uma tendência enorme para confundir também a cultura com religião, uma vez que a religião é um dos maiores opressores das mulheres. Sendo assim, as autoras consideram que se deve banir o mal que retira o elemento de dignidade do outro. Usam como exemplo a cultura Ubuntu<sup>2</sup> que valoriza a dignidade, a humanidade no outro e na outra. (André, 2016)

---

<sup>2</sup> Ubuntu é uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade. Filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras.

Do ponto de vista de Âurea Mouzinho não é fácil ser feminista na sociedade angolana pois são conotadas como sendo contra a cultura, contra a ideologia, e é algo novo para a sociedade. Inúmeras pessoas pensam que as feministas defendem coisas horríveis, que desejam abolir a cultura, destruir a família e que detestam os homens. Ela argumenta que muitas das vezes para manter a sanidade mental aceitam algumas injustiças que acontecem. Segundo Sizaltina Cutaia ser feminista não deve ser fácil, nem em Angola, nem em outros lugares do mundo. Mas em Angola a questão ainda é embrionária e por isso existe uma série de preconceitos relativamente ao tema. Segundo ela, é complicado e é necessário fazer-se algumas negociações, principalmente no âmbito da família, com pai, mãe, irmão e para quem é casada tem que estar constantemente a tentar negociar com o parceiro, porque essa visão de mundo em que o homem é superior à mulher, que a mulher é objeto, propriedade, é uma visão que se prende com o processo de socialização. Vivemos num mundo absolutamente machista e as redes sociais dão-nos esse espaço de poder interiorizar vários desses sentimentos que nos incomodam. No entanto, *“o patriarcado é muito eficiente em dividir as mulheres em categorias de “santas” ou “não santas”, mas também é muito eficiente em nos manter confortavelmente nos nossos espaços. Homens e mulheres. Então, precisamos de conversar mais”*. (André, 2016)

Contudo, como argumenta Sizaltina Cutaia, o espaço que o Ondjango pretende criar é um espaço de mulheres e para mulheres, pois acreditam que a mudança só é possível se as próprias mulheres tomarem consciência da situação de injustiça em que se encontram, da desumanização a que são submetidas diariamente, ou objetivação a que são sujeitas. E, claramente, todas essas injustiças, toda essa opressão, toda essa violência acontece em determinados níveis, ou seja, uma pessoa de determinada classe social não sofre exatamente os mesmos problemas que uma mulher numa classe menos privilegiada. Ela é escalonada, mas enquanto mulheres, seres humanos do sexo feminino, todas são oprimidas. Porém, o que o feminismo objetiva é uma abordagem, um movimento de, e para mulheres. É conversar com as mulheres, verbalizar as suas experiências, para poderem reconhecer nelas a injustiça, acabando por transformar a sociedade. O feminismo não tem como centro os homens mas sim as próprias mulheres. (André, 2016)

### 1. 3. Imagens femininas angolanas

De uma maneira muito simples, este subcapítulo pretende através da escolha de algumas personagens que caracterizam a mulher angolana, apresentar um pouco daquilo que entendemos como a história da mulher em Angola. Para o efeito, falaremos sobre personagens como a Rainha Nzinga Mbandi Ngola que é basicamente uma das representações primordiais das características da mulher Angolana. Seguido da apresentação de mulheres que lutaram pela divulgação e promoção da mulher angolana como por exemplo Deolinda Rodrigues. E finalmente, mostraremos algumas das figuras mais emblemáticas que ao longo dos tempos tem-se desenvolvido e se articulando com a paisagem angolana, ou seja, as Kitandeiras, Kínguilas, e por fim as Zungueiras.

#### 1. 3. 1. Rainha Nzinga Mbandi Ngola

A Rainha Ginga é uma personagem típica e mítica dos primórdios de Angola e contemporânea de Paulo Dias de Novais (1510-1589). Segundo a lenda Ginga teria acampado sob a lendária árvore “Mulemba-Xangola”, na zona do Alto da Mulemba, a mais ou menos 13 quilómetros a leste de Luanda. (Freitas , p. 44)

Nzinga Mbandi Ngola (1587-1663) [Fig. 6], conhecida como Rainha da Matamba<sup>3</sup> e Angola nos séculos XVI e XVII, foi uma das mulheres heroínas africanas que não cai no esquecimento, dando origem a um imaginário cultural na diáspora, tal como no folclore, com o nome de Ginga. Nzinga era considerada a heroína angolana das primeiras resistências pelos modernos movimentos nacionalistas de Angola, assim como, pela destreza política e de armas desta rainha africana na resistência à ocupação dos portugueses do território angolano. Assim como a instituição das classes de idade, o quilombo quebrava transversalmente as estruturas de linhagem e determinava uma nova centralidade de poder, com base na máquina para fazer guerra aos prováveis inimigos. Esta era uma forma de recrutamento militar



Figura 6 - Rainha Nzinga Mbandi Ngola.  
Fonte: (Angola J. , 2008)

---

<sup>3</sup> O Reino da Matamba foi um estado pré-colonial Africano, situado no que é hoje a Baixa de Kassange, na província de Malange em Angola.

necessário a Nzinga para fazer face aos valores particulares da estrutura de parentesco. (Freitas , p. 44)

A Rainha Ginga foi a mulher que liderou durante décadas a luta pela independência, e era conhecida pela sua inteligência e postura de estadista, uma combinação da sua agilidade física com a força espiritual. Leve como uma gazela e engenhosa como um condor, a sua voz ecoava igual ao rugido de uma fera. Em 1640, rainha Nzinga e seus guerreiros invadem o forte de Massangano, aonde estavam aprisionadas suas irmãs Cambu e Fungi. Aproveita a ocupação temporária de Luanda pelos holandeses para reconquistar alguns territórios de Ngola com apoio de alguns chefes. Posto isto, o Governador-geral aceitou libertar umas das suas irmãs, Cambu, em troca do abandono de Nzinga dos territórios de Ngola, sendo o rio Lucala escolhido como fronteira. Entretanto, o reino da Matamba viveu em paz durante a sua morte aos 82 anos, em 17 de dezembro de 1663. Ginga foi sucedida pela irmã Cambu, que deu continuidade a memória da rainha quilombola de Matamba e Angola. Contudo, Nzinga usou de diferentes táticas e estratégias que iam desde a conversão ao cristianismo até as práticas jagas, serviu como fonte para a criação de um imaginário que se afirmou como símbolo de luta contra a opressão. Sua resistência à ocupação colonial e ao tráfico de escravos no seu reino durou pelo menos 40 anos. (Freitas , p. 45)

### 1. 3. 2. Deolinda Rodrigues

Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida “langidila” (nome de Guerra). Deolinda Rodrigues [Fig. 7] Nasceu em Catete no dia 10 de fevereiro de 1939 e morreu em 1968, sendo a terceira de cinco irmãos filhos de um casal de professores primários. Entretanto no tempo colonial a sua região natal foi cenário de revoltas populares devido a exploração cruel das companhias de algodão contra os trabalhadores. Portanto desde muito nova Deolinda revoltou-se contra



Figura 7 - Deolinda Rodrigues. Fonte: (Platinaline, 2016)

a vida de humilhação, miséria e opressão, despertando-a um profundo sentimento patriótico. Entretanto ainda quando pequena, Deolinda viveu em N´Dalatando na província do Kwanza-Norte, Caxicane, Catete (Bengo), seguindo seu pai que prestava serviços religiosos. Deolinda mudou-se para Luanda em 1954, época em que deu início aos seus estudos. Posto isto, Deolinda ajudava nas tarefas agrícolas, dedicava-se a escrever, tendo dirigido um boletim editado pela missão metodista, onde publicava os seus poemas e novelas, com o tema muito virado para a Pátria, Angola e o combatente contra as injustiças que sofria o povo. Segundo (MPLA, s.d.) Deolinda Rodrigues realizou algumas atividades junto do Partido da Luta Unida

de Angola (PLUA), de tendências independentista, criado depois da segunda guerra Mundial, sendo que se uniu ao MPLA nas organizações nacionalistas existentes. Entretanto, a mesma passa a fazer parte do MPLA pouco depois da sua constituição. Portanto, foi responsável do corpo voluntário de assistência aos angolanos refugiados (CVAAR), 1962 em Kinshasa. E ainda em Kinshasa, Deolinda ajudou a criar as estruturas da OMA (Organização da Mulher Angolana), que trabalha na mobilização, sensibilização e educação das mulheres. Entretanto, numa Conferência Nacional do MPLA em 1962, foi eleita membro do Comité Diretor responsável pelo Departamento de Assuntos Sociais. Em Brazzaville Deolinda organizava aulas de alfabetização. Em outubro de 1966 foi indicada para fazer parte com outros militantes, do Esquadrão Camy, iniciando o seu treino político, ou seja, Deolinda passaria a “empunhar o fuzil da liberdade” (MPLA, s.d.). Contudo, no dia 02 de março de 1967, Deolinda Rodrigues e mais cinco responsáveis da Organização da Mulher Angolana: Engrácia dos Santos, Irene Cohen, Lucrécia Paim e Teresa Afonso foram raptadas em Kamusa no Congo Kinshasa. Desde então, não se sabe o que realmente aconteceu a Deolinda. (MPLA, s.d.)

### 1. 3. 3. Kitandeira, Kíguila, Zungueira

Segundo o autor Orlando Santos, o escritor e ensaísta Domingos Van-Dúnem refere que a palavra kitanda deriva do Kimbundu itânda, no plural de kitânda, que significa estrado de bordão entrelaçado que servia de banco, expositor e até de medida, principalmente para controlar a venda de tabaco de corda. Da eliminação do “a” e o acréscimo do sufixo “eira” surge o termo quitandeira, ou seja, mulher que negocia em quitanda, como aportuguesamento daquela palavra na língua Kimbundu. Ana de Sousa Santos como conta Orlando Santos, caracteriza as kitandas de Luanda enquanto instituições de grande significado, que se insere na cultura da sociedade nativa luandense. Baseado em Ana de Sousa Santos as «quitandas» são quadros vivos, que oferecem muita matéria para estudos étnicos, religiosos, de vestuário e de civilidade, entre outros. Portanto, a mesma faz uma alusão à figura da quitandeira, realçando o papel social e económico desempenhado por ela na sociedade luandense. No entanto, devido ao constante desentendimento com os clientes, as quitadeiras e peixeiras são representadas com o estereótipo de “rabugentas” e “barraqueiras”, ou seja, “mulheres sem papas na Língua”. (Santos, 2011)

Não obstante, dados históricos ilustram a presença da quitandeira [Fig. 8] nas ruas de Luanda desde o século XVII, desenvolvendo estas mulheres, desde a data, uma forte atividade comercial que as juntava a uma complexa e variada rede de serviços de



Figura 8 - Quitandeira. Fonte: (Rogério, 2015)

compra e venda. Segundo Selma Pantoja como refere o autor, que antes de chegarem ao Brasil, as “quitandas” era um fenómeno tipicamente africano. Mas, entretanto, no Brasil o negócio diferenciou-se, ou seja, as mulheres negras, escravas, forras e livres armavam seus tabuleiros nas ruas de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo vendendo produtos alimentícios e de utilidade para o quotidiano dos habitantes. (Santos, 2011)

Todavia, ao longo dos tempos as quitandas vão aparecendo como uma das faces do musseque, literalmente ligado ao trabalho feminino de rua, onde se destacam as figuras da lavadeira e da quitandeira, vagueando entre a “cidade branca” e a “cidade negra”, ou seja, entre o asfalto e os musseques. No entanto a rua passa a representar um espaço de inclusão/exclusão e consequentemente de hierarquização social. Porém, existia uma tentativa da colonização europeia de desvitalizar ou coisificar a imagem das mulheres africanas. A exploração racial e opressão política deixaram a mulheres numa condição de subordinação tripla em função do género, classe e raça. Portanto, segundo Santos (2011), no contexto de Luanda colonial, a mulher quitandeira lutava para se afirmar, desafiando as hierarquias da estrutura social da época. Elas são apresentadas como mulheres fortes, de punho, respondonas, sem receio da ordem social imposta, refugiando-se na língua quimbundo para manifestar sua fúria contra o colonialismo. Entretanto, a transição para o multipartidarismo em Angola aumentou as desigualdades de género no mercado. Segundo uma entrevista do INE (Instituto Nacional de Estatística) 54% das mulheres sabiam ler e escrever, em contraste com 82% de homens, quer dizer então, que os homens teriam maior probabilidade de serem alfabetizados. O relatório indica uma prioridade na educação para os rapazes, devido aos efeitos da pobreza nas diferenças entre géneros. Porém, com base em Henda Ducados, o autor refere que o facto de haver um aumento dos rendimentos das mulheres que trabalham no mercado informal da economia causou um sério conflito cultural, pondo em causa a capacidade dos homens de ganhar rendimentos e o papel tradicional dos dois sexos na família. As mulheres passaram a assumir maiores responsabilidades, ou seja, disciplinar os filhos, construção e reparação de casas, contacto com os líderes comunitários e o cumprimento de obrigações sociais e religiosas. (Santos, 2011)

Segundo o autor, a palavra “kínguilar” é proveniente das cambistas de rua denominadas por kínguilas [Fig. 9]. Portanto esta palavra tem origem na língua Kimbundu que significa, esperar, estar à espera ou à espera de algo. Segundo Orlando Satos a expressão passou a ser vista pelos luandenses como uma forma de identificar as mulheres que trabalhavam



Figura 9 - Kínguilas. Fonte: (Sapo24, 2017)

no comércio informal de divisas. Pela simples razão, dessas mulheres se estabelecerem principalmente nas esquinas da cidade, nas entradas dos prédios ou próximo dos mercados municipais passaram a ser denominadas como kinguilas, ou seja, as que esperam. Elas aparecem em quase toda a parte dos bairros de Luanda, e em pontos estratégicos para facilitar o acesso ao cliente. Portanto, as kinguilas fazem uso da onomatopeia “Pssiiiu” juntamente com o gesto de esfregar o polegar pelo indicador, sinalizando que é possível troca de moeda. Entretanto as kinguilas deparam-se com inúmeras dificuldades em seus trabalhos, sendo muitas vezes ameaçadas pelos agentes da fiscalização. Não obstante, também encontramos em Angola a figura da “zungueira” que tem origem na palavra em Kimbundo “zunga”, que significa circular, andar à volta, girar. Segundo o autor trata-se de uma maneira utilizada pelos luandenses para apelidar os comerciantes de rua, principalmente os vendedores ambulantes.

Contudo, no tempo colonial já havia “zunga”, mas só adquiriu este nome mais tarde em Luanda. No entanto, as zungueiras [Fig. 10] trabalham diariamente a caminhar à volta dos mercados e estradas ou vendem porta a porta os seus produtos em cestos, banheiras ou simplesmente nas mãos. Entretanto, relativamente a indumentária, segundo o autor é visível que as Kinguilas mostram uma maior preocupação com a aparência,



Figura 10 - Zungueiras. Fonte: (Angola A. C., 2017)

produzindo-se com seus bonitos trajes, joias de ouro e preocupação com o cabelo. Mas as zungueiras por outro lado, apesar da modernidade na maneira de vestir, sua indumentária é mais globalizada, e fazem uso também de traje típico das “mamas quitandeiras”, dando realce ao uso do pano na cintura e do lenço na cabeça. Portanto, essas mulheres são munidas de capacidade de gestão dos seus rendimentos constituindo cada vez mais um suporte orçamental do agregado, causando algumas repercussões na estrutura social dos agregados familiares. Em alguns casos segundo o autor algumas famílias são chefiadas por essas mulheres. (Santos, 2011)

## **2. Arquitetura e Angola**

Neste subcapítulo, é feita uma abordagem à história, e urbanização de Angola, de maneira a entendermos qual o processo evolutivo da arquitetura do reino do Congo, desde os primeiros contactos com o colono até a atualidade. Abordaremos questões relacionadas também com a arquitetura tradicional de Luanda. No entanto, seguido da apresentação dos dados sobre a profissão, compreenderemos também alguns discursos sólidos de arquitetas angolanas, que de forma simples apresentam seu pensamento sobre a arquitetura de Luanda e sobre questões relacionadas com o género na arquitetura. Para o efeito, foram entrevistadas as arquitetas Isabel Martins, Cristina Câmara e Paula Nascimento.

### **2. 1. A cidade africana pré-colonial**

A história pré-colonial africana enquadra-se particularmente na região subsaariana, onde houve culturas e formas de organização político-económica elaboradas, que alguns estudiosos chamam de estados ou reinos, mas que alguns estudiosos pensam que não passavam de meras ditaduras fiscais, exercendo o seu poder a partir de uma região central mediante tributação. Estes poderes, compreendidos entre o Sahara e a floresta, eram bem localizados sendo possível a viabilidade social, política e económica do traçado das rotas caravaneiras entre o norte e o sul e entre o leste e o oeste do continente, comercializando e cobrando impostos aos mercadores de ouro, marfim, sal e escravos. Todavia, na costa oriental africana sobressaem as grandes regiões que nos deixaram marcas de civilização, baseadas na presença urbana em grandes dimensões, desde a Etiópia ao Zimbabwe. E portanto, as outras regiões africanas com exceção da África do Norte, não apresentam uma experiência urbana pré-colonial digna de realce, pois na sua maioria eram regiões de forte implantação florestal, e por isso eram locais de povoamento tardio, de frequentes migrações, e também de um afastamento dos circuitos comerciais, ou seja, as rotas caravaneiras, bem como, a não penetração do Islão, zonas isoladas e fechadas à inovação e à mudança. Portanto, a África ocidental e a África oriental, conheceram o impulso civilizacional urbano pré-colonial porque beneficiaram de vários fatores, ou seja, o clima, as condições favoráveis para a agricultura, riquezas naturais, facilidade de estabelecimento do comércio, aberturas ao exterior, entre outros fatores. Entretanto, as cidades tipicamente pré-coloniais e autóctones que chegaram até hoje ainda mantêm o seu núcleo mais antigo, a par dos modernos bairros periféricos, ou seja, na parte antiga ainda é possível notar o mercado tradicional, por norma de grandes dimensões e ao ar livre, e a mesquita nas cidades muçulmanas. Contudo, os bairros eram divididos de acordo com a origem étnica e religiosa das famílias, mas que com a chegada dos colonos europeus 1415, estas cidades conheceram um novo modelo, uma nova face. (Trindade, 2000, pp. 188-193)

## 2. 2. Cidade e Arquitetura: Reino do Congo 1482/1485

O primeiro contacto dos portugueses com Congo acontece em 1482/1485 com as viagens de descobrimento de Diogo cão (1440-1486), até à fixação de Paulo Dias de Novais (1510-1589), [Fig. 11] em Angola, em 1575, assinalando uma nova fase histórica, com a deslocação de interesses para o Sul. Nesta época (1482-1575) Portugal exerceu toda a sua influência cultural exclusivamente no reino do Congo, a norte do Rio Dande, em Ambasse, local aonde se situava a corte do rei do Congo, D. Pedro VII (s.d.) [Fig. 12]. Tendo poucas relações com o Sul, Portugal procurou implementar no Congo os padrões de vida e de civilização europeia, suportados pelo intercâmbio comercial que viria a contribuir para o progresso material e para a formação etno-social do Brasil. É ainda na última década do século XV que os portugueses se estabelecem no Congo, em suposta harmonia e comunhão com os interesses dos povos locais, a principio através de várias missões, simultaneamente laicas e religiosas, ordenadas pela corte de Portugal, e posteriormente com imigrantes de iniciativa individual, que vagueavam pelo território e regiões vizinhas. Entretanto, sobre o comando de Rui de Sousa (s.d.) em 1491, acontece a primeira dessas missões no Zaire, acompanhado de frades e clérigos, pedreiros e carpinteiros. Portanto, é a partir desta missão, que se inicia a história da arquitetura em Angola e em toda a África a sul do Equador, ainda antes do descobrimento das Américas. Estando no reino do Congo, é construída uma primeira igreja a mando da corte portuguesa, ou seja, a primeira construção europeia em todo hemisfério sul. A seguir a leva de Rui de Sousa, parte para o Congo Simão da Silva (s.d.) em 1512 com mais religiosos e operários. Não obstante, a arquitetura desta época na região do Congo, estava bastante relacionada com as obras de carácter religioso, tal facto era notável na persistência em cristianizar os povos primitivos. A primeira igreja iniciada em 1491, e concluída após um ano, era “casa grande”, inicialmente da invocação de Santa Maria e, depois, de Santa Cruz, na qual foi instituída primeiramente a Sé, em 1547. Posto isto,



Figura 11 - Paulo Dias de Novais, 1º Capitão, Governador de Angola. Fonte: (wikimedia, 2015)



Figura 12 - Retrato do Rei D. Pedro VII do Congo. Fonte: (Batalha, 2006, p. 31)

construíram-se outras igrejas entre elas a de N. <sup>a</sup> S. <sup>a</sup> Vitória, e as de S. Salvador [Fig. 13] pelos missionários jesuítas. (Batalha, 2006, pp. 19-20)

Em 1482 a 1575 havia escassez de obras de arquitetura militar. Eram apenas conhecidas duas construções desta natureza como por exemplo a muralha de S. Salvador e uma fortaleza junto da foz do Zaire no porto do Pinda. Entretanto, Duarte Lopes (s.d.) efetua uma sintética descrição da conformação urbanísticas da cidade, ou seja, que existe um núcleo que se pode



Figura 13 - Ruínas antigas da Sé de S. Salvador. Fonte: (Batalha, 2006, p. 20)

considerar o centro cívico, com as construções mais notáveis e a praça pública. Em suma, é visível que no primeiro período de atuação portuguesa no Congo, de quase um século, a arquitetura é maioritariamente religiosa, com bastantes limitações construtivas de natureza militar e civil. Mas na frente, encontraremos uma igreja construída neste mesmo período, mas localizada na área territorial onde, no período seguinte, se desenvolveram mais intensamente as construções portuguesas, ou seja, trata-se da igreja de N. <sup>a</sup> S. <sup>a</sup> da Conceição, que foi construída na ilha de Luanda, antes da chegada de Paulo Dias de Novais, em 1575 e que se encontrava na área geográfica do chamado Reino de Angola. Essa ilha era dependente do Congo, que extraía do mar o zimbo (pequeno buzio cinzento usado para troca), ou seja, sua moeda corrente. No entanto, quando Novais chega na ilha, já lá viviam 40 portugueses que haviam saído do Congo. Porém, o terceiro período da Arquitetura em Angola (1648 a 1750) compreende-se em duas partes e é marcada pela renovação e progresso, na vida geral do território. A primeira assinala a recuperação do território ocupado pelos holandeses (1641-1648), e a segunda marca a chegada da era pombalina. Entretanto, com o início da administração pombalina em Angola, dá-se o fim do ciclo histórico da arquitetura que teve seu fulcro em S. Salvador em 1648, ano da restauração de Angola. Posto isto, Luanda tornou-se o centro de irradiação de todo território e o ponto de partida em 1575. (Batalha, 2006, pp. 25-27)

Angola situa-se na África Central Ocidental, a sul do equador. O seu território estende-se entre os 5 e os 18 graus de latitude sul, e entre os 12 e 24 graus de longitude a leste de Greenwich [Fig. 14]. A topografia de Angola pode ser dividida em três zonas principais, de oeste para leste, em direção ao interior. Primeiro, há uma região costeira de terras baixas, com pouco mais de 150 quilómetros no seu ponto mais largo, que abrange quase toda a faixa longitudinal do país desde o extremo norte,



Figura 14 - Mapa Mundo, Localização de Angola. Fonte: (portalangop, 2015)

junto à foz do rio Congo, até ao extremo sul. Segundo, encontramos uma faixa estreita de subplanalto que se eleva de 300 a mil metros de altitude. A zona mais oriental, um verdadeiro planalto, eleva-se numa série de mesetas com uma altitude entre 1200 e 2100 metros, aproximadamente. Entretanto, Angola [Fig. 15] sofre imensas variações no clima, na vegetação e no relevo. Sua dimensão territorial é imponente, sendo uma das maiores unidades geográficas do continente africano: mais de 1,24 milhões de quilómetros quadrados de área, o equivalente às áreas somadas dos estados do Texas e do



Figura 15 - Mapa de Angola.  
Fonte: (portalangop, 2015)

Arizona, ou do conjunto das áreas de França, Inglaterra e Espanha, aproximadamente catorze vezes maior que o tamanho de Portugal continental. Existem pelo menos duas orientações principais que reclamam a atenção de Angola: para oeste, o Atlântico; para norte e leste, a bacia do rio Congo. Sem esquecer, que a sul se estende o vasto deserto da Namíbia. Algumas regiões, Angola oriental e norte de Angola, pertencem à grande bacia de drenagem do Congo, à África Central e à bacia hidrográfica do sistema Zambeze-Congo. Portanto, a região costeira e ocidental de Angola está voltada para o Atlântico sul, e os principais rios correm na direção do Brasil. Desde o século XVI, que existem estas relações entre Angola e o Brasil, ou seja, a longos séculos que ambos os territórios fazem uso dos mesmos alimentos de subsistência, como por exemplo: a mandioca, o milho, e a batata-doce, que são consumidos pela grande maioria da população. (Wheeler & Pélissier, 2009, pp. 25-26)

Atualmente existem 18 províncias em Angola. No entanto, Luanda foi a primeira área de atividade europeia em Angola. O Cuanza é o maior rio de Angola a seguir do Congo e servia como autoestrada para a expansão e avanço do comércio e da colonização para o leste. Porém, a província de Benguela é referida como o centro de Angola, devido à sua posição geográfica, ao acesso que proporciona aos grandes planaltos do sul de África e à sua importância enquanto área de elevada densidade populacional. Efetivamente o clima tropical de Angola influenciou toda a história do território, ou seja, existem duas estações principais: a estação das chuvas, que começa normalmente no início de outubro e se prolonga com variações de pluviosidade, até fim de abril ou início de maio, e uma estação seca, a que os angolanos chamam de Cacimbo, que dura de maio a setembro. Quer maio, quer setembro são meses de transição (Wheeler & Pélissier, 2009, pp. 27-30).

Angola caracteriza-se por ser uma sociedade plural, constituída por diferentes grupos culturais, ou seja, anteriormente à chegada dos europeus, o grupo racial negroide invadiu e

dominou os primeiros invasores do grupo bosquímano<sup>4</sup>. Entretanto, a maior parte dos povos de Angola são falantes de língua bantu<sup>5</sup>, integrando um grupo que ocupa cerca de um terço do continente africano. No entanto em Angola, estes grupos compreendem cerca de 90 a cem etnias ou subgrupos, partilhando muitos deles culturas e valores. Todavia, apesar da diversidade étnica e da variação de tipos físicos aparente nos grupos angolanos de língua bantu, esses integram-se quer em termos culturais, quer raciais. Posto isto, os principais grupos etnolinguísticos entre os povos angolanos são os seguintes: os bacongo, os quimbundo, os ovimbundo, os lunda-quíoco, os nguanguela, os nyaneka-humbe, os herero e os ambo. Entretanto, os bacongo, que falam o quícongo, são o povo que se encontra mais a norte, junto de Cabinda e nas regiões do noroeste de Angola. Os povos quimbundo, de língua quimbundo, localizam-se sobretudo na área de Luanda e no baixo vale do Cuanza, e sua população totaliza mais de 700 mil indivíduos. Assim como os bacongos, os quimbundos estiveram em contacto com os portugueses durante cinco séculos. Logo de seguida, encontramos os ovimbundo ou povo do nevoeiro, e os lunda-quíoco, que habitavam nos planaltos centrais de Angola, entre outros como por exemplo: os nguanguela, os nyaneka-humbe, herero, o ambo, os quanhamas que resistiram aos portugueses mais dos que os seus vizinhos africanos, e os povos de língua Khoisan<sup>6</sup>. (Wheeler & Pélissier, 2009, pp. 32-36)

### 2. 3. A urbanização de Angola

A formação urbana das povoações antigas de Angola foi fruto da existência de poderosas determinantes de origem geográfica, económica e política a condicionar a escolha do local ou da criação do aglomerado urbano. Funda-se assim S. Paulo de Luanda [Fig. 16] em 1575/1576, com objetivo de ser a capital do Reino de Sebaste e a base de penetração das terras interiores onde o potentado N`Gola tinha seu domínio. Uma vez conhecedor da região, Paulo Dias de Novais escolheu conscientemente a sua

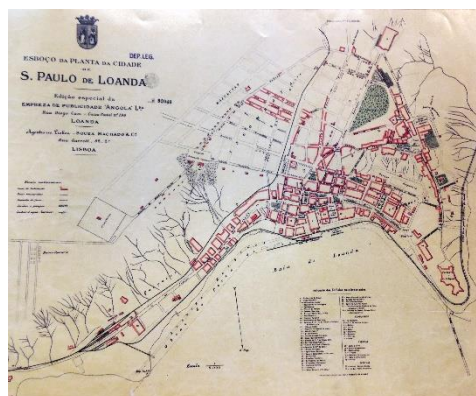


Figura 16 - Planta de S. Paulo de Loanda (Luanda). Fonte: (Fonseca, 1969)

localização entre os rios Bengo e Cuanza, caminhos naturais para explorar e ocupar, com terras férteis para agricultura. O local escolhido, satisfazia plenamente a finalidade económica e política, sendo geograficamente privilegiado para tal efeito, pois possuía uma magnífica baía

<sup>4</sup> Os bosquímanos são os habitantes indígenas do deserto do Kalahari.

<sup>5</sup> Os Bantus constituem um grupo etnolinguístico situado principalmente na África Subsariana.

<sup>6</sup> Khoisan são grupos étnicos da região sudoeste da África.

para o ancoradouro dos barcos, servia também como ponto estratégico devido a dispor de terras agricultáveis nas vizinhanças, garantindo o abastecimento das populações e da navegação. No entanto, o facto da Ilha de Luanda pertencer ao rei do Congo, aliado dos portugueses, e também a existência de um núcleo de portugueses que já habitavam a cidade, fez de Luanda Base de fixação e de penetração, o entreposto comercial e o abrigo da navegação, embrião e fulcro do novo reino colonial. (Batalha, 2006, p. 145)

Entretanto junto ao rio Cuanza, estrada fluvial que constitui o eixo da colonização em Angola nos séculos XVII e XVIII, foram sendo implantadas com o mesmo móbil e em locais determinados como as vilas de Massangano (1583), no ponto estratégico de confluência dos rios Cuanza e Lucala, da Muxima (1599/1606), de Cambembe (1604), perto das lendárias e almejadas minas de prata. No entanto, o mesmo se passou com a cidade de S. Filipe de Benguela em 1617, sendo localizada em função dos três fatores: geográfico, económico e político, salvaguardando a ocupação Sul, onde se supunha existirem fabulosas minas de cobre. Em 1768, D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho (1726-1780) manda uma expedição composta por engenheiros para escolher o melhor local para a criação de uma nova povoação entre Luanda e Benguela, povoação que foi denominada por Novo Redondo [Fig. 17]. Entretanto, outros aglomerados urbanos foram sendo implantados ao longo do país. Porém, havia outros fatores primordiais que os fundadores tiveram de considerar para a sobrevivência das suas povoações. Tratava-se por um lado, de edificar novos aglomerados



Figura 17 - Novo Redondo. Fonte: (Fonte, 2007)

em região povoada, em local de fácil acesso para o interior e em pontos defensáveis, e a localização deveria permitir o abastecimento de água, frescos e mantimentos, tanto para população urbana como para a navegação, e também deveria dispor de terrenos para a prática da agricultura. (Batalha, 2006, pp. 145-146)

É possível perceber que os primeiros colonizadores já possuíam um senso urbanístico, prático e intuitivo, respondendo a todas as necessidades da função própria dos aglomerados e da sua sobrevivência. Portanto, relativamente à sua composição urbana, é possível observar nas povoações antigas, criteriosas soluções que, na sua generalidade, apresentam características dominantes e comuns, que traduzem uma unidade de ideias e de conceção, que revelam uma intuição dos problemas urbanísticos perante as condições próprias locais. Existe uma adaptação à topografia local, assim em Luanda e em Novo Redondo o núcleo inicial ocupa os morros e as vertentes mais suaves e os arruamentos são traçados em conformidade com o relevo do solo, tirando-se partido dos pontos elevados para

beneficiar a ventilação. Portanto, quando se ocuparam os terrenos superiores e a necessidade de expansão ou as conveniências do tráfego mercantil obrigaram a construir na planície, a urbanização tomou uma feição diferente e adequada às novas condições. O novo traçado, liberto das sujeições topográficas das áreas acidentadas, toma maior regularidade, seguindo geralmente os arruamentos principais paralelamente ao mar (Luanda) [Fig. 18] ou ao rio (Novo Redondo). Em povoações de Planície, como Benguela e Dondo, o traçado urbano toma características retilíneas mais próprias e adaptadas às cidades planas. Efetivamente, uma das características principais da urbanização angolana consiste no predomínio de largos arruamentos e numerosas praças, como se verifica em grande parte de Luanda, em Benguela, em Novo Redondo e no Dondo de maneira a combater as condições climáticas e facilitarem a ventilação. (Batalha, 2006, pp. 146-147)



Figura 18 - Luanda Final do Séc. XIX.  
Fonte: (Batalha, 2006, p. 147)

Outras das características mais acentuadas é representada pelo traçado ortogonal dos arruamentos, sendo, por norma, os arruamentos principais traçados longitudinalmente à orla marítima, como no caso de Luanda, ou aos rios, como acontece em Novo Redondo ou no Dondo. Luciano Cordeiro (1844-1900) relata num documento transcrito que Benguela e seu Sertão (1617 a 1622), tem seu assento em uma terra plana e está traçado em quadra, sendo cercada por uma estacada de pau-a-pique e de espinheiras. O modelo da povoação traçado por Manuel Cerveira Pereira (s.d.) foi enviado para a corte de Madrid em 1618, sendo o primeiro plano urbanístico de Benguela e provavelmente também o primeiro que se traçou em Angola. Entretanto, a urbanização angolana tem características muito parecidas com a urbanização da Metrópole e do Brasil, assim como, outras colónias portuguesas, principalmente em determinados pormenores de traçado. Sendo que em primeiro lugar, se manifesta exuberantemente a identidade de estilo das construções, que trazem à fisionomia das povoações aspetos de inúmeras semelhanças. A formação em quadra ou o traçado ortogonal é também uma das características comuns e de uso frequente nas povoações criadas depois do século XVI. O Terreiro do Paço em Lisboa foi o modelo que se reproduziu no Ultramar. (Batalha, 2006, pp. 147-148)

No entanto, o Passeio Público é um outro pormenor de urbanização que se transplanta da Metrópole e se repete frequentemente nas cidades coloniais a partir da segunda metade do séc. XVIII. Todavia, sob o dinamismo da administração pombalina, na segunda metade do Séc. XVIII dá-se início a uma nova fase na urbanização das povoações

ultramarinas. São aplicados novos fatores urbanísticos, sobretudo no que se refere a sanidade e estética urbanas, a iniciativas de interesse social e recreativo, e a obras de fortificação e defesa das povoações. Investe-se em obras e medidas de saneamento, como o aterro de pântanos, o abastecimento de água, a construção de mercados públicos e de edifícios de utilização geral. Aposte-se no embelezamento citadino, com a construção ou a remodelação de edifícios oficiais, com a criação de praças públicas e embarcadouros, com a arborização de passeios e alamedas, modificando a vida social, estabelecendo um maior convívio entre a população, devido à criação dos passeios públicos e outros centros de reunião e de diversão. Para garantir o progresso e a segurança das povoações, investiu-se em obras defensivas, garantindo eficazmente a função urbana de proteção dos habitantes. O governador D. António Álvares da Cunha (1753-1758) promoveu a construção de importantes aquartelamentos e fortificações em Luanda. O governador D. António de Vasconcellos (1758-1764), manda construir novas fortificações na cidade, garantindo o acesso de frescos e mantimentos e tenta transportar as águas do Cuanza até à capital. Mas o governador D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho foi o grande obreiro da época pombalina no que tange ao progresso urbano em Angola. Sua ação teve um largo alcance na ocupação do território angolano e exerceu-se numa vasta extensão. Em Luanda construiu sólidos e importantes edifícios, como a Alfândega (1770), o Trem Nacional (1770) e a Casa dos Contos ou Erário. Também construiu quartéis, ampliou e reconstruiu fortalezas, construiu o Terreiro público ou mercado (1765), mandou abrir cisternas para a agricultura nos arredores da cidade, e mandou edificar um novo hospital e o Passeio Público (1771). (Batalha, 2006, pp. 148-150)

Entretanto em Benguela, mandou contruir Fortalezas (1765-1769), hospital com botica (1765), e nomeou para governador da cidade o Capitão-mor José Vieira de Araújo (s.d.), que fortaleceu e promoveu o comércio, entre outros. Sousa Coutinho também mandou reparar todos os presídios e fundou novas povoações, que sucessivamente foram alargando a zona colonizada e fomentando a riqueza, pelo exercício do comércio, da agricultura e das explorações minerais. Deu origem ao nascimento do Novo Redondo (1769), no ponto da costa escolhida por uma brigada de engenheiros e em lugar alto dominando a entrada do porto e livre das inundações do rio. Durante dois séculos chegaram os portugueses a Angola movidos pelo tráfico da escravatura, sendo esta colónia o fornecedor da mão-de-obra do Brasil. (Batalha, 2006, pp. 150-151)

Todavia, em 1821 inicia-se um turbulento período para a vida de Angola, por consequência das lutas políticas que da Metrópole se propagam a África, gerando uma instabilidade na governação e uma indisciplina geral, que a independência do Brasil veio agravar, devido sua repercussão. Juntamente a estes dois fatores, outro fator que veio

desorganizar também a vida de Angola foi a abolição do tráfico da escravatura decretada em 1836, dando origem a crise económica. Tal crise que veio a afetar também a evolução urbana desde o último quartel do século XVIII, acentuou-se mais na capital. Entretanto, inicia-se um novo ciclo com a exploração e tráfego dos produtos da terra, devido ao alargamento territorial da autoridade e pela criação de apropriadas medidas, com a abertura dos portos ao comércio estrangeiro em 1844, que possibilitou a reorganização da vida colonial em novos moldes. Com essa evolução económica, dá-se uma transformação de ordem moral e social, ou seja, Angola deixa de ser um domínio subsidiário do Brasil para o fornecimento da sua mão-de-obra, e passa a tomar consciência do seu valor e seguir seu próprio destino, assumindo-se como verdadeira colónia e não um mercado de escravos. Assim, Angola passou a focar o seu esforço no seu próprio território, lançando-se a produção de riqueza, aproveitando os recursos do seu solo (Batalha, 2006, pp. 152-153).

Porém, todos os acontecimentos não podiam de deixar de causar efeito na urbanização das povoações angolanas, ou seja, ouve um aumento do fluxo de emigrantes na colónia, resultante das barreiras criadas no Brasil ou proporcionado pelo alargamento da zona ocupada, pela criação de meios de produção e pelo desenvolvimento da navegação, contribuindo assim para o crescimento dos centros urbanos. Entretanto, foram criados bens imóveis feitos para a afixação europeia, que levou a população a criar melhores condições de infraestruturais através da organização urbana, saneamento, defesa climatérica, melhor aproveitamento de género alimentar, embelezamento e valorização citadina, aperfeiçoamento da habitação e apuro das condições técnicas e estéticas da construção. Uma mais abrangente distribuição da riqueza, o estabelecimento de melhores e mais amplas condições de defesa militar e aperfeiçoamento dos conhecimentos científicos e das técnicas sanitárias que contribuíram para o progresso da colonização e urbanização em Angola a partir do primeiro quartel do século XIX. (Batalha, 2006, p. 153)

Efetivamente, a cidade capital (Luanda) beneficia bastante dessa evolução. Em 1837, cuida-se da sua limpeza e aformoseamento e organização política, em 1839 estabelece-se a iluminação pública e inicia-se a construção de uma estrada para o Bengo, onde se cultivavam os géneros frescos para o abastecimento da cidade, em 1844 cria-se uma companhia para defesa contra os incêndios. Entretanto, Benguela receberá também o influxo da nova era civilizadora, mas com um desenvolvimento mais lento que Luanda. A ocupação estende-se a novas áreas e o povoamento europeu fixa-se em novos pontos. Uma nova série de povoações se formaram à medida que a penetração avançava. Entretanto, em 1838 funda-se a vila de Asseiceira, perto da foz do rio Catumbela; em 1840 é fundado o presídio e feitoria de Moçâmedes, onde em 1849-1850 estabeleceu-se um núcleo de portugueses vindos do

Brasil; em 1845 dá-se início juntamente com a criação de um presídio, à vila da Huíla; em 1854 é instalada a primeira colónia piscatória e iniciada a povoação do Porto Alexandre; em 1856 promove-se a ocupação do Ambriz e funda-se a vila do mesmo nome; em 1884-1885 estabelecem-se os primeiros colonos no Lubango, funda-se a denominada cidade de Sá da Bandeira e as colónias da Humpata e da Chibia. Em 1888 ocupa-se a Ambrizete e funda-se a vila do mesmo nome. Criam-se também outros núcleos embrionários de futuras povoações, algumas das quais adquiriram certa importância económica ou administrativa, como a Catumbela, Moçâmedes e Sá da Bandeira, tornando possível o desenvolvimento de Angola no decorrer do século XX. Ainda no decorrer do século XIX, foram surgindo novos fatores urbanísticos a valorizar o progresso das terras angolanas. Todavia, com todas as mudanças, o cidadão começou a desfrutar nos centros populacionais de Angola das condições de habitabilidade propícias à sua fixação, ao povoamento europeu, à verdadeira colonização. (Batalha, 2006, pp. 153-155)

#### 2. 4. Arquitetura tradicional de Luanda

A arquitetura doméstica da cidade de Luanda seguiu um caminho de evolução articulada e conexa, embora sujeita, aos fenómenos políticos, sociais e económicos existente a vida colonial nesse extenso período, não sofrendo grandes mutações que lhe alterassem as características predominantes de estilo e de conceção arquitetónica. No século XVII a arquitetura civil de Luanda, tem um aspeto sóbrio e um pouco austero, devido às suas formas robustas e linhas simples, de construção pesada e maciça, que apresentam solidez e gravidade. Sem aparato nem riqueza de labores, nobre de proporções e de uma sobriedade digna. No entanto, a arquitetura do Século XVII adquire feição mais graciosa devido à evolução do estilo barroco. É a época de maior requinte da arquitetura doméstica, sustentada pelo reinado de D.



Figura 19 - Palacete do Séc. XVIII em Luanda. Fonte: (Batalha, 2006, p. 50)

João V (1689-1750). Neste período, sucede uma elegância de linhas e de formas apuradas, de mais alegre efeito estético, de mais acentuado espírito decorativo, com proporções mais belas e harmoniosas, simétricas com valorização dos elementos axiais, e por fim com ornamentos mais laboriosos e delicados, ainda que comedidos e pouco exuberantes. Em meados do século XVIII, manifesta-se o regresso à sobriedade, pelo menos nas obras do estado. Nesta época, é produzido uma espécie de arquitetura dirigida, limitada pelos fatores económicos que se sentia no reinado de D. José (1714-1777) com a administração pombalina. A arquitetura doméstica retomou no último quartel do século XVIII o seu curso espontâneo, voltando a ornamentar-se, dentro de

proporções moderadas, com os motivos barrocos, e o temperamento estético português. Este período prolonga-se até ao século XIX. Portanto, os prédios tinham aparências apalaçadas [Fig. 19] e proporções de imponência, mau grado, a modéstia da composição e pobreza dos materiais utilizados. No entanto, os edifícios menores tinham um aspeto nobre e citadino, com ênfase na disposição simétrica, realçada por motivos centrais mais volumosos. Assim, a construção térrea ou casa de sobrado [Fig. 20], contém com frequência sobre ela um pequeno pavilhão ou Sobradinho no eixo da fachada, rematada com um frontão triangular. Entretanto, Angola sofre uma crise económica, agravada pelas lutas políticas, com a independência do Brasil em 1822, ou seja, deu-se o fim da venda de escravos. E como consequência natural a evolução urbana estagnou, não fosse, a sábia administração do Marquês de Sá da Bandeira e suas medidas de fomento ultramarino, que acabam por florescer na arquitetura doméstica da capital na segunda metade do século XIX. (Batalha, 2006, pp. 50-52)



Figura 20 - Exemplo de Sobrado típico da Av. dos Restauradores de Angola. Fonte: (Batalha, 2006, p. 51)

Na arquitetura tradicional de Luanda, observam-se certas particularidades que têm de ser realçadas e exemplificadas. Primeiramente a predominância das casas de cinco vãos na arquitetura habitacional, especialmente nos modelos de construção popular. Sobre este tema é importante dar o exemplo do bairro das Ingombotas que é quase totalmente constituído por casas desse tipo. Entretanto, este tipo de prático de habitação predominantemente em Luanda também influenciou a arquitetura da cidade do Dondo na província do Cuanza Norte. Um outro elemento amplamente utilizado em Luanda é a construção de um pequeno corpo adicionado sobre o andar ou sobrado do prédio, que por ser de menores dimensões se designa Sobradinho. Foi amplamente utilizado na área urbana da cidade e na sua periferia. Um exemplo de um Sobradinho mais amplo, com três vãos, e com muito bom efeito arquitetural é o da grande edificação setecentista designada por Palácio de D.<sup>a</sup> Ana Joaquina [Fig. 21]. Um imóvel imponente de grande proporção mas bastante harmónico na sua composição, é da mais elevada importância tanto à escala de Angola como no contexto da arquitetura do continente africano. No entanto, existe nas construções



Figura 21 - O famoso Palácio de D. Ana Joaquina. Fonte: (Batalha, 2006, p. 58)

de Luanda uma outra característica que é a varanda com arcaria na fachada posterior dos edifícios, quase sempre ocupando sua extensão. As varandas podem ser cobertas com telhado, suportado por pilares, mas na maioria das vezes são guarnecidas por três arcos. (Batalha, 2006, pp. 57-58)

Luanda é a suma de diferentes culturas, raças, gerações, crenças e atividades. Estabelece um diálogo do património com a modernidade, uma maneira de preservar o passado, mantendo a cidade histórica mesmo com toda a transformação e modernização. A Luanda contemporânea é uma justaposição de fatores díspares e contrastantes, dotados de heterogeneidade e combinados em dois tempos. Atualmente, a população de Luanda é de pelo menos 28, 81 milhões de habitantes, fruto do êxodo rural e da chegada massiva de angolanos da diáspora durante os últimos 30 anos. Entretanto, é necessário reabilitar e modernizar o centro da cidade de modo a aumentar a qualidade de vida da população. Posto isto, o futuro de Luanda depende da capacidade dos agentes intervenientes ligados as áreas da política, empresariais, universitárias, tecnológicas, culturais e sociais, a fim de desenvolverem uma estratégia coerente e conjunta. Existem grandes ações estruturantes na cidade de Luanda, que tencionam dar ao espaço urbano maior funcionalidade, qualificando as zonas residências, promovendo ao acesso a habitação e serviços sociais e coletivos, assim como, a planificação e construção das vias rodoviárias, criação de um sistema estrutural de transportes urbanos, a edificação de novos espaços públicos e zonas verdes, reabilitação dos jardins existentes, criação de parques infantis, melhoramento das redes sanitárias, recolha de resíduos urbanos, fornecimento de água potável e energia elétrica, bem como nas atividades produtivas, mercados e feiras, por fim requalificar edifícios históricos e zonas de valor turístico ou cultural. Entretanto, também foi proposto a requalificação da Baía com o Projeto da Baía de Luanda, que consiste num alargamento da Avenida da Marginal e do Largo 17 de Setembro e a criação de um Programa Piloto de Urbanização Autofinanciado Luanda Sul. (Freitas , pp. 138-141)

## 2. 5. Dados sobre a profissão em Angola

Segundo a Ordem “este Anuário apresenta a distribuição territorial dos arquitetos bem como as suas naturalidades”. Apresentam também o número de arquitetos formados, nos diferentes anos, de forma a terem uma visão evolutiva e quantitativa na profissão. Referenciam também, as universidades nacionais, que têm contribuído para a formação dos Arquitetos, e os países (além Angola) que têm ajudado neste processo de formação. (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, pp. 3-11)

Segundo a “OA” [Fig. 22], 263 Arquitetos e Urbanistas, o que é equivalente á 46, 62% foram formados pela UAN – Universidade Agostinho Neto, em comparação com, a Utanga – Universidade Técnica de Angola com 18 Arquitetos e Urbanistas formados (3,2%); à Universidade Metodista de Angola com 34 Arquitetos e Urbanistas formados (6,05%); à ULA – Universidade Lusíada de Angola com 47 Arquitetos e Urbanistas formados (8,36%); à UPRA – Universidade Privada de Angola com 69 Arquitetos e Urbanistas formados (12,28%); as Estrangeiras com 132 Arquitetos e Urbanistas formados (23,49%). Entretanto na [Fig. 23], aparecem os países que mais formam Arquitetos angolanos, surgindo primeiramente Angola com 431, equivalente á (76,51%); Portugal com 84 Arquitetos e Urbanistas (14,95%); Brasil com 17 Arquitetos e Urbanistas (3,03%) entre outros. Porém dados indicam [Fig. 24], que o maior número de Arquitetos e Urbanistas são naturais de Luanda com 348 (61,74%), seguido de Benguela 24 (4,27%), Huambo 24 (4,27%), Malange 24 (4,27%), entre outros. Entretanto como é visível na [Fig. 25], a nível das nacionalidades dados indicam que atuam em Angola 556 Arquitetos de Nacionalidade angolana, o que equivale a 98,75%, comparativamente

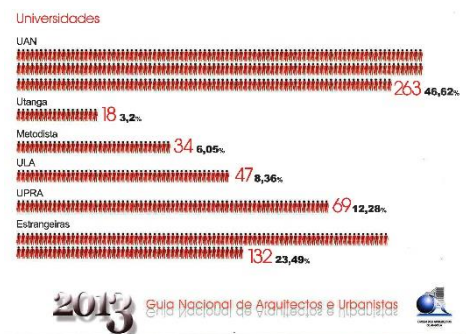


Figura 22 - Arquitetos Formados pelas diferentes Universidades. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 12)

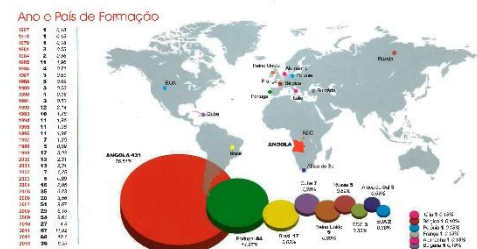


Figura 23 - Países que formam Arquitetos angolanos e ano de formação. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 13)



Figura 24 - Naturalidade dos Arquitetos. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 14)

com, 4 Arquitetos portugueses (0,71%); 1 Arquiteto Cabo Verdiano (0,18%); 1 Arquitetos Santomense (0,18%); por fim, 1 Arquitetos Cubano (0,18%). No entanto, segundo a Ordem dos Arquitetos de Angola [Fig. 26], existe um maior número de Arquitetos Masculinos, ou seja, 412 arquitetos Masculinos, o que equivale a 73%, em comparação com 151 Arquitetos Femininos, o que equivale 27%. Contudo, a ordem também refere que o arquiteto mais velho nasceu em 1941, a Arquiteta mais velha nasceu em 1946, e os Arquitetos mais novos nasceram em 1990. Conclui ainda que, o Arquiteto com mais anos de formação terminou em 1967. (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, pp. 11-15)

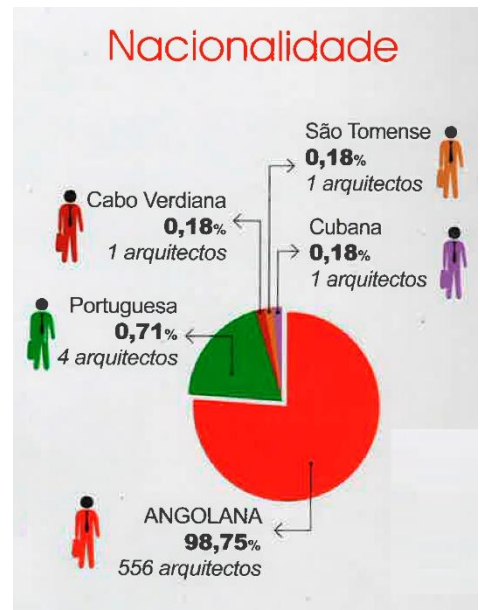


Figura 25 - Nacionalidade dos Arquitetos. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 14)



Figura 26 - Sexo dos Arquitetos. Fonte: (Ordem dos Arquitectos de Angola, 2013, p. 14)

## 2. 6. Vozes de arquitetas angolanas

Neste campo, iremos apresentar diferentes discursos de arquitetas angolanas, sobre o estado da arquitetura em Angola. Portanto, o objetivo é poder dar voz às arquitetas através da sua experiência no ramo do ensino da arquitetura e não só. Neste subcapítulo, apresentaremos também o pensamento de arquitetas como Isabel Martins, uma arquiteta de vasto conhecimento e por esta razão aparece como referência da arquitetura angolana devido ao seu contributo na formação de alunos e sua participação e criação efetiva na história da arquitetura angolana.

Falaremos também, da arquiteta Cristina Câmara que também tem contribuído para a formação de alunos no âmbito da arquitetura, e tem participado em processos de desenvolvimento do planeamento urbano em Angola. Posteriormente, iremos apresentar a arquiteta Paula Nascimento que se tem destacado no âmbito da curadoria, atraindo a atenção internacional e que olha para arquitetura em Angola de uma maneira pragmática e simples. Paula Nascimento tem algumas passagens na área do ensino, e por esta razão prefere não aprofundar acerca das questões relacionadas com o ensino da arquitetura em Angola.

No entanto, as arquitetas aqui referenciadas, ilustrarão todas as suas inquietações acerca das questões relacionadas com o género na arquitetura em Angola. Do ponto de vista deste trabalho, é importante perceber qual o palco de atuação das mulheres arquitetas em Angola.

## 2. 7. Isabel Martins

Isabel Maria Nunes da Silva Martins [Fig. 27], nascida em 1947 na cidade do Porto em Portugal, nacionalizada em Angola, formada em Arquitetura em 1985, faz parte da primeira linhagem de arquitetos licenciados formados em Angola. Doutorada em História da Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, e ex-diretora da Faculdade de Engenharia de Angola. Atualmente, Professora da única universidade pública em Angola (Universidade Agostinho Neto) até há muito pouco tempo. Professora associada da Faculdade de Engenharia de Angola, Coordenadora do Departamento de Arquitetura pelo segundo mandato desde 2010. Detentora de duas homenagens, uma pela Ordem dos Arquitetos devido à sua participação na formação de Arquitetos, e outra, que mais a envidesse, feita pela Associação dos Estudantes da Faculdade de Engenharia de Angola. Martins é filha de pai economista e



Figura 27 - Arquiteta Isabel Maria Nunes da Silva Martins. Fonte: (Kahangulo, 2016)

de mãe farmacêutica, e começou por seguir as pisadas do seu pai. Começou por frequentar o curso de economia, mas não se sentindo realizada, acaba por abandonar a formação em economia e dá início à sua formação no curso de arquitetura em Angola. Dedicou toda a sua vida única e exclusivamente à academia, na área da investigação. Para além de dar as disciplinas ligadas à história da arquitetura, também acompanha os projetos do 5ºano de licenciatura. Não obstante, a arquiteta é também detentora de um projeto de investigação que terminou em 2012 e que elaborou com um estudante de doutoramento da escola The CASS London Metropolitan University sobre um bairro da Ilha de Luanda denominado Xikala. Isabel Martins para além das entrevistas realizadas, também tem algumas publicações, e tem o objetivo de elaborar um livro sobre a Arquitetura Nova em Luanda, devido à existência de muita arquitetura da arte nova na cidade de Luanda. (Martins, 2017, pp. 139-141, 147-151)

Segundo Martins, o curso de arquitetura esteve sempre ligado ao curso de Engenharia por razões estratégicas. Segundo Martins o curso de arquitetura é um curso virado para o homem e para as necessidades do homem e por esta razão sempre foi visto pelo regime colonial como uma coisa realmente perigosa. Portanto, inúmeras tentativas foram feitas durante o período colonial, ainda nos chamados Estudos Gerais e depois Universidade de Angola para a implementação dum curso de arquitetura que nunca se conseguiu levar a bom termo. Por esta razão, Isabel Martins considera o curso de arquitetura em Angola um curso genuinamente angolano, ou seja, foi com a independência ou com os anos depois da independência que finalmente se conseguiu implementar o curso de arquitetura em Angola. (Martins, 2017, p. 140)

### **Sobre a arquitetura contemporânea em Angola-Luanda**

Do ponto de vista da arquiteta Isabel Martins a arquitetura atual ou contemporânea feita em Luanda na maioria das vezes não é adequada. Segundo Martins esta arquitetura não é uma arquitetura amiga do ambiente, não é uma arquitetura que prime por bons materiais de construção, ou seja, materiais que realmente ajudam a sustentabilidade, sendo uma arquitetura demasiado racionalizada em todos os aspetos. Segundo Martins existe uma igreja que se chama Igreja da Nazaré, construída no séc. XVII e que serve de bom exemplo de como melhorar o ambiente com os materiais de construção. Essa igreja contém um teto falso com pequenas aberturas para o exterior feito em bambu, pequenas aberturas que provocam ventilação, ou seja, o ar quente sobe e passa pelos interstícios existentes entre os diferentes troncos calejados de bambu. Portanto, uma solução simples que faz uso de material natural aplicada nesta igreja no século XVII em Angola que hoje em dia perdura passados 400 anos sobre esta construção. No entanto, seria diferente se o teto fosse todo ele fechado com placas

de gesso. Quer isso dizer que, segundo Isabel Martins, esta arquitetura contemporânea não tem personalidade nenhuma, ou seja, ela aparece na cidade como blocos que se repetem, sendo talvez a fachada ou a pintura a única diferença e nada mais. Consequentemente, a cultura nesta arquitetura contemporânea na sua maioria das vezes não é refletida em nenhum dos seus aspetos, as formas são idênticas, os materiais são praticamente os mesmos, e que sorvem imensa energia. Em uma cidade como Luanda que tem problemas sérios de energia e distribuição de água, os edifícios contemporâneos completamente fechados mesmo com janelas, fazem uso constante de ventilação mecânica que sorve imensa energia. Por esta razão, a arquiteta questiona-se... será esta arquitetura um índice de modernidade? Portanto, segundo a arquiteta esta arquitetura está a gastar as últimas reservas energéticas que a terra tem, assim como, está a enviar para o ar gases que intoxicam as pessoas e a atmosfera. Por esta questão, Isabel Martins como uma arquiteta consciente dos objetivos que a arquitetura tem de cumprir, não encara com bons olhos esta nova arquitetura, ou seja, a arquiteta pensa que se devia olhar mais e procurar tirar lições dos antigos como por exemplo; a arquitetura egípcia, a arquitetura Asteca em Maia ou até mesmo a arquitetura do tempo colonial. (Martins, 2017, pp. 141-142)

Isabel Martins conta que é preciso olhar para a arquitetura feita no tempo colonial, aquela que se desenvolveu desde os primórdios da colonização e perceber quais os benefícios que teve para os que a vivenciaram. Sendo a igreja aqui citada um exemplo disso, não só nos materiais de construção que usa, mas também nas formas que desenvolve a partir de um exemplo que o colono trás na sua cabeça, da sua terra, das suas origens, e que chega em Angola, se confronta com um clima muito diferente e agreste, o que obriga os colonos a racionalizarem seus modelos arquitetónicos. A arquiteta utiliza também como exemplo as casas apalaçadas encontradas em Portugal e em França, ou seja, os palácios reais como o Palácio de Versalhes. Segundo Martins, o Palácio de Versalhes é um edifício que se constrói por acréscimo e acaba por completar uma forma retangular com dois corpos posteriores, ou seja, existe um pátio que se forma com três corpos aonde irão gerar-se baixas pressões, dando origem a um clima, mais ameno do que no exterior. Portanto esta forma é uma forma que se adapta ao clima local mais agreste, que podemos encontrar tanto em Portugal como em Angola, principalmente na cidade de Luanda. Entretanto no caso de Luanda, a arquiteta faz menção ao Palácio Dona Ana Joaquina situado na Baixa de Luanda em frente ao Ministério das Relações Exteriores, na marginal. Com base em Isabel Martins este palácio foi construído por um comerciante português e a sua forma orientava-se de acordo com os ventos dominantes. No entanto o palácio encontrava-se quase junto ao mar, com um pátio, e com as paredes das fachadas mais expostas ao sol praticamente cegas. Portanto, como podemos verificar, para Isabel a arquitetura elaborada até ao século XX ou arquitetura colonial, assim

como, a arquitetura do século XX, têm uma adaptação sistemática ao clima e por esta razão, a arquiteta identifica-se mais com esta arquitetura. (Martins, 2017, pp. 143-144)

Efetivamente, a arquitetura do século XX é também uma arquitetura voltada para o conforto ambiental do homem com o prenúncio do Movimento Moderno. Segundo a arquiteta Isabel Martins existe um nome responsável pelo chamado Movimento Moderno em Angola, ou seja, Vasco Vieira da Costa (1911-1982). Vasco Vieira da Costa estudou na antiga Escola de Arquitetura do Porto que era a Escola de Belas Artes e que se dividiu mais tarde, em Faculdade de Arquitetura e Escolas de Belas Artes. Arquiteto português, discípulo de Le Corbusier (1887-1965), chega em Angola e dedica-se de corpo e alma à prática da arquitetura tentando realmente fazer uma arquitetura mais direcionada para o homem do século XX. Trabalhava na Câmara de Luanda e por esta razão, Luanda começava a construir-se de uma forma muito especial e que lhe granjeava efetivamente o título de ser uma arquitetura do Movimento Moderno. Contudo, como menciona Martins, a cidade de Luanda beneficia de fases diferentes de uma adaptação ao clima, através dos modelos coloniais que eram trazidos para Angola e que eram transformados em função do clima, ou através, do Movimento Moderno que apresenta uma arquitetura preocupada com o clima e a adequação ao homem, de modo a satisfazer suas necessidades básicas, servindo de exemplo de como se deve aplicar a arquitetura. (Martins, 2017, pp. 144-145)

Do ponto de vista de Martins a arquitetura contemporânea não respeita alguns dos fatores já referidos, com que a arquitetura colonial fez questão de se preocupar com a adequação das suas formas ao ambiente e ao homem. Segundo a arquiteta, esta arquitetura contemporânea no fundo arquitetura não é, ou seja, ela é mais tecnologia da construção, acabando por adquirir uma plasticidade que não existia antes. Isabel refere que Angola sofreu uma febre de construção, de edifícios altos, de inúmeras arquiteturas que estão completamente desabitadas, onde se empenhou os honorários públicos e os impostos das pessoas em edifícios com pouca qualidade. A arquiteta faz referência a construção em Adobe, que é um material abundante em Angola, mas que é igualmente ignorado. O adobe é um material natural, barato, fresco, isolador, que não deixa passar o calor, mas que simplesmente precisa de ser melhorado. Portanto, o adobe poderia ser a solução do problema do défice da habitação existente em Angola. Todavia, segundo Martins o adobe carrega com ele um pecado enorme que acaba por lhe retirar todas as suas qualidades. Quer isso dizer, que sendo o adobe um material de construção que as populações africanas e angolanas tiveram à disposição para construir de certo modo seus abrigos, e portanto, quando se fala de construção em adobe, a imagem que as pessoas têm, é de uma habitação pobre com muitos problemas, fundamentalmente a ideia de que se desfaz com a chuva. Estes empecilhos

mentais fazem com que o BTC (bloco de terra comprimida), que é um material industrializado, mas de uma indústria fácil, em que qualquer indivíduo pode ter uma máquina em sua casa e criar seu próprio material, desde que saiba juntar os ingredientes com peso e medida, seja desvalorizado. Martins refere que a arquitetura tem de estar de acordo com aqueles que a vão usar, ou seja, na realidade a organização do espaço deve ser feita em função das pessoas que vão ocupar esse espaço, e muitas vezes são as próprias pessoas que tentam humanizar os espaços a sua maneira. (Martins, 2017, pp. 146-147, 151)

### O ensino em Angola

*“a qualidade existe, o que não existe são bons alunos para poderem aceder a esta boa qualidade. Eu posso ser boa professora, mas se você não entender aquilo que eu digo ..., mas, entretanto, o que eu ensino tem qualidade, mas você não entende”.* (Martins, 2017, pp. 149-150)

Não obstante, Martins fala-nos um pouco acerca do ensino em Angola. Segundo a arquiteta Isabel Martins, Angola é um país por um lado com muitas riquezas, mas por outro lado também é um país pobre, e a universidade faz parte desse contexto, portanto ela é uma universidade pobre e sem muitos recursos. A arquiteta conta que existem imensas dificuldades para gerir um orçamento pequeno para tantas necessidades existentes, principalmente com a chegada da crise a Angola. Sendo esta a única universidade pública dependente do aparelho do Estado, contam poucos recursos nas suas instalações, nos equipamentos das instalações, na biblioteca do curso e noutros órgãos de apoio como por exemplo, a ausência de um pequeno refeitório. O refeitório serviria para apoiar tanto os alunos que às vezes não têm muitos recursos para se alimentarem, uma vez que é essencial para o desenvolvimento de um estudante que se alimente razoavelmente bem, assim como, para os professores que não têm um salário por vezes conveniente. Outra das dificuldades encontradas é a ausência de bibliografia, que muitas vezes surge por iniciativa dos próprios professores que facultam os seus próprios livros, das suas especialidades. Não obstante, a arquiteta conta que a universidade fez um acordo com uma livraria denominada “Livraria Universitária”, que também existe em Portugal, e que serviu para um aumento da bibliografia. Mas, esses livros continuavam a ser caros, tanto para os alunos, como para os professores e a instituição. Foi então que, a arquiteta Isabel Martins conseguiu encontrar uma forma de fazer oito dias de feiras de livros dentro da universidade com preços mais acessíveis, acabando por beneficiar todos os envolvidos. (Martins, 2017, p. 148)

A arquiteta Isabel Martins menciona que um dos maiores problemas dos alunos está relacionado com o facto de que, infelizmente, existem muitas deficiências no ensino anterior,

ou seja, no ensino médio. Portanto, segundo a arquiteta o aluno até pode conseguir obter dez valores no exame de aptidão e ingressar na universidade, mas, no entanto, estes dez valores podem corresponder também a algum fator sorte, ou seja, não são conhecimentos muito consolidados, e por vezes, esses mesmos alunos chegam no fim do primeiro ou segundo semestre da universidade com imensas dificuldades. Efetivamente, como é de esperar o primeiro ano é um ano mais básico, de iniciação à arquitetura, onde se aprendem as bases, a Matemática, a Teoria da Arquitetura, o Desenho, a Geometria Descritiva, entre outros. No entanto, segundo Isabel o aluno que encontra dificuldades para entender a geometria descritiva, nunca conseguirá visualizar a interceção de planos como por exemplo, as paredes, o chão e o teto. Obviamente que isso não se aplica a todos os alunos, mas segundo a arquiteta são poucos os alunos que se destacam, que se afirmam mais do que o suficiente. Por esta razão, muito deles nem conseguem passar do 4º ano para o 5º ano de licenciatura por terem disciplinas em atraso. Todavia, como conta Martins a média de idade é adequada. No entanto, frequentaram a universidade alguns alunos mais velhos que os professores que carregavam consigo outros tipos de dificuldades, como a ausência de bases, imensos vícios, e com nenhuma vontade de mudar, acabando por dificultar o trabalho da docência. Contudo, Isabel Martins considera que o ensino da arquitetura em Angola tem qualidade, justificando-o com o seguinte discurso: *“a qualidade existe, o que não existe são bons alunos para poderem aceder a esta boa qualidade. Eu posso ser boa professora, mas se você não entender aquilo que eu digo..., mas, entretanto, o que eu ensino tem qualidade, mas você não entende”* (Martins, 2017, pp. 149-150). (Martins, 2017, pp. 149-150)

### Sobre as questões de género

*“Eu fui a única mulher diretora da Faculdade de Engenharia de Angola”* (Martins, 2017, p. 146)

Por fim, numa perspetiva sobre as questões de género, a arquiteta Isabel Martins afirma que não é apologista de género. Segundo a arquiteta somos todos seres humanos e no século XXI em que vivemos esta questão já não deveria ser um problema. Portanto, Martins defende que o homem não tem género, é simplesmente homem, e o homem é arquiteto, é engenheiro, é antropólogo, entre outras profissões. A arquiteta conta que nunca teve dificuldades pelo facto de ser mulher, justificando que foi a única mulher diretora da Faculdade de Engenharia de Angola, mesmo sendo arquiteta. Martins pensa que todos os Homens devem ter os mesmos direitos, e todos devem poder exercer a profissão que desejam. Acredita que em Angola as pessoas não têm esse problema. Porém, a arquiteta reforça seu discurso alegando que existe na direção dos altos cargos do país inúmeras mulheres, e que

não é pelo facto de serem mulheres, mas pela capacidade que elas desenvolvem e demonstram. Todavia, quando lhe perguntado sobre o facto das mulheres arquitetas se destacarem mais no âmbito académico do que propriamente no típico arquiteto que só faz projetos, Martins contraria a questão, alegando que na Faculdade de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto existem pelo menos vinte e seis professores, dos quais, quatro são mulheres. Entretanto, do ponto de vista de mulher, Isabel Martins pensa que é verdadeira a existência de mais mulheres no ensino do que homens, mas talvez devido a questões maternais, ou seja, segundo a arquiteta as mulheres são mais maternais, acabando por lidar melhor os miúdos ou a juventude. (Martins, 2017, pp. 146-147)

## 2. 8. Cristina Câmara

Fátima Cristina Câmara [Fig. 28], arquiteta nascida 1977 na província da Lunda-Norte em Angola. Formada em arquitetura em 2001 e há 16 anos que exerce a profissão de arquitetura. Arquiteta paisagista especializada em Planeamento Urbano do Território, ex-coordenadora do curso superior de Planeamento Regional e Urbano e docente da Universidade IMETRO (Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola). Projetista do Memorial na Baía de Luanda, um projeto de requalificação paisagista e ambiental do memorial, chefe do Departamento de Planeamento do Gabinete Técnico



Figura 28 - Arquiteta Fátima Cristina Câmara. Fonte: (Câmara C. , 2016)

de Reconversão Urbana do Cazenga, Sambizanga e Rangel. É autora do Parque Verde do Alvalade com objetivo de o tornar sustentável, proporcionando áreas de lazer à população e recuperar as linhas de drenagem. Nos Estados Unidos no MIT/Planeamento Urbano Estratégico a arquiteta trabalhou como consultora para a elaboração de projetos urbanos sustentáveis para as comunidades emigrantes africanas. Em Portugal a arquiteta colaborou como Coordenadora de Espaços Verdes e Gabinete Técnico Florestal. Efetuou parte da Inteligência Estratégica das Nações Unidas. Entretanto, ainda nos Estados Unidos em Hubert Humphrey Fellowship obteve um certificado reconhecido pelo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama e Secretário de Estado John Kerry. A arquiteta também é detentora de alguns livros publicados como por exemplo “Uma História de Amor à Procura de um Final Feliz” e “Aldeia de Deus”. Cristina Câmara não pensava em ser arquiteta, mas acabou por seguir a profissão de arquitetura em Angola. (Câmara F. C., 2017, pp. 152-153, 156) (Câmara C. , 2016, pp. 1-7)

## Sobre a arquitetura contemporânea em Angola-Luanda

Segundo Cristina Câmara, a arquitetura em Angola é uma arquitetura que reflete bem as vivências do país, ou seja, desde o processo de guerra com os musseques, às questões sociais como por exemplo, a questão da imigração que contribuiu para um aumento da população, a questão do êxodo rural responsável pelo excesso populacional nos centros urbanos que é possível observarmos em Angola através de uma fotografia aérea. A arquiteta pensa que existe na arquitetura em Angola uma enorme disparidade também em consequência do crescimento imobiliário. Segundo a arquiteta é possível observar por um lado, os condomínios que estão relacionados com a questão das elites e dos prédios com investimentos financeiros gigantescos, mas ao mesmo tempo também encontramos em Angola um musseque com imensa vida, com população na maioria das vezes mais elevada que nos centros urbanos. Então, esta disparidade faz com que seja possível encontrar nos musseques em Angola uma arquitetura talvez feita do dia para a noite, e muitas das vezes nem chega a ser considerada arquitetura, mas sim “Construção”, em dissonância com por exemplo, uma torre que podemos talvez igualmente encontrar em Nova Iorque. Não obstante, a Arquiteta Cristina Câmara pensa que a arquitetura feita nos dias de hoje em Luanda é uma arquitetura mais global e pouco local, ou seja, que esta arquitetura não é aplicável à realidade local em termos ambientais e humanos. É uma arquitetura que não respeita o que foi feito ou planejado em termos da sociedade de massas, sendo que a maior parte da população não está ao corrente desta arquitetura que às vezes não respeita as normas internacionais. No entanto, a arquiteta pensa que alguns arquitetos nacionais e internacionais já começam a explorar uma arquitetura alternativa, uma arquitetura misturada com a tecnologia da terra, por exemplo, a produção em terra, a colocação de materiais vegetais como o capim, as verduras e também a aplicação de conceitos como o Jango e sítios de reuniões tradicionais. Todavia, segundo a arquiteta é importante também começar a pensar nas questões de mobilidade reduzida e na integração da tecnologia moderna para o comodismo e o conforto das pessoas. (Câmara F. C., 2017, pp. 153-155)

Não obstante, a arquiteta manifestou algumas preocupações com o património arquitetónico angolano. Segundo a mesma, foi elaborado um trabalho de fim de curso com os seus alunos, sobre o património de Luanda e surpreendentemente a conclusão retirada foi que existe mais do que esperado, inúmeros patrimónios arquitetónicos, mas, entretanto, muito deles já foram demolidos e outros estão em ruínas ou decadência. Segundo a arquiteta o objetivo deste trabalho era poder recuperar a memória existente nos patrimónios arquitetónicos. No entanto, ainda relacionado com o património arquitetónico aparecem os musseques, que do ponto de vista da arquiteta podem ser requalificados, em vez de se pensar

só no progresso de regeneração urbana que implica a destruição. A arquiteta pensa que com um bom trabalho e com aplicação de um paisagismo, sem ser cosmético, mas, no entanto, ligado as linhas de águas, científico e estudado ao nível do solo, é possível dar uma qualidade de vida extremamente digna aos musseques. Quer isso dizer que os musseques podem ser algo interessante até do ponto de vista turístico. Portanto, a arquiteta conta que é possível fazer turismo arquitetónico em Luanda que poderia resultar se os bairros fossem devidamente adaptados, com seus quintais e anexos que criam uma espécie de vivência local, como por exemplo o que é feito nas favelas brasileiras que carregam consigo muitas memórias de seus habitantes (Câmara F. C., 2017, pp. 157-158).

### O ensino em Angola

Para além de todas as questões relacionadas com a arquitetura da cidade de Angola-Luanda, a arquiteta apresenta seu pensamento sobre o ensino em Angola. Refere a arquiteta Cristina Câmara que existe qualidade no ensino da arquitetura em Angola, mas talvez seja necessário explorar mais as áreas de investigação possibilitando a criação de uma “Escola” de arquitetura. Segundo a arquiteta a “Escola” não vem das universidades, mas sim de um conjunto de arquitetos locais ou da área que depois vão sendo reconhecidos e que vão instruindo novos arquitetos em “Escolas” à semelhança do arquiteto Siza Vieira em Portugal. Quer dizer então, que os alunos formados em Portugal já refletem um pouco a linha de pensamento do Siza Vieira, no tipo de arquitetura dele, na conceção até na estética. Em Angola não existe este pensamento. Consequentemente, a arquiteta conta que gosta de dar aulas, mas quase que o faz por amor, pois em Angola é difícil progredir na área da investigação, como em outros países que dão reconhecimento em termos de carreira ao docente. Mas em termos de docência, existem alunos por vezes muito bons, muito motivados, dinâmicos e com vontade de aprender. Todavia, a arquiteta refere que existem algumas dificuldades de base na maior parte dos alunos, ou seja, existe motivação, até sabem desenhar, mais depois algumas bases têm de ser limadas e trabalhadas. Por exemplo, a língua portuguesa, que é importante para podermos elaborar uma memória descritiva, elaborar um orçamento. Mais grave é o facto de que os alunos muitas vezes têm dificuldades na deslocação para a universidade, ou seja, às vezes muito deles chegam muito cedo, porque vêm de candongueiro, e logo de seguida estão preocupados em ir embora porque se for demasiado tarde torna-se complicado aceder a determinados bairros, principalmente aqueles que vivem na periferia. Segundo a arquiteta os alunos fazem um grande sacrifício e por isso pensa que as vezes eles são uns autênticos heróis. (Câmara F. C., 2017, pp. 154-157)

## Sobre as questões de género

Posto isto, quando questionada sobre as questões de género, a arquiteta refere que a questão do género na arquitetura á semelhança ao que se passa no mundo: existem inúmeras mulheres a trabalhar em arquitetura, e que de certa forma deram seu contributo, mas normalmente não são igualmente reconhecidas, não ganham o mesmo, não têm projetos milionários e as vezes trabalham num projeto e concebem o projeto mas às vezes nem a autoria assumem. Segundo a arquiteta o facto de ser mulher faz com que existam algumas barreiras em geral na sociedade e não somente na arquitetura. A arquiteta conta que as mulheres arquitetas em Angola, destacam-se mais no âmbito académico do que propriamente na ideia do típico arquiteto que se dedica única e exclusivamente a elaborar projetos porque muitas vezes os grandes clientes não vão para os atelieres das arquitetas, e quando isso acontece, acontece com uma segunda ou terceira contratação, uma terciarização que acaba por retirar ligeiramente o valor que realmente pode tornar um atelier reconhecido e sustentável por si só. Então, as arquitetas acabam por complementar as atividades que gostam desde, desenhar, projetar com outro tipo de sustento, sendo a academia simplesmente mais um sustento. A arquiteta tem dado seu contributo para uma melhor arquitetura feita em Angola, tanto a nível da integração ambiental, da busca de alguns valores culturais, da integração agrícola na arquitetura e da integração das comunidades rurais. Segundo a arquiteta é preciso criar uma arquitetura mais inclusiva e participativa pois são esses os pilares fundamentais para se fazer arquitetura. (Câmara F. C., 2017, pp. 154-155)

## 2. 9. Paula Nascimento

Paula Nhyala Assis do Nascimento [Fig. 29], arquiteta nascida em 1981 Angola, formada em arquitetura em 2007 passando pela Architectural Association School of Architecture, e na London South Bank University em Londres. Exerce a profissão há pelo menos 12 anos com interrupções. Paula Nascimento desde os seus 9 anos de idade que pensava em ser arquiteta e por isso todo o seu percurso académico foi direcionado para as áreas de maior interesse como as



Figura 29 - Arquiteta Paula Nhyala Assis do Nascimento. Fonte: (serralves, 2015)

artes e depois a arquitetura. Em 2003-2004 estagiou durante um ano no atelier do arquiteto Siza Vieira no Porto, fazendo parte da equipa que trabalhou no projeto de requalificação da Cidade Velha do Porto, muito antes do seu reconhecimento como património da humanidade. Depois de se formar em 2007, trabalhou durante três anos em Londres e em 2010 regressa a Luanda onde colaborou numa empresa de projetos e consultoria de engenharia. Atualmente é Arquiteta e Curadora de Arte Contemporânea, faz parte da Comissão de Angola para a Expo e efetua também projetos multidisciplinares, e projetos expositivos de cariz temporário entre Angola e o mundo. A arquiteta também trabalha como freelancer na Beyond Entropy África criada por ela e seu parceiro Stefano Rabolli Pansera, ou seja, um estúdio de investigação no campo da arquitetura, urbanismo, geopolítica e arte contemporânea, com sede em Londres. Na área da curadoria é detentora de trabalhos como “Luanda Enciclopedic City”, “ilha de São Jorge – Projected City”, “The Best Fucking Life” entre outros. Entretanto Paula Nascimento também é autora dos projetos arquitetónicos como por exemplo, a “Expo Milano 2015” e a “Expo Yeosu Korea 2012”. A arquiteta também publica alguns textos escritos como por exemplo, em 2015 “Património” em Hurst, Miguel e Fernandes, Walter Cinemas de Angola, Goethe Institut/Steidl, sendo também detentora de alguns prémios, ou seja, em 2016 o prémio “Angola 35º Award for Arts & Culture” e em 2013 o prémio “Golden Lion for Best National Participation at the 56th International Art Exhibition – La Biennale di Venezia”. (Nascimento P. N., 2017, pp. 159-160, 164) (serralves, 2015)

### Sobre a arquitetura contemporânea em Angola-Luanda

Nascimento posiciona-se de forma preocupante face a arquitetura contemporânea feita em Angola/Luanda. Do ponto de vista de Paula Nascimento não parece existir uma arquitetura de cariz “Luandense” embora exista muita coisa feita. A maioria desses projetos são idealizados fora do contexto angolano, muitas das vezes por profissionais que sequer conhecem a realidade angolana, ou seja, esses projetos são desenvolvidos num vazio ou

numa espécie de tábua rasa e como consequência, muitas das vezes esses projetos acarretam inúmeros problemas, embora não generalizando. (Nascimento P. N., 2017, pp. 160-161)

### **Sobre as questões de género**

Entretanto, relativamente às dificuldades encontradas por ser mulher na arquitetura em Angola, Paula Nascimento conta que não pratica a arquitetura “pura e dura”, ou seja, não trabalha necessariamente em projetos arquitetónicos, ligados à construção, embora tenha trabalhado em projetos, de dimensão variável como por exemplo desde projetos residências a planos de requalificação. Atualmente a arquiteta quase já não faz projetos arquitetónicos, salvo algumas exceções, sendo a maior parte do seu trabalho ligado a área da pesquisa/investigação e no campo da curadoria ligada a arquitetura, e à arte contemporânea. A arquiteta Paula Nascimento não projeta e por esta razão não têm uma vivência diária da prática em Angola. Por esta razão, pensa que as dificuldades devem ser as mesmas encontradas por qualquer arquiteto. Segundo a arquiteta a questão de género torna-se particularmente relevante por estarmos a falar de uma profissão que é ou foi, muito associada ao masculino, isto no mundo inteiro e claro que em Angola, onde ainda não existe uma tradição e prática, as regras não são claras, e portanto, as dificuldades são sempre maiores. Entretanto, do ponto de vista da arquiteta a docência universitária, na área, talvez seja uma saída mais fácil para as mulheres, mas quando falamos na gestão de equipas grandes, de grandes obras, existe uma maior resistência, como se as mulheres não fossem capazes de liderar. O mesmo acontece tanto a nível de direção, como até mesmo num contexto de obra – portanto segundo a arquiteta não é fácil impor-se e ultrapassar anos de cultura retrógrada. No entanto, Paula Nascimento refere ainda que curiosamente e talvez por motivos ainda não claros, existe um número, pequeno, mas cada vez mais crescente de mulheres ligadas à arquitetura e de forma mais ativa. (Nascimento P. N., 2017, pp. 161-162)

Segundo Paula Nascimento, existem imensas dificuldades em Angola pelo facto de ser mulher, assim como, paradoxalmente ainda existe também um pouco por toda parte, embora a arquiteta tenha tido a sorte de trabalhar em contextos e com equipas onde é respeitada e ouvida enquanto profissional, a arquiteta conta que isso não significa que não exista “telhados de vidro” a volta das questões de género na arquitetura. Não obstante, Paula Nascimento pretende através do seu trabalho, mostrar formas alternativas de estar, de ver e de praticar. Segundo a mesma é importante que não tenhamos uma visão unilateral de como as coisas são e até mesmo do exercício da profissão de arquitetura, sem esquecer obviamente uma certa atitude e forma de intervenção no espaço. Portanto, o seu trabalho

acarreta uma visão crítica, teórica e prática de intervir no espaço e de se posicionar na sociedade enquanto profissional e ser social; mas isso aplica-se a qualquer carreira profissional. *“É impossível praticar arquitetura (boa) só duplicando modelos e sendo comercial... é necessário um pouco mais”* (Nascimento P. N., 2017, p. 162). Entretanto quando falamos sobre a questão de reconhecimento Paula Nascimento conta que recebeu algumas distinções fora de Angola que lhe trazem alguma visibilidade, mas que em Angola este facto pode não ter muita relevância. Segundo a arquiteta o mais importante é fazer o que se gosta, e por isso, a arquiteta trabalha muito, mas diverte-se imenso a fazer o que gosta, mais ainda, quando se tem o privilégio de colaborar com pessoas extraordinárias, e de se associar a profissionais por quem tem enorme respeito. *“Talvez por achar que ainda não tenha feito tudo, nem metade do que quero, e que ainda tenho muito para aprender, não penso tanto neste reconhecimento em si, mas no que o reconhecimento pode trazer em termos de outros desafios e projetos”* (Nascimento P. N., 2017, p. 164). (Nascimento P. N., 2017, pp. 163-165)

Para além de um enquadramento sobre toda a evolução da história de Angola, e de um breve entendimento acerca do Feminismo Africano, que possibilitou a perceção de algumas de suas características, foi possível constatar neste capítulo, algumas preocupações das arquitetas angolanas em relação a arquitetura atual feita em Angola. Posto isto, as arquitetas também, apresentam pensamentos relacionados com a questão do género em Angola, não se mostrando indiferentes ao facto de estarmos perante um mundo em que a imagem do homem ainda aparece no topo da pirâmide.

## Capítulo II: Ângela Mingas, Luanda, 2017

No referente capítulo abordaremos a vida e obra de uma das arquitetas mais emblemáticas a nível nacional. Ângela Mingas surge nesta dissertação como objeto de estudo de modo a caracterizar a ação das arquitetas em Angola. Sendo uma honra poder descrever Mingas e todo o seu feito em prol da arquitetura Angolana. Arquiteta visionária e sempre em busca da auto-superação, Mingas ilustra todo o seu percurso académico, bem como, todas as suas aspirações futuras.

Este segundo capítulo está dividido em seis partes, onde primeiramente será feito uma apresentação da Arquiteta Ângela Mingas de maneira a compreendermos todo seu percurso académico, pessoal e profissional. Posto isto, iremos contar como é ser Mingas enquanto Mulher e Arquiteta angolana, bem como, é feita a implantação do Plano Estratégico e Desenvolvimento da Cidade de Luanda, elaborado pela arquiteta. Por Fim, iremos efetuar a análise de uma obra arquitetónica, ou seja, a Habitação social em Angola, o Módulo Lundanji.

### 1. Apresentação: Ângela Mingas

Ângela Cristina de Branco Lima Rodrigues Mingas [Fig. 30], nascida em 18 de outubro de 1971, é natural de Lisboa – Portugal, mas de nacionalidade angolana, atualmente vive em Luanda no distrito da Maianga. Mingas para além de arquiteta, também é investigadora e professora universitária. Mingas trabalha na Universidade Lusíada de Angola, onde fundou um grupo de formação denominado Centro de Estudos e Investigação Científica de Arquitetura (CEICA). Enquanto estudante, Mingas deu início ao seu percurso



Figura 30 - Ângela Cristina de Branco Lima Rodrigues Mingas. Fonte: (ANG, 2013)

académico na área da Arquitetura de 1991 a 1998 com uma reprovação em 1992 (altura da guerra civil pós-eleições em Angola) na Universidade Técnica de Lisboa, onde se licenciou em Arquitetura, e posteriormente efetuou seu mestrado em Arquitetura na Universidade Lusíada do Porto (2008 a 2011) orientada pelo Professor Doutor Sérgio Infante. Entretanto foi também na Universidade Lusíada do Porto que Ângela Mingas deu início em 2015 ao seu doutoramento em Arquitetura com o mesmo orientador. Entretanto em 2016 foi transferida para continuar seu doutoramento na Universidade de Lisboa sob a orientação do Professor Doutor Fernando Moreira da Silva. Mingas refere que a principal razão de ainda não ter terminado o doutoramento, a primeira passa pelo facto de em Angola não existir a possibilidade de se fazer Mestrado nem Doutoramento. E segundo, porque o desempenho de

suas funções nem sempre foram compatíveis com a disponibilidade necessária para levar adiante os estudos, pior ainda agora que foi nomeada para o cargo de Secretária de Estado. Fundadora do Atelier AMA (Ângela Mingas Arquitetura), devido a alguma necessidade da arquiteta de voltar a elaborar projetos. Formada em pedagogia e Antropologia, Mingas é filha de Ruy Alberto Vieira Dias Mingas e de Julieta Cristina da Silva Branco Lima Mingas, pessoas que estão profundamente enraizadas com a cultura angolana, detentora do Prémio da Arquitetura Africana na categoria intitulada “Dialogo Crítico” em setembro de 2017 na África do Sul, prémio que reflete o reconhecimento de 12 anos de trabalho de Fórum de Arquitetura, considerando que este prémio é um orgulho que partilha com os professores e estudantes. Recentemente Ângela Mingas foi nomeada para o cargo de Secretária do Estado para o Ordenamento do Território pela nova governação angolana. (Mingas Â. d., 2016, pp. 113-114) (AngoNotícias, 2017)

Numa viagem ao passado, Ângela Mingas conta que cresceu com a ideia de querer ser veterinária, desde a sua adoração por animais e o facto de ter em sua posse um cão em casa. Mingas ainda muito nova abandona a ideia de ser veterinária e passa a explorar o lado artístico, ou seja, intuitivamente Mingas sentiu a sua veia artística a manifestar-se, acabando por estar ligada às artes de alguma maneira. Tal facto levou a arquiteta a começar a sua formação em Portugal na Escola Superior de Belas Artes, para estudar belas artes e não arquitetura. Mas, segundo Mingas a arquitetura acabou por polarizar toda a sua atenção sobrepondo-se a música, ao teatro, as belas artes, a escultura e até mesmo a pintura. Todavia, Mingas refere que sua mãe dizia que quando ela era pequena dava explicações aos seus irmãos e às vezes até aos animais, e portanto, segundo a sua mãe Mingas teria de acabar como professora de alguma maneira. Porém, a arquiteta não se imagina a lidar com papéis, números, ou seja, não se imagina por exemplo como contabilista, pois para a arquiteta não faz sentido (sem querer desmerecer a profissão) mas não se imagina a fazer algo que anula o fator da relação humana. Ângela Mingas conta a sua atração pela arquitetura e o papel de grandes impulsionadores como o seu padrinho que também é arquiteto, José Deodoro Troufa Real e o segundo, o seu falecido tio André Mingas que na altura frequentava o curso de arquitetura. Portanto, seu tio André Mingas solicitava Ângela Mingas para o ajudar a pintar alguns dos seus desenhos, e assim, a arquiteta foi criando uma paixão pelo desenho de arquitetura, algo que advém também de uma intuição ou tendência natural de Mingas para as artes plásticas desde muito nova. (Mingas Â. d., 2016, pp. 118, 122)

Mingas conta que nos seus tempos livres a arquiteta gosta de escrever e tem uma paixão pela literatura, pela poesia. Um dos seus padrinhos o Manuel Rui Monteiro foi quem a incentivou a escrever, e durante algum tempo a arquiteta publicava ocasionalmente em jornais

e revistas. Segundo Mingas quando adolescente dedicava-se mais à prática da escrita, diminuindo a intensidade depois de começar o curso de arquitetura. Para além de escrever, Ângela Mingas também adora cantar, ouvir música, ler, cinema, entre outros. A arquiteta refere também que durante muitos anos jogou basquetebol, e que só desistiu devido a uma lesão nos joelhos. A música é sem dúvida uma paixão que Mingas considera estar ligada à arquitetura e a sua família. Posto isto, a arquiteta orgulha-se do total apoio que recebe de sua família em relação às suas escolhas. Quando falamos da questão de gerir a vida profissional e a vida pessoal, Mingas, refere que tem gerido tal facto de várias maneiras. Primeiramente, Mingas conta que não é uma farsa ser Mingas, filha do Ruy Mingas, sobrinha do André Mingas, irmã da Nayma Mingas, irmã da Catyla Mingas, quer dizer, segundo Ângela Mingas que a referência que as pessoas têm dela acaba por passar sempre pelos outros como por exemplo *“olharem para mim, e dizerem, tu és filha do Ruy? E eu respondo que sim, e até brinco... sou mais bonita do que ele!”* (Mingas Â. L., 2016, p. 123). Entretanto, Mingas Considera tal facto uma construção de orgulho acima de tudo e principalmente de um referencial altíssimo, porque felizmente segundo a arquiteta, os Mingas, desde o seu avô que esteve preso na cidade do Tarrafal em Cabo Verde até ao seu tio André recentemente falecido existe sempre uma referência positiva quer seja pela música, ou pelas artes, e por esta razão, Ângela considera ser Mingas acima de tudo um referencial de orgulho. Quando se fala de arquitetura, fala-se também do seu tio André Mingas. Segundo a arquiteta as pessoas também comentam sobre ela devido ao seu trabalho muito público, e também, por força do seu ativismo social em torno do património. As pessoas conhecem-na quando anda pelas ruas. Por esta razão, a arquiteta pensa ter conseguido conquistar um espaço que não é um espaço conquistado para prevalecer sobre o pai, irmão ou sobre tios, mas algo que aconteceu naturalmente devido a sua dedicação, e que luta diariamente para estar à altura deles. (Mingas Â. L., 2016, pp. 123, 133)

A arquiteta explana que no âmbito da profissão de arquitetura existem alguns arquitetos que aparecem como referência. Mas, o que mais a inspira ou o que mais influência exerce durante os dias de hoje é sem dúvida o arquiteto Sul-africano Luyanda Mpahlwa, com quem Mingas tem uma relação de amizade. Portanto, segundo a arquiteta Luayanda Mpahlwa abre portas para um universo mais amplo acerca da arquitetura africana, podendo com isso, explorar outros valores para além de uma arquitetura dominada fundamentalmente pela história da Europa e da arquitetura greco-romana. Portanto, foi precisamente este olhar diferente para arquitetura que a levou a relacionar-se com personagens como o arquiteto Luyanda Mpahlwa, entre outros arquitetos africanos. (Mingas Â. d., 2016, p. 118)

Posto isto, em mais uma de suas histórias, Mingas [Fig. 31] refere que já se sentiu incapacitada para elaborar alguns projetos que segundo Mingas, se relaciona com o facto de não se aprender tudo na escola. Em 2006, chegou às suas mãos um projeto para desenvolver um estúdio de música. Na altura a arquiteta desconhecia literalmente as características de um espaço dessa natureza. Portanto, devido a imensas dificuldades encontradas a arquiteta teve de investigar, estudar sobre o assunto a fundo. Isso para dizer que, segundo Mingas esta “ignorância” é positiva porque primeiramente não a



Figura 31 - Ângela Mingas. Fonte: (Petzer, 2015)

deixa descansar à sombra da bananeira “*essa coisa do eu já sei de tudo é péssimo*” (Mingas Â. L., 2016, p. 133) , acabando por fazer uma alusão a frase do filósofo grego Sócrates (470 a.C.-399 a.C) “*Só sei que nada sei*”. Todavia, a arquiteta conta também que já se sentiu desafiada por outros colegas no âmbito arquitetónico, mas, segundo ela, de maneira saudável, não encarando isso como algo negativo, como competição, mais sim como uma forma de aprendizagem. O desafio para a arquiteta não é visto como competição, mas faz parte das relações normais com os seus colegas. A arquiteta reforça também que brinca com seus alunos, dizendo-lhes que eles têm sempre a oportunidade de ganhar um ponto na nota se porventura conseguirem dar-lhe algum desafio que Mingas não consiga resolver em 24 horas. (Mingas Â. L., 2016, pp. 133-135)

Ângela Mingas comenta que pensou algumas vezes em desistir da arquitetura, principalmente da arquitetura como exercício profissional e não como paixão, quer dizer, do ponto de vista técnico. Passou a fazer uma arquitetura e projetos de investigação do centro de estudos que segundo a mesma, acabou por ser tão ou mais satisfatório do que elaborar um projeto ou do que manter uma porta de um atelier aberta para a rua à espera do cliente solicitar a elaboração de sua casa no lote tal. Do ponto de vista de Mingas, existem várias maneiras de lidar com o exercício da arquitetura, e Mingas acabou por desistir desta arquitetura que implica lidar com o cliente. A arquiteta refere também que precisava de um descanso até do ponto de vista ético, pois estava a começar a ter sérios problemas para conseguir superar algum mal-estar em relação ao cliente, em relação à sociedade e em relação à corrupção, ou seja, uma serie de questões que envolviam o seu exercício como arquiteta, tanto como criadora de projetos, como de fiscalizadora. Portanto, Mingas acabou por fazer projetos ligados ao planeamento, ligando a investigação e á docência. (Mingas Â. L., 2016, pp. 132-133)

Paralelamente a todas estas questões, Mingas conta que encontrou algumas dificuldades enquanto estudante, bem como profissionalmente. Enquanto estudante teve três confrontos, ou seja, o primeiro foi com um colega e sobre questões que não tinham nada a ver com a arquitetura. Segundo Mingas, o colega acreditava em coisas sobre os negros e sobre os africanos com os quais ela não concordava. O segundo confronto, foi com seu professor da disciplina de Projeto de Ambiente, e portanto, num dos exercícios da disciplina havia um edifício de projeto que os alunos teriam de resolver com o objetivo de melhorar ou de encontrar os melhores indicadores a nível ambiental, conforto, ventilação, entre outros. Segundo a arquiteta era na altura em que se falava imenso sobre a arquitetura ecológica, as ideias dos terraços jardins, ou seja, princípios dos anos 1990. Mingas conta que sentiu imensas dificuldades em pleno 3º ano de arquitetura para resolver a cobertura do seu projeto, e quando o professor regente da cadeira viu o seu projeto perguntou à Mingas *“de onde você é?” ...e Mingas responde: “eu sou de Angola”, e segundo Mingas ele comenta: “é por isso que você tem problemas, não deve estar habituada a este tipo de arquitetura na sua terra”* (Mingas Â. L., 2016, p. 127). Então, depois de responder ao jeito de Mingas ao professor, a arquiteta deixou de frequentar aquela aula, acabando por reprová-lo. No entanto, a arquiteta menciona que teve um terceiro impasse relacionado com o facto de seu antigo professor Victor Consiglieri que na altura tinha 70 anos de idade, e por razões de saúde interrompeu o ano letivo, ou seja, não podia dar aulas, e o conselho científico da faculdade decidiu que o exame de projeto devia ser um exame especial. Segundo a arquiteta, os alunos do 5º ano tiveram de fazer durante 3 dias exames de projeto. Portanto as médias de todos os alunos foram péssimas, sendo que a nota mais alta foi de 11 valores. Posto isto, Mingas diz ter uma formação tranquila, com ótimos colegas como por exemplo: a Rita Dourado; a Filipa Roseta; e a sua grande amiga Joana Vasconcelos. O momento mais difícil foi quando a guerra civil se reacendeu em Angola em 1992, causando-lhe, sérios problemas emocionais e alegando ter sido a primeira vez que reprovou em toda a sua formação. (Mingas Â. L., 2016, pp. 126-127)

Enquanto arquiteta, depois de fazer a sua formação e de ter retornado a Angola, numa fase em que se precisava muito de arquitetos, foi confrontada com algumas situações de falta de ética, ou seja, segundo Mingas aquilo que importava não era a “Arquitetura” no verdadeira sentido da palavra, da arquitetura que é algo que serve o homem, serve o princípio de uma sociedade melhor e do desenvolvimento, entre outros. Era, no entanto, uma questão de construção, de crescimento, sendo muitas vezes confrontada por clientes que lhe perguntavam se não podia tirar um centímetro por cada andar, para poder colocar mais um piso no último andar. Portanto foram inúmeras situações que assustaram a arquiteta num primeiro contacto, juntamente com o crescimento do mercado imobiliário e da construção, igualmente, a falta de ética do mercado imobiliário e da construção fez com que a arquiteta

tivesse uma visão negativa sobre arquitetura em Angola na altura, principalmente porque, segundo ela, era uma altura (princípio do século XXI) em que Angola estava a sair de uma guerra e ainda não tinha suas estruturas minimamente organizadas. Segundo Mingas, nessa altura cada indivíduo fazia o que bem entendia. No entanto apesar de estar impressionada pela negativa devido à falta de ética, a arquiteta continuou a trabalhar como projetista até 2008, altura em que decide especializar-se na área do património de forma a conseguir algum respeito pela arquitetura e pelo espaço construído. (Mingas Â. L., 2016, pp. 127-128)

Ângela Mingas refere que tem algumas metas a alcançar na arquitetura, sendo a primeira relacionado com o ponto de vista académico, ou seja, Mingas pretende estruturar e criar uma referência positiva de investigação da arquitetura em Angola, principalmente na vertente da arquitetura africana. Mingas pretende criar um discurso sério, estruturado a volta dos valores estéticos da arquitetura africana, ou seja, criar um espaço pelo menos para que esse diálogo aconteça. Mingas pretende amplificar o conhecimento dos estudantes e também de colegas nesse sentido, e por isso, o seu papel como professora e investigadora. Entretanto Ângela menciona que enquanto arquiteta espera conseguir implementar dois grandes projetos de arquitetura, que estão relacionados com as linhas de investigação que desenvolve. A primeira está relacionada com a questão dos centros históricos em Angola, a requalificação do património, no qual se tem debruçado durante 10 anos de Fórum de Arquitetura da Universidade. A sua segunda linha de investigação dos centros de estudos, preocupa-se com a reabilitação e a requalificação dos assentamentos informais, ou seja, dos nossos musseques. (Mingas Â. L., 2016, pp. 120-121)

Mingas é também detentora de alguns projetos em Angola, de que se sente bastante orgulhosa. O primeiro está relacionado com a questão do Plano Estratégico de Desenvolvimento dos Centros Históricos, que é um parto do centro de estudo de arquitetura. O segundo, está ligado com o projeto dos Musseques que se relaciona com a preservação e otimização dos assentamentos informais da cidade. Ainda um terceiro que está relacionado com a fundação á 15 anos atrás, do projeto da Escola de Arquitetura da Universidade Lusíada de Angola. Mingas menciona em termos de projetos arquitetónicos, a elaboração do projeto do Polo Universitário de Cabinda da Universidade Lusíada de Angola e os seus projetos pavilhonares, ou seja, o projeto pavilhonar da Expo de Zaragoza e da Expo da Correia do Sul juntamente com a comissão nacional e com a engenheira Albina Assis. Os restantes são projetos simples, básicos, ou seja, habitação coletiva, entre outros. Por fim, Ângela Mingas considera não existirem limites na arquitetura, devem existir limites éticos, ou seja, Mingas pensa que o limite deva ser o homem, e por isso, a arquiteta acredita na ética, na necessidade de trazer para arquitetura um valor social. Por esta razão, o limite deve ser quando a

arquitetura deixa de servir o propósito do homem para a servir outros propósitos, ou valores. Segundo Mingas, a arquitetura deve cumprir o seu papel social. (Mingas Â. L., 2016, p. 130)

## 2. Sobre arquitetura em Angola-Luanda

*“já que Angola é o pior país do Mundo, então, eu sou do pior país do Mundo”* (Mingas Â. L., 2016, p. 138)

Em uma entrevista para o Instituto Mosaiko em Luanda, Ângela Mingas explana a sua opinião sobre a História da Urbanização em Angola, fazendo uso de duas abordagens em torno da questão. A primeira é etimológica para justificar que a urbanização provém de “urbis”, segundo a arquiteta palavra latina equivalente a “m’banza”, de origem kikongo; e a segunda é cronológica, para definir quatro fases distintas da história de Angola, ou seja, antiguidade, escravatura, colonial e republicana. Como refere a arquiteta, a história da urbanização de Angola começa na antiguidade com M’Banza Kongo, capital da nação homónima que surge no século XIV e que permanece como capital imperial até ao século XVII. Segundo Mingas era considerada uma das maiores cidades da costa ocidental africana com pelo menos uma população estimada de 50.000 habitantes. Com um regime organizacional estratificado pela função socioeconómica, com os direitos da cidadania garantidos para cada classe dominante, ou seja, a sociedade era escravagista, existindo também a diferenciação entre o cidadão e o estrangeiro (como eram designados os portugueses). A arquiteta conta que outro facto interessante da antiguidade são as necrópoles, sendo os melhores exemplos a necrópole da Kibala, no Kwanza-Sul, território integrado na nação Ambundo e a cidade de pedra Zimbabwe (património mundial da humanidade). Mingas refere que ao entrarmos no período da escravatura, começam a surgir as cidades litorâneas, de configuração tardo-medieval e fundadas pelos portugueses, sendo Luanda o melhor exemplo, pois preserva ainda características originárias. Mas, no entanto, não podemos esquecer outras cidades igualmente importante como é o caso da cidade da Muxima e Massangano. Do ponto de vista de Ângela, estas cidades continham características específicas que se baseavam na dialética da Cidade-Alta (Aristocracia e o Clero) com a Cidade-Baixa (Navegadores e Mercados), tornando-se um período socialmente marcado pela exclusão, pois os musseques (espaços vocacionados para guardar os escravos) ficavam para além da cidade (circunvalação). (Mingas Â. C., 2013)

Todavia, no período de transição para o período seguinte, dá-se o primeiro processo de Gentrificação Urbana em Luanda quando retiraram a população negra em 1864 do bairro dos Coqueiros e a levaram para o então denominado bairro da Ingombota. Este processo de segregação social tornou possível a requalificação da cidade baseado nos princípios de intervenção urbana que começava a surgir na Europa. No período colonial (1885-1975), as cidades começaram a surgir no interior do país, tanto em formato espontâneo, como previamente projetadas. Com base em Mingas, as cidades eram projetadas com a clara

intenção de segregar brancos e negros, como aparece retratado nos projetos de arquitetura, urbanismo e também na literatura da época, principalmente com os nacionalistas. Entretanto, nos tempos republicanos (desde a independência), a herança portuguesa prevalece como espaço físico até final da Guerra Civil. Contudo no entre o período de 2002-2012, as cidades Angolanas sofreram grandes alterações na sua paisagem, causando um grande impacto na sociedade. Segundo Mingas, algumas propostas políticas com fins de inclusão social acabaram por lamentavelmente se tornar processos de exclusão. Portanto a arquiteta menciona que a ideia de “novas centralidades” serve o propósito de criação de novas cidades em que a ideia de segregação é também, infelizmente, a dominante no que concerne ao desenho urbano. (Mingas Â. C., 2013)

No entanto, a arquiteta encara a arquitetura em Angola como uma disciplina que precisa de cultivar principalmente o conhecimento. Segundo Mingas, a arquitetura em Angola é escassa, existindo mais um fenómeno de construção e de explosão imobiliária e mesmo a pouca arquitetura que se faz, não acarreta um perfil que esteja ligado a valores estéticos mais conectados com a cultura do nosso país, estando profundamente influenciada pela cultura ocidental. Por esta razão, Mingas vê a arquitetura em quatro grandes campos de conhecimento, e pensa que a arquitetura do ponto de vista técnico, o projeto de arquitetura, a gestão e fiscalização de obras é um mercado abrangente e emergente, mas por outro lado, a arquitetura como objeto estético, a arquitetura como disciplina académica em Angola é profundamente deficiente. Mingas refere que não tem uma visão fatalista da arquitetura em Angola, mas sim, realista, ou seja, a arquiteta considera que precisamos de fazer crescer outros campos da arquitetura até que ela seja minimamente satisfatória. Entretanto, Mingas acredita numa melhor arquitetura feita em Angola e refere também, que os angolanos enquanto arquitetos precisam igualmente de algumas oportunidades. (Mingas Â. L., 2016, pp. 118, 121)

Todavia, a arquiteta Ângela Mingas quando questionada sobre qual o seu pensamento acerca da arquitetura existente em Luanda, menciona que vê a arquitetura da cidade de Luanda em quatro grandes vertentes. A primeira está relacionada com a arquitetura do período da escravatura, que segundo Mingas, é uma arquitetura muito austera do ponto de vista formal, com pouca importância, mais histórica do que propriamente arquitetónica, como por exemplo os sobrados das casas típicas, das igrejas, portanto o estilo base na construção da cidade de Luanda. Logo de seguida, encontramos uma arquitetura do Movimento Moderno construído entre os anos 50, e meados dos anos 70, e portanto, uma arquitetura absolutamente excecional em Angola. Segundo a arquiteta esta arquitetura do Movimento Moderno, é uma arquitetura que constrói a expressão não só da cidade de Luanda,

como de todo o país. A arquiteta refere que a maior parte das paisagens das cidades angolanas se constroem a partir de uma arquitetura do Movimento Moderno e também de uma arquitetura tradicionalista Raulina, ou seja, do Estado Novo. Então, segundo Mingas esta arquitetura que encontramos muito na arquitetura do



Figura 32 - Mutu Ya Kevela. Fonte: (Soapro, s.d.)

Vasco Regaleira (1897-1968), projetista do Mutu ya Kevela [Fig. 32], ou seja, o antigo Liceu Salvador Correia, e tantas outras arquiteturas, fazem parte da paisagem de Angola colonial, construída por essas duas vertentes iniciais. No entanto, no período pós-independência, a arquiteta menciona que Angola passou por uma fase de letargia arquitetónica, ou seja, não houve produção arquitetónica até ao final da guerra em 2002. Entretanto, a partir de 2002, juntamente com arquitetura do século XXI, dá-se um crescimento brutal que a arquiteta receia até chamar de arquitetura, mas considera ser acima de tudo um fenómeno de construção massivo, que causou a arquitetura no sentido daquilo que estudamos, á arquitetura, mas escolástica perfeitamente integrada no local, neste sentido a arquitetura em território nacional é precária. Segundo Ângela Mingas, boa parte desta arquitetura nova é importada, e o maior problema é que na maioria das vezes essa importação é feita sem nenhuma referência ao local existente. Do ponto de vista de Mingas, esta arquitetura não respeita as características identitárias e está completamente dissociada das questões climáticas, insustentável do ponto de vista construtivo e precária. Portanto, nós olhamos e efetivamente ela é muito bonita, mas espelha algo que não se identifica com a cidade, e por esta razão, Mingas considera estes edifícios de pouca qualidade, e com sérios problemas a nível do conforto, sem falar que representa para a cidade mais uma ação de cosmética do que propriamente de arquitetura luandense. (Mingas Â. L., 2016, p. 131)

A arquiteta considera que existem vários parâmetros para se efetivar uma mudança de paradigma, ou seja, para uma nova Luanda. Mingas refere que tal facto depende da vontade política, assim como da vontade social, pois a arquiteta considera que estas questões também dependem muito do individuo. Mingas pensa que *“infelizmente a história ensina-nos que as sociedades às vezes aprendem mais com a experiência de forma empírica do que propriamente pela indução abstrata”* (Mingas Â. L., 2016, p. 132), ou seja, podemos até falar sobre a questão, alertar e mesmo assim não convencer o individuo. Segundo Ângela a europa precisou de perder quase dois terços da sua população para aprender que tinha de lavar as mãos, pois a peste bubónica era uma realidade. Isto para dizer que, as pessoas só se consciencializam depois de uma desgraça acontecer. Mingas considera que existem questões que lamentavelmente só a partir da experiência se conseguem fazer valer, do ponto de vista da arquiteta, depende daquilo que se quer dizer com “Nova Luanda”. Segundo a mesma,

Luanda tem uma faceta mais histórica, e portanto, é muito difícil reverter este processo, e com a ajuda da crise, porque quando não existe dinheiro, não é possível mudar nada. Por isso, Mingas pensa que o grande problema passa acima de tudo pela consciência social, ou seja, é primordial investir na educação. (Mingas Â. L., 2016, p. 132)

Ângela Mingas diz por outro lado, não se considerar bastante enraizada com a cultura Angolana. Do seu ponto de vista, sente ainda uma ausência de conhecimento, pois Angola enquanto país é enorme. Portanto, Mingas não está satisfeita, embora consiga falar com propriedade de alguns campos muito específicos. Segundo Mingas, culturalmente Angola é um país plural, e portanto, cada uma dessas facetas da cultura angolana, encerra uma série de outras. Porém, a arquiteta também conta que gostaria de ser mais fluente numa língua tradicional, sem contar que Mingas é absolutamente destribalizada, ou seja, a arquiteta é neta de espanhóis e de portugueses, bem como de Kuanhamas<sup>7</sup>, de Mumuílas<sup>8</sup>, de Luandenses, entre outros. Portanto, devido a essa diversidade, mingas quase que não sabe bem as suas origens. Logo, a arquiteta tem buscado cada vez mais uma proximidade com a cultura angolana *“que fosse para além de comer funge<sup>9</sup> aos sábados”* (Mingas Â. L., 2016, p. 134). No entanto, Mingas pretende enraizar-se com a cultura através da procura e dos objetivos que deseja obter a volta da arquitetura africana. (Mingas Â. L., 2016, p. 134)

Porém, Mingas resplandece toda sua paixão por Angola, pois segundo a arquiteta, sente falta de Angola em todas as vertentes, ou seja, sente falta das pessoas, das coisas, sem estar a romantizar, a arquiteta explica que devido ao seu trabalho académico tem estado mais fora de Angola do que dentro. Por esta razão, arquiteta acredita em Angola, que Angola é um grande país, mesmo com as suas tremendas crises. Segundo Mingas muitas pessoas têm uma imagem negativa de Angola chegando a pensar que Angola é o pior país do Mundo, e quando a arquiteta se depara com essas pessoas ironicamente refere *“já que Angola é o pior país do Mundo, então, eu sou do pior país do Mundo”* (Mingas Â. L., 2016, p. 138). Portanto Mingas diz isso para ver se chama a atenção das pessoas para o facto de que ela enquanto angolana ser consciente de que está a fazer o melhor por Angola e que os angolanos que acordam todos os dias às quatro, cinco horas da manhã estão a fazer o mesmo. E por este motivo, Mingas acredita em Angola, e sabe que Angola ainda tem um caminho longo, geracional, mas que é um processo que será resolvido educando as pessoas.

---

<sup>7</sup> Os Kwanhamas são um subgrupo dos Ovambos que se situam na região sul de Angola (Cunene), tendo como último rei o Mandume ya Ndemufayo (1884-1917)

<sup>8</sup> As Mumuílas fazem parte de uma tribo que vive no deserto do Namibe, no sudeste de Angola. Orgulhosas da sua tradição e zelosas das suas origens.

<sup>9</sup> O funge é um acompanhamento típico culinário de Angola

Segundo Mingas, essa educação é um processo que se transmite de mais velho para mais novo, e por isso, assume Angola na sua vertente negativa e positiva e compromete-se com Angola em termos de futuro, finalizando com a proclamação de um excerto do hino nacional cantado pelo seu pai Ruy Mingas “*Angola avante, revolução, pelo poder popular, pátria unida, liberdade, um só povo, uma só nação*” (Mingas Â. L., 2016, p. 138). (Mingas Â. L., 2016, p. 138)

### 3. Mingas enquanto mulher e arquiteta angolana

“*Mas se o próprio conceito da arquitetura ainda sequer se conseguiu dissociar do da engenharia e se o ridículo é que a tentativa de ser-se na sua plenitude, ainda é ser-se uma avis rara o que dizer de ser-se Arquiteta*” (Mingas Â. C., 2011)

Antes de toda a conversa sobre a questão da mulher arquiteta em Angola, Ângela Mingas [Fig. 33] conta um pouco sobre a sua vaidade enquanto mulher. Mingas refere que a sua vaidade embora enquanto mulher seja uma questão física, também é acima de tudo intelectual. A arquiteta ironicamente e desculpando-se refere que “*não tenho o perfil da mulherzinha de salão, alias minha cabeleireira reclama que só me vê uma vez por mês*” (Mingas Â. d., 2016, p. 123) , isso para dizer que, que existe uma construção em torno de sua vaidade. Mingas diz ser óbvio que tem cuidado com a sua pessoa, mas essa vaidade não é um culto, ou seja, que a sua vaidade física não é um culto, sendo algo que lhe interessa até determinado patamar. Segundo Mingas, tal facto não interfere de maneira nenhuma na sua agenda, tanto é



Figura 33 - Ângela Mingas. Fonte: (ULA, 2015)

assim que quando Mingas abre sua agenda depara-se com; as suas aulas marcadas; as suas reuniões; encontra até mesmo o cinema e jantares com amigos; mas não aparece na sua agenda “salão de beleza”. Ângela Mingas não considera esta questão prioritária, portanto, diz ser algo que é uma referência, acabando por ser quase como escovar os dentes, ou seja, é algo que é inerente à sua maneira de estar. Efetivamente a arquiteta tem cuidado com a forma como se veste, mas tal facto não ultrapassa um determinado limite, e por esta razão, Mingas não se considera um ícone de moda, uma referência de estilo. Segundo a mesma, as pessoas conhecem-na mais pela maneira de estar, ou seja, pela sua maneira de se posicionar. (Mingas Â. d., 2016, pp. 123-124)

Todavia, a arquiteta Ângela Mingas menciona que ser um arquiteto Mulher em Angola é algo muito complicado. Segundo Mingas, o mundo da construção para as arquitetas é terrível, pois as arquitetas quase sempre têm de provar que são melhores que os homens. Mingas refere não ter preferência por fiscalização de obra devido ao seu confronto com a figura masculina incomodativa na obra, e não é porque a arquiteta tenha qualquer tipo de problema em relacionar-se com homens ou com indivíduos do sexo masculino, mas por toda a postura de ter de provar permanentemente que detém o conhecimento, que domina, torna-se um processo incomodativo, principalmente porque esta etiqueta da inferioridade intelectual e da capacidade profissional da mulher deve acabar. Entretanto a arquiteta refere que infelizmente de todas as vezes que se confrontou com certas situações, foi levada a este tipo de jogo, a este desmerecimento, principalmente na presença de um homem ao seu lado, ou seja, o dono da obra ou o diretor da obra, pois dirigem-se sempre para ele em vez dela, tanto é assim que às vezes o engenheiro dizia: “mas ela é que é a arquiteta”. Portanto este sentimento incomoda profundamente, no entanto também, segundo Mingas, quando se consegue provar essa capacidade, existe um respeito que até parece superior... a arquiteta conta que conhece alguns empreiteiros que quando a viam diziam: “a general esta a chegar” ou seja, do tipo, esta arquiteta domina o conhecimento, e inclusivamente até, sabe-se lá porquê posicionam-na num patamar superior. Segundo Mingas, este é um processo que acaba por vir com o pacote, ou seja, nós não podemos lutar contra ele pensando que iremos ter sucesso imediato, pois é algo que se vai esbatendo geracionalmente. (Mingas Â. C., 2011, p. 124)

No entanto, Mingas espera que seja breve e que exista de facto equidade não só do ponto de vista formal mas também ao nível das relações, ou seja, Mingas não quer que o homem a veja como um ser igual, pois ela não é, mas quer uma relação social equivalente aos homens, pois a arquiteta tem necessidades quer do ponto de vista fisiológicos quer do ponto de vista emocional e social diferentes. Efetivamente assume-se como diferente de um homem, mas nem por isso com menos direitos do que ele. A arquiteta refere que infelizmente por causa dessa situação, principalmente em Angola as mulheres acabam por ser reconhecidas no universo enquanto arquitetas devido ao mundo académico, dominando claramente em relação aos homens, mas mesmo nas academias, embora seja um domínio mais feminino do que masculino, em que não se é encarrado como arquiteto, dá aulas simplesmente, ou seja, é um mundo que é considerado à partida inferior. Mingas refere que as mulheres em Angola infelizmente pelo facto da sociedade angolana ser muito tradicional, ou seja, estar a tender para uma “tradicionalização” não têm muito espaço social para desenvolverem as suas carreiras como arquitetas. Os benefícios sociais não são grande coisa, acabando às vezes por ter problemas a nível da gestão das suas famílias, e por essa

razão, desistem muitas vezes das suas funções. Segundo Mingas não é uma batalha tão fácil quanto parece. (Mingas Â. d., 2016, pp. 124-125)

Porém, num artigo para o “Jornal Arquitetos” Mingas refere que nos dias de hoje as mulheres estão a ocupar lugares estratégicos e a desempenhar funções cada vez mais expressivas, conquistando um lugar a nível social mundial cada vez mais impossível de relevar para segundo plano. Em África este processo, embora visível ainda é encarado como uma invasão territorial aos domínios masculinos. Segundo Mingas, Angola, que se pode enaltecer por ser um dos poucos com linhas de desenvolvimento associadas à promoção da mulher, tais como a Presidência da República por ter designado uma cota obrigatória de 30% das funções executivas do governo destinada às mulheres, para além da existência de um Ministério direccionado para os problemas da mulher, ainda não reflete efetivamente em políticas reais de apoio à vida laboral da mulher, causando dificuldades para que as mesmas possam conjugar as suas questões profissionais com as familiares. Mingas refere-se às questões legais como a duração das licenças de parto, apoio materno-infantil nas empresas e nas instituições públicas, bem como os horários escolares para o ensino de base, entre outros aspetos relacionados com a vida familiar, que no caso dos países africanos são uma realidade incontornável por atingir a maioria esmagadora das mulheres. Segundo a arquiteta, em Angola a importância da família como objetivo de vida é por vezes mais importante que o sucesso profissional, ou seja, o sucesso no sentido da construção de uma carreira com objetivos claramente definidos, suportados em estratégias que vão desde a formação contínua até à disponibilidade e concretização de etapas para atingir um fim. Entretanto, Mingas conta que a sua experiência de trabalho com mulheres, embora as mesmas sejam efetivamente mais eficazes que os homens (metódicas e perseverantes), diz que a noção de profissão nelas, ainda está ao nível dum segundo plano, pois em primeira instância está a família. No entanto, Mingas refere também que está provado que é a mulher quem mais trabalha numa família. (Mingas Â. C., 2011)

No entanto, do ponto de vista da arquiteta Ângela Mingas existe todo um conjunto de ações discriminatórias ao exercício profissional das mulheres, que oscilam entre a confiança social no seu trabalho até às disparidades existentes no campo salarial. Sobre esta questão, Mingas refere que temos em Angola uma expressão grandiosa e envaidecedora de mulheres batalhadoras que conquistaram os seus espaços profissionais, construíram uma sólida carreira, muitas delas em “lugares de Homens”, como por exemplo Ministras, Militares ou Polícias, entre outros. Porém, segundo Mingas todas elas têm um denominador comum, ou seja, a incompatibilidade entre as suas carreiras e a vida familiar, salvaguardando, algumas exceções. No entanto a arquiteta menciona que ainda existem profissões cuja importância,

neste momento, nem sequer está devidamente sedimentada quanto mais a aceitação do género feminino no seu seio, sendo a arquitetura uma delas. No entanto, segundo Mingas, no modelo atual de Angola, a profissão está a conquistar ao longo dos tempos a sua importância e felizmente num momento favorável, quer do ponto de vista político quer do ponto de vista social. *“Mas se o próprio conceito da arquitetura ainda sequer se conseguiu dissociar do da engenharia e se o ridículo é que a tentativa de ser-se na sua plenitude, ainda é ser-se uma avis rara o que dizer de ser-se Arquiteta”* (Mingas Â. C., 2011). Segundo Mingas, para além de ter que se lutar contra o estigma, ainda têm que estar confrontadas com a depreciação de estarem a fazer o papel de homem, pois o próprio mercado em princípio as rejeita. A arquiteta refere que culturalmente às mulheres é atribuído o papel do espaço casa, e em alguns casos, a sua construção. Mas essa questão de entendimento da importância da mulher não se transfere para esta era de conflito entre o rural e o urbano, onde no processo se perdem os valores cruciais do papel de cada um no espaço social. (Mingas Â. C., 2011)

Sobre à questão da Mulher, Mingas apresenta duas escalas de abordagens. A primeira esta relacionada com a importância da profissão “Arquiteto” numa sociedade como a Angolana que é comum aos dois géneros. No entanto, em segundo está a questão da carreira na Arquitetura para as mulheres. Portanto, num primeiro campo, Mingas refere que homens e mulheres lutam lado a lado para afirmar progressivamente o exercício profissional consciente e potencializador do melhor pensamento crítico que a classe pode fornecer à sociedade. A arquiteta considera não ser um processo fácil, devido a vivência de um momento historicamente associado ao lema político principal da “Reconstrução Nacional”, com o crescimento contínuo do Mercado Imobiliário e que vem transformando o arquiteto num agente pragmático do processo da construção. Portanto segundo Mingas, este processo é fundamentalmente um campo social não existindo do ponto de vista comunitário nenhuma diferença atribuída ao ser-se homem ou mulher. Isso para dizer que, o enquadramento principal que o arquiteto teve na altura em Angola como profissional é ser empregado pelas empresas de construção ou engenharia, prestando o seu contributo, não como líder, mas como seguidor de propósitos periféricos à sua ação como profissional. (Mingas Â. C., 2011)

Por outro lado, a arquiteta conta que a construção da carreira na Arquitetura, pressupõe outros aspetos de relações conjuntas entre arquiteto e cliente que enfrentam de males aquém da vontade individual para ultrapassar. Sendo que a mulher neste campo tem que lutar contra: à questão “Prioridade”, ou seja, o facto de existir permanentemente a falta de apoio social para equilibrar os fatores família/profissão, o que faz com que o início da carreira para a maioria das mulheres seja um processo difícil; à questão “Desproporção”, quer dizer, segundo Mingas as jovens mulheres ainda acreditam na arquitetura como uma

profissão de “homem” e por essa razão, a ratio entre estudantes é na razão de 40%-60%, tendo como consequência o facto de no final, o número de jovens arquitetas propostas para o mercado ronde perto dos 25-30% do número final; à questão “Preferência/Rejeição”, ou seja, baseado em Mingas, existe uma linha ténue. Portanto o facto de ser visível, em termos quantitativos - a “opção” por arquitetos para cargos de responsabilidades na Administração Pública (na República de Angola, por Decreto, todas as Administrações Públicas são obrigadas a ter um Setor do Ordenamento do Território liderado por um profissional da Arquitetura) e no setor privado, segundo a arquiteta o mercado de trabalho principalmente o imobiliário se for quantificado, irá afirmar os mesmos parâmetros. (Mingas Â. C., 2011)

Porém, a arquiteta cita que a mulher na arquitetura tem vindo a desempenhar o seu papel de forma subtil, consolidando passo a passo uma postura de profundo rigor e valor perante seus pares. Segundo Mingas, a ação de projetar das mulheres arquitetas em Angola tem exemplos de raro valor, como a de Ana Torres (já falecida) com uma obra modernista sublime ou Isabel Martins cuja ação no campo da Recuperação de Património também se faz pela diferença. Segundo Mingas, a obra de Ana Torres, ou seja, o edifício-sede do Ministério da Energia e Águas, no Bairro do São Paulo na Cidade de Luanda é um exemplo magistral de arquitetura moderna, devido à sua leveza icónica, e sua perfeita adaptação à envolvente, fazendo parte integrante do património modernista da cidade. Mingas menciona também a importância da arquiteta Isabel Martins, pois ela é uma referência do ensino de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto e da investigação no campo da História da Arquitetura. Segundo Mingas, a arquiteta Isabel Martins é referência incontornável e a sua obra mais expressiva está relacionada com a Recuperação do edifício-sede do Ministério das Telecomunicações, no Bairro do Carmo em pleno Centro Histórico da Cidade, sendo referência para estudo na área. Portanto, para além dessa ação consciente do exercício da arquitetura, onde a prioridade tem sido o valor acrescentado, a maior prestação da mulher arquiteta está mais ligada ao campo do ensino e também da investigação. (Mingas Â. C., 2011)

Finalmente, a arquiteta Ângela Mingas menciona que no momento histórico-social que Angola está vivendo, a afirmação da mulher tem sido feita através do ensino e da ação fora do mercado imobiliário, tendo assim uma postura, mais ligada aos valores de consciência e moral cívica do que consumista ou imediatista. Segundo a arquiteta esta forma de estar na arquitetura é consequência da estrutura social a que as Mulheres estão sujeitas, mais do que a um formato qualquer de exclusão premeditado. Porém, após todas estas considerações, a postura de Ângela Mingas é claramente positiva. Segundo a mesma, existem sim questões relacionadas com a moral social do país, e infelizmente algumas até de exclusão, mas parece que os problemas das mulheres são os problemas comuns. Portanto, enquanto arquiteta e

professora de arquitetura já foi alvo de exclusão ou depreciação, mas, entretanto, a arquiteta com confiança e perseverança superou todos esses empecilhos. Porém Mingas, vê como futuras gerações de arquitetas “meninas” claramente emancipadas de valores morais arcaicos, profundamente conscientes do seu valor e com vontade para mudar o mundo para melhor. (Mingas Â. C., 2011)

#### 4. Práticas profissionais: a ideia das académias

Segundo Mingas, existem pelo menos 17 escolas de arquitetura em Angola. Só na cidade de Luanda existem 12 escolas de arquitetura. Do ponto de vista da arquiteta o número de escola de arquitetura em Angola é o suficiente para os dias de hoje. Portanto, Mingas acredita que o fundamental é que as escolas desenvolvam, cada vez mais os seus princípios de qualidade. Posto isto, considera também que só com a quantidade é que se consegue alguma qualidade, ou seja, *“quando temos um único vestido, só podemos utilizar um, quando temos dois, é um dia sim, outro dia não, agora, quando temos muitos vestidos utilizamos o que melhor dá para a ocasião”* (Mingas Â. L., 2016, p. 120). Isto para dizer que, para Ângela, 17 escolas de arquitetura em Angola é uma dimensão bastante razoável, considerando mesmo a hipótese de não ser necessário atualmente mais escolas de arquitetura. Porém, se surgirem novas escolas, que se façam valer pela qualidade, que acaba por ser o grande diferencial entre as escolas. (Mingas Â. L., 2016, p. 120)

A arquiteta considera que o ensino da arquitetura em Angola tem vindo a ganhar qualidade, e serve de exemplo a Universidade Lusíada de Angola. Do ponto de vista da arquiteta Ângela Mingas, a Universidade Lusíada de Angola, fundada por um grupo de professores dos quais Mingas faz parte, perseguiram o objetivo de fazer da Universidade uma referência equivalente às grandes escolas de arquitetura. Efetivamente, tem sido positivo constatar que ao longo de mais de dez anos se produziu trabalho internacional com universidades da América Latina, e São Paulo, a Curitiba de Panamá do Brasil, universidades europeias como a Alcalá de Henares em Espanha, a Universidade Lusíada do Porto, e em relação à África, com universidades que algumas delas aparecem no ranking das melhores universidades do mundo, como por exemplo: a Cape Town University, a Universidade de Joanesburgo, e por fim a Universidade Politécnica da Namíbia. Portanto, é feito um enorme esforço para permanecer em constante conexão com as diferentes universidades, e tem sido positivo compreender que os seus alunos estão ao mesmo nível dos estudantes de outras universidades, o que a leva a ter uma perceção positiva do ensino angolano. Porém, existem outras universidades em Angola que em comunhão com a Faculdade Lusíada de Angola também se apresentam nestes momentos de intercâmbio como universidades com uma formação com pensamento criativo de alguma qualidade. (Mingas Â. L., 2016, p. 119)

Posto isto, a arquiteta considera difícil ser docente em Angola. Em primeiro lugar porque contem um lado emocional, que está relacionado com o profundo respeito pelos estudantes que fazem um percurso pré-universitário de base, mas que chegam á universidade lamentavelmente sem as ferramentas necessárias para desenvolver e para assimilar toda a informação que a universidade tem disponível para transmitir. Mesmo que esse não seja um

problema da universidade, pois não são responsáveis pela formação base do aluno, têm que obrigatoriamente envolver-se, pois não podem formar um arquiteto sem que ele tenha estruturado algumas bases. Portanto, a primeira dificuldade no desafio académico ou sobre a questão do ser docente passa por terem de ir para além daquilo que são as suas obrigações, passa por uma questão humana. O segundo ponto, está relacionado com as condições de materiais, mas segundo Mingas, é relativo, porque hoje em dia toda a informação que necessitamos está á vista, ou seja, basta aceder a internet, registamo-nos rapidamente num centro de informações, e com uma senha a gente consegue encontrar uma série de informação. Segundo a arquiteta alguns dos seus colegas reclamam a falta de livros em Angola, mas o que ela acredita que seja um problema material, é que os recursos nem sempre estão disponíveis, sendo realmente um problema. (Mingas Â. L., 2016, p. 121)

Agora, do ponto de vista de Mingas, o maior problema passa pela falta de crédito que o docente tem perante o mundo. A arquiteta quando decidiu em 2008 seguir a carreira académica exclusivamente, acabou por marginalizar todo o seu trabalho enquanto projetista e fiscalizadora de obras, pois considerava que aquele não era o seu papel social. Não era fazer obras e desenvolver uma atividade comercial, que exercia até com determinado sucesso. Facto é que, enquanto docente Ângela Mingas fez uma opção que desmereceu o seu valor perante os colegas, justificando com a seguinte história:

*“uma vez encontrei um colega e ele cumprimentou-me, alegre e disse: hepa Ângela, tudo bem?... Há tanto tempo que a gente não se vê... então, aonde é que tu estas a trabalhar? e eu respondo: eu estou a trabalhar na Lusíada. Resposta do colega: na Lusíadas tu dás aulas, mas aonde é que tu trabalhas mesmo?”. (Mingas Â. L., 2016, pp. 121-122).*

Portanto, segundo a arquiteta não existe de maneira alguma, valor atribuído ao trabalho que os docentes fazem. Por outro lado, o grande orgulho é quando percebem que os seus estudantes ou os estudantes que passam pelas suas mãos desenvolvem o seu percurso com profundo rigor, inclusivamente, quer a gente goste, quer não, alguns até pensam que se formaram no exterior, o que é bastante satisfatório, uma vez que em Angola as pessoas pensam que o que vem de fora é que é bom, e se olham para os seus alunos da mesma forma significa que estão a fazer um ótimo trabalho. Todavia, Mingas sente-se feliz em ser docente, em poder passar a mensagem e lidar com seus alunos, e diz não se tratar de uma questão egocêntrica por estar a transmitir o conhecimento, mais sim por ser algo biunívoco, um processo de aprendizagem mútua, ou seja, a arquiteta precisa deste contato, de poder beber da fonte da juventude. (Mingas Â. L., 2016, pp. 121-122)

Porém, a arquiteta acredita que a formação académica não é tudo na vida de um indivíduo e pensa também que a formação do arquiteto em Angola é igualmente válida a qualquer outra formação feita no exterior. Segundo Mingas podem eventualmente ter um professor melhor ou pior, assim como, uma situação urbana diferente, mas o que um indivíduo faz consigo, o conhecimento que carrega, de diferentes interesses é uma conquista pessoal, e portanto, não acredita que a sua formação como indivíduo fosse tão diferente quanto isso. Contudo, quando Mingas volta para Angola após finalizar sua formação, sentiu a necessidade de investir profundamente na sua adaptação, pois a sua formação foi muito eurocêntrica, ou seja, a arquiteta como já foi referido, estudou em Portugal na Universidade Técnica de Lisboa, não estudando em nenhum outro universo que não acabasse no mediterrâneo, e por isso, não estudou nada relacionado com a arquitetura asiática nem africana muito menos amerim. Começava nos gregos, nos pré-socráticos e terminando no Siza Vieira. Isso para dizer que, a arquiteta não deve toda sua formação fora do país, muito pelo contrário, deve-a à sua autoformação, e a tudo o que conseguiu observar também no seu contexto. Portanto, a arquiteta pensa que estudar em Angola ou num outro país, é parcialmente igual, pois isso depende do indivíduo, partindo de mínimos exigidos. (Mingas Â. L., 2016, p. 126)

Mingas organiza suas aulas durante o final de semana, que é quando tem tempo e tranquilidade para rever os seus sílabos, ou seja, as disciplinas que leciona. Segundo Ângela, as aulas são dadas de segunda a quinta-feira, e refere também que as disciplinas dadas em aulas ainda estão em fase de formatação. Disciplinas essas que estão relacionadas com a Teoria da Arquitetura, bem como com o pensamento da arquitetura africana. Um trabalho base que tem vindo a construir há três anos para suas aulas, e por isso, durante o final de semana organiza as aulas da semana e todos os dias antes de dar aulas a arquiteta metodologicamente mantém-se quieta no seu canto, de maneira a poder fazer uma adequação ao dia, ou seja, vai a procura nas diferentes fontes de pesquisas como por exemplo a internet, temas atuais que estejam relacionados com o assunto que pretende falar nas aulas deste dia em específico. Mas no que concerne a investigação não aplicada ao ensino, a arquiteta neste caso organiza bem o dia, com as horas específicas para estar a fazer a investigação autónoma, mas no caso de se tratar de uma investigação relacionada com as questões do património ou dos musseques a arquiteta dispõe da ajuda de toda a equipa de trabalho, da qual é coordenadora. E democraticamente em atelier, com muito trabalho e boa vibração dos colegas a arquiteta resolve todos os problemas encontrados durante a investigação. Mas para além disso, Mingas trabalha com produção, ou seja, curadoria da arquitetura, exposições, workshops, que é um registo diferente, mais administrativo com uma componente lúdica também, sendo esta parte um processo mais cansativo devido ao trabalho mais reativo que é feito. Mingas considera que suas obras arquitetónicas no sentido do

edifício, não servem de exemplo para seus alunos, mas se estivermos a falar do papel social da arquitetura, neste campo, o projeto de planeamento é uma das bases do seu trabalho, aparece como um elemento importante a ter-se em conta. (Mingas Â. L., 2016, pp. 125-126, 136)

Posto isto, com base num questionário feito aos alunos com objetivo de saber a relação que os mesmos têm com a arquiteta, foi possível perceber que do ponto de vista dos mesmos, ser aluno da arquiteta Mingas é bastante enriquecedor e produtivo, devido à sua maneira maravilhosa de ensinar a real vertente da arquitetura. Mingas é para muitos, uma profissional excelente, bastante interessante, e que lhes reserva sempre alguma coisa nova, ou seja, com a arquiteta o elemento surpresa em aula é constante, contribuindo para novas aprendizagens dos alunos. Portanto, para os mesmos, ser aluno de Mingas é gratificante, pois do ponto de vista deles, a arquiteta é uma fonte de sabedoria constante, porque para além de aprenderem arquitetura também aprendem coisas que lhes valerão para o resto das suas vidas. Segundo os alunos, a arquiteta permite que o aluno tenha livre arbítrio no que refere à aplicação de novas ideias. Portanto, ser aluno de Mingas é uma honra para muitos, embora alguns consideram que seja complicado ser aluno da arquiteta, pois muitos deles sentem-se intimidados com a sua presença, porque muitos deles não têm grande contacto com a arquiteta, embora esses mesmos alunos se alegrem com a metodologia de ensino de Mingas. (Alunos e Colegas , 2017, pp. 166-180)

Todavia, no que tange a relação interpessoal com a arquiteta, muitos dos alunos encaram Mingas como uma segunda mãe, devido à forma como ela os aborda para uma conversa, dando-lhes conselhos positivos. Portanto, alguns deles consideram Mingas um ser humano adorável, atenciosa, rigorosa, perfeccionista, versátil, multifacetada, intelectual, dinâmica, com seus defeitos, assim como todos os seres humanos mas de vasto conhecimento, social, inspiradora, de personalidade forte, compreensível, que segundos os alunos com um futuro promissor, embora não tenha tantos apoios para concretizar a suas ideias. Mas de uma maneira geral, Mingas serve como exemplo para os seus discentes e colegas. Entretanto, segundo os Alunos, apesar de Mingas não ser detentora de muitas obras arquitetónicas ela é sem dúvida uma referência no que tange à divulgação e preservação da história da arquitetura em Angola. Por fim, com base nos colegas da arquiteta, Mingas “não fala o que pensa, porém, pensa o que fala”, e que é diferente de muitos arquitetos que não têm alma, mingas pertence ao grupo dos que tem alma pela arquitetura. Portanto, do ponto de vistas dos colegas Mingas faz tudo com paixão, acabando por contagiar todos ao seu redor. Em suma, em uma única simples frase eles definem a arquiteta dizendo “a arquiteta Ângela Mingas é a Maior”. (Alunos e Colegas , 2017, pp. 166-180)

## 11 Anos do Fórum de Arquitetura Académica

Ângela Mingas conta que o Fórum de Arquitetura [Fig.34] é uma criação do Centro de Estudo e Investigação Científica de Arquitetura (CEICA) [Fig. 35], da Universidade Lusíada de Angola, no qual, Mingas é cocoordenadora e curadora. Tem cumprido o seu papel social neste que é o maior evento académico da área em Angola, sendo por isso, o resultado de mais de 10 anos de trabalho. Portanto o Fórum de Arquitetura é um evento anual que acontece em outubro, no coração da cidade de Luanda, onde igualmente se situa a Universidade Lusíada de Angola. O fórum também é um espaço onde são debatidas diversas disciplinas, assim como, se promove o intercâmbio entre diferentes Universidades a nível internacional, afirmando a sua identidade e criando uma tradição no mundo académico angolano. (Mingas Â. d., 2016)

Segundo Mingas, o Fórum de Arquitetura contem um programa aberto a todos as Escolas de Arquitetura nacionais e internacionais criando fortes relações académicas com outras Escolas de Arquitetura. O mesmo integra uma rede de intercâmbio científico abrindo portas a um campo alargado de estratégias de ação, assim como, atua sobre a diversidade da realidade sociocultural de Angola. No entanto, o conceito “Fórum de arquitetura” não se restringe simplesmente nas conferências e oficinas de projeto, ou seja, também é possível encontrarmos diferentes atividades como por exemplo: Passeios Guiados; Exposições [Fig. 36], Feiras e Bazares; Música, Teatro entre outras manifestações artísticas. Em suma, o Fórum de Arquitetura é um espaço que proporciona momentos de interesse científico enraizados na cultura e ao mesmo tempo ajuda no crescimento de Angola. (Mingas Â. d., 2016)



Figura 34 - Flyers 11 Anos Fórum de Arquitetura Académica, 2016. Fonte: CEICA, Centro de Estudo e Investigação Científica de Arquitetura.



Figura 35 - Membros do CEICA: Fonte: CEICA, Centro de Estudo e Investigação Científica de Arquitetura.



Figura 36 - Exposição do 11 Anos de Fórum de Arquitetura, 2016. Fonte: Manuel Sebastião.

A arquiteta efetua uma pequena abordagem à metodologia aplicada na preparação do fórum. Portanto, durante o processo de preparação do fórum são organizadas diferentes equipas, alguma delas que se responsabilizam pela montagem da exposição, que fica ao encargo de colegas Arquitetos formados na Universidade Lusíada de Angola, juntamente com o apoio dos alunos [Fig. 37]. A outra equipa é o grupo que constitui o CEICA que faz um trabalho imprescindível de secretariado. Continuamente, é feita a preparação de um workshop que resume os 10 anos de trabalho sobre o Plano Estratégico de Desenvolvimento dos Centros Históricos, e da salvaguarda do Património no contexto angolano. (Mingas Â. d., 2016)



Figura 37 - Montagem da exposição do Fórum de Arquitetura, com participação dos alunos. Fonte: Manuel Sebastião

No decorrer do fórum é realizada uma conferência sobre o Dia Mundial do Habitar na Universidade Agostinho Neto e logo de seguida dá-se início à abertura do fórum na Universidade Lusíada de Angola. Durante a semana do Fórum de Arquitetura inicia-se uma atividade denominada “Charrete”, um exercício criado por um professor brasileiro convidado há mais de 6 anos chamado João Supcia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), no qual eu, Manuel Sebastião tive o prazer de participar. A Charrete é um exercício que envolve toda a universidade, assim como, estudantes de outras universidades, sendo Mingas juntamente com o professor Maurício Ívan Ganduglia coordenadores. Esta fase envolve diferentes etapas que liga a relação dos alunos com a construção das tendências do desenho arquitetónico e dos problemas da arquitetura. Portanto, durante as atividades do fórum as aulas não são interrompidas, e também é feita uma conferência onde é apresentado o projeto dos Centros Históricos. Logo de seguida, elabora-se os trabalhos que foram levados para a Conferência Internacional das Nações Unidas sobre o Habitar Três na Colômbia. O Fórum de Arquitetura termina com a apresentação final das propostas elaboradas no exercício da Charrete, seguido de uma cerimónia comemorativa [Fig. 38]. (Mingas Â. d., 2016)



Figura 38 - Cerimónia comemorativa dos 11 Anos de Fórum de Arquitetura, 2016. Fonte: Manuel Sebastião

## 5. Implementação do Plano Estratégico e Desenvolvimento da Cidade de Luanda

*“Não se trata de uma questão sobre a História de Portugal, trata-se de uma questão de verdade Histórica de Angola e Portugal”* (Mingas Â. d., 2016, p. 128)

Com base no discurso da arquiteta Ângela Mingas, o Plano Estratégico de Desenvolvimento dos Centros Históricos [Fig. 39], assim como a Preservação e Otimização dos Assentamentos Informais, ou seja, os Musseques da cidade, é um projeto que nasce no Centro de Estudo e Investigação Científica de Arquitetura da Faculdade Lusíada de Angola. A arquiteta conta que o campo mais difícil é perceber o que realmente se quer defender, isto é, o património como tal, como edifício com valor histórico

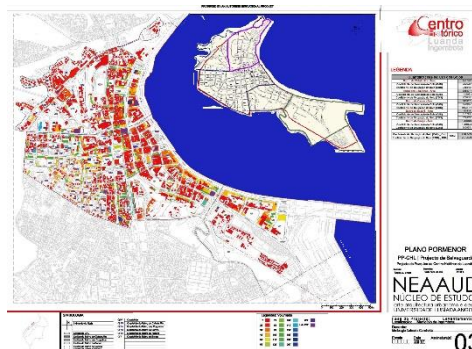


Figura 39 - Plano Estratégico de Luanda. Fonte: NEAAUD – Núcleo de Estudos, Arte, Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Lusíada de Angola.

e que representa uma determinada faceta da memória social de uma cultura. Mingas, inicia todo o processo em torno da importância da preservação do património na altura em que é anunciada a alteração do Mercado do Kinaxixi, assim como, a proposta do projeto das Ilhas na Baía. Estas duas intervenções criaram uma celeuma social enorme que incentivaram Mingas a refletir sobre questões relacionadas com a preservação do património. Entretanto, a cidade de Luanda, fundada por Paulo Dias de Novas, surge enraizada com a história portuguesa, ou seja, existe uma história comum com Portugal à volta da criação de Luanda que deve ser respeitada. Todavia, existe igualmente uma história que parece esquecida a volta da criação de Luanda e surge suportada na memória triste da Rota dos Escravos, que para a arquiteta é fundamental na preservação da história antiga da cidade de Luanda. Portanto, como entidade patrimonial o que sobra da cidade de Luanda antiga, da cidade colonial e da cidade escravocrata de Luanda está exatamente relacionado com o fenómeno da escravidão, por este motivo, Mingas defende a preservação da memória do homem escravizado, ou seja, *“Não se trata de uma questão sobre a História de Portugal, trata-se de uma questão de verdade histórica de Angola e Portugal”* (Mingas Â. d., 2016, p. 128). (Mingas Â. d., 2016, p. 128)

Entretanto, segundo a arquiteta a grande consciência sobre a preservação do património, surge em 2010 quando num discurso sobre o Estado da Nação aonde Presidente da República de Angola menciona toda a problemática relacionada com o património cultural. A partir deste momento juntamente com a demolição do Mercado do Kinaxixi, as pessoas passam a ter mais consciência, e à não existência do Mercado do Kinaxixi, fez com que do

ponto de vista físico e da paisagem as pessoas sentissem sua falta. Portanto, isto foi de facto a fronteira para que o cidadão de Luanda passasse a valorizar o património existente. Não obstante, outro dos fatores que influenciam negativamente está relacionada com a ideia de modernização, ou seja, a ideia de que tudo que vem de fora é bom. A arquiteta pensa estar ligado à cultura, a uma evocação da cidade, isto é, a cidade de Luanda é construída por camadas, pois quem vem destrói o que existe. E se olharmos para a história de Luanda facilmente se percebe as diferentes intervenções dos diferentes governadores, mas suas mudanças não são de expansão da cidade, se não uma sobreposição de diferentes camadas sempre no mesmo local. (Mingas Â. d., 2016, pp. 128-129)

Portanto, umas das estratégias seria fazer com que a preservação do centro da cidade servisse de argumento para expandir a cidade. Porém, a cidade estava completamente encerrada por Musseques o que dificultava a expansão da mesma. Seria necessário demolir esses musseques de maneira a evitar a sobreposição de layers. Todavia, hoje em dia com os grandes eixos de desenvolvimento, a expansão da cidade é inevitável. Mingas, refere ainda que um dos fatores responsável pela perda de património está relacionado com a questão financeira, na sua maioria individual, ou seja, devido a forte aderência e do capital abundante angolano, o mercado da construção tem sido absolutamente insaciável e predador, ou seja, era uma questão de dinheiro. E devido a esse fator criou-se um falso argumento numa tentativa de alienar o património, facilitando a compra de um território de preferência com vista para o mar, uma vez que todo o território da cidade antiga se situa no espaço mais privilegiado da cidade de Luanda. (Mingas Â. d., 2016, p. 129)

Posto isto, Ângela Mingas continua seu discurso em defesa dos Musseques [Fig. 40], argumentando que os Musseques são objetos urbanos, de grande escala e de inúmeras diversidades. Segundo a arquiteta, os Musseques enquanto formas urbanas organizam-se em função de parâmetros completamente diferentes do que é entendido na cidade formal, e não se trata simplesmente de uma diferença ao nível do design, muito pelo contrário, refere-se ao nível da

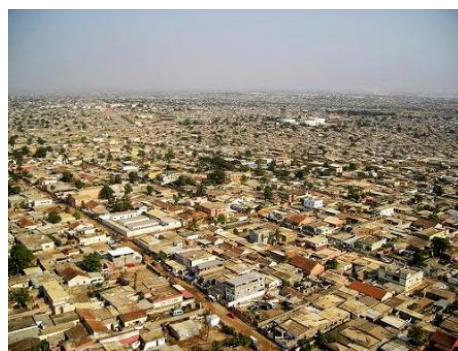


Figura 40 - Musseques de Luanda. Fonte: (Fortuna, 2015)

vivência, da dinâmica, assim como das relações sociais. Do ponto de vista de Mingas, o musseque é visto através de dois componentes. O primeiro que se relaciona com o seu valor enquanto forma urbana, a estrutura viária, a escala do seu edificado. Seguidamente do facto do musseque ser do ponto de vista humano o grande fator de sustentabilidade cultural da cidade de Luanda, pois, quase tudo que é fonte de cultura em Luanda provém dos

musseques, ou seja, a música, a comida, a linguagem, a maneira de estar social, e por este motivo, Mingas alerta que os musseques não são só um assentamento informal, mas um espaço diferente. Portanto, para Mingas que é uma arquiteta interessada nas mutações da forma humana, o Musseque representa um elemento de diversidade suportados em valores relacionados com a filosofia Bantu, ou seja, durante suas investigações a arquiteta conseguiu perceber uma maneira de estar do cidadão africano de origem Bantu, que vai constituir todas as cidades Bantus que existem em África. Sendo assim, sua forma e estruturas urbanas são muito parecidas com as dos Musseques existente em Luanda. Embora, Mingas ainda não tenha conclusões específicas, pois esta comparação foi elaborada do ponto de vista da forma, mas a maneira como as populações se sedimentam num determinado local estabelecem as suas relações, redefinido o arquétipo da forma urbana. (Mingas Â. d., 2016, pp. 136-137)

Com base na arquiteta Ângela Mingas, nesses assentamentos informais, a rua, a casa, não servem para os mesmos propósitos como as que encontramos nos bairros ocidentais ou de traçado ocidental, pois o musseque é diferente do ponto de vista do traçado e humano e por isso, aparece como grande representante da sustentabilidade cultural da cidade de Luanda. Portanto, fazem parte da cidade e acompanham toda a evolução da própria cidade, como por exemplo, o bairro do Catambore, o Golf, Marsal, são territórios com organizações espaciais urbanas muito próprias e identitárias. (Mingas Â. d., 2016, p. 137)

*“da mesma forma que nós não pensamos Luanda sem a Fortaleza de São Miguel, não se pode pensar Luanda sem as Zungueiras”* (Mingas Â. d., 2016, p. 134)

Continuamente com o discurso dos musseques está presente a figura de um ser que se encontra claramente enraizado com toda a história da cidade de Luanda que são as Zungueiras. Mingas, considera que as zungueiras constituem um conteúdo essencial da cidade de Luanda, pois as cidades são feitas não só de paisagens e de edifícios, mas principalmente de pessoas. *“Da mesma forma que nós não pensamos Luanda sem a Fortaleza de São Miguel, não se pode pensar Luanda sem as Zungueiras”* (Mingas Â. d., 2016, p. 134), isto porque, ambos enquanto personagens urbanas aparecem desde a fundação da cidade. Portanto, a zungueira é uma figura antiga que vem nos romances das poesias de Joaquim Cordeiro da Mata (1857-1894), Alfredo Troni (1845-1904), entre outros, estando fortemente representada na literatura assim como na música. *“A avó Ximbinha que vende na rua”* (Mingas Â. d., 2016, p. 134), que são a história dos contos antigos. Isto para dizer que, segundo Mingas, a zungueira é uma personagem que esta profundamente enraizada a cultura autóctone da região de Luanda, e que não se restringe a cidade, ou seja, por força da rota dos escravos este fenómeno da Zungueira que vende na rua, que canta e que leva no balaio

sua mercadoria, é exportado para diferentes realidades sociais, sendo possível encontrar em Cuba, nos Estados Unidos, no Brasil, entre outros. E dos exemplos mais conhecidos certamente é a Carmem Miranda, a Zungueira baiana, com a quinda na cabeça a vender frutas e a cantar. Ângela Mingas pensa que devemos reconhecer o valor histórico e social que estas personagens tradicionais têm na cidade, bem como o seu papel na cidade. A arquiteta não consegue imaginar Luanda sem as Zungueiras, sem as Ardinas, sem todos os que a ela pertencem historicamente, e por isso, não podemos deixar extinguir. (Mingas Â. d., 2016, pp. 134-135)

Não obstante isto, a arquiteta ainda não acredita que seja possível fazer-se turismo arquitetónico em Angola, pelo simples facto de que ainda não foram estruturados os conceitos turísticos á volta dele. Todavia, o CEICA, ou seja, o centro de estudos coordenado por Ângela Mingas, criou um projeto denominado Campanha Reviver, e todo trabalho tem vindo a ser divulgado em diferentes plataformas. Este projeto tem alguns conceitos relacionados com a cultura urbana, porém para se fazer turismo é necessário criar-se um conceito turístico, e quando se refere turismo cultural, fala-se também de arquitetura. Nesse sentido este conceito ainda não foi institucionalizado, existindo apenas uma experiência elaborada pelo centro de estudos como metodologia aplicada. Entretanto, Mingas espera poder integrar este projeto no Plano de Desenvolvimento como um projeto público, com seu conceito turístico em torno do turismo cultural arquitetónico, pois em Angola facilmente encontramos turismo de sol, mar, e gastronomia. Algumas empresas fazem turismo da natureza, mas com pouca adesão, sendo que a sua maioria investe no turismo de negócio, no entanto, turismo relacionado com a questão urbana não existe. Embora o CEICA tenha um projeto de Passeio pelos Musseques, este conceito ainda precisa de ser institucionalizado. (Mingas Â. L., 2016, pp. 137-138)

Porém Mingas conta um pouco sobre o projeto de incentivo ao turismo cultural (Campanha Reviver). Segundo Mingas, o Programa Reviver foi oficialmente lançado no dia 13 de outubro de 2009 com uma duração de pelo menos um ano, embora seja parte dos planos de Ângela Mingas que o projeto passe a ser permanente. Segundo a arquiteta, tudo começa no 3º Fórum de Arquitetura de 2008 cujo tema era “Arquitetura e Cidadania”, onde possibilitou o diálogo com Cristina Pinto (Vice-Presidente da Associação) sobre como estabelecer pontos de interesses comum para a defesa da Cidade de Luanda. Consequentemente, Mingas refere que este projeto parte de um protocolo de entendimento entre a Universidade Lusíada de Angola e a Associação Kalu que propõe um programa denominado “Reviver: por Luanda com Alma”, tendo como Tema Central do programa a proteção do património da cidade de Luanda. Não obstante, o principal objetivo do programa é prover as bases de conhecimento para que se consiga proporcionar na cidade de Luanda

um Turismo de foro Cultural que se constrói com encontros artísticos, científicos, de formação e de informação e que tem como principal abordagem: apresentar ao público o “Património Classificado em Risco de Extinção”; refletir sobre a “Importância Histórica do Património Classificado”; divulgar a “Especificidade do objeto Arquitetónico”; e divulgação e sensibilização sobre o tema da “Preservação Patrimonial”. Posto isto, este programa conta com o apoio do Ministério da Cultura e do Governo Provincial de Luanda; do Projeto 5R Abadá-Capoeira Associação Chá de Caxinde Nuclearq, os Escôteiros de Luanda, entre outros. Mingas conta que o projeto está orçado em cerca de Kz 15.000.000 (perto de USD 165.000) ou seja, mais de 1/3 para a publicidade e divulgação pelos órgãos de difusão massiva. Durante o evento vão realizar-se um conjunto de atividades características de Turismo Cultural como por exemplo: Exposições fotográfica sobre o Património da Cidade; Passeios Guiados pelo Centro Histórico da Cidade de Luanda a pé e de carro; Carnaval Tradicional (de rua pelo bairro dos Coqueiros); demonstrações de Bassula<sup>10</sup> e Capoeira; um bazar de Artistas Plásticos; entre outros. Portanto, tudo isto para dar a conhecer o Centro Histórico de Luanda, Classificado em 1992 e todo o Património Imóvel Classificado, até os que estejam fora do perímetro da Cidade Histórica. (Mingas Â. , 2010) (Mingas Â. , 2011)

---

<sup>10</sup> Bassula, é um golpe executado na luta corpo a corpo para derrubar o adversário.

## **6. Habitação social em Angola: Módulo Lundanji**

Entre os diferentes projetos realizados pela arquiteta Ângela Mingas, que variam desde arquitetura pavilhonar, como por exemplo, a Arquitetura Pavilhonar da Expo de Saragoça em 2008, em Espanha, e da Expo de Yeosu em 2012, na Coreia do Sul. Mingas também é detentora de um projeto para Estúdio de Música e do Polo Universitário de Cabinda da Universidade Lusíada de Angola, e arquitetura Habitacional. Entretanto, considere pertinente falar do Módulo Lundanji, pois é um projeto que do ponto de vista para a elaboração deste trabalho é bastante enriquecedor devido a sua vertente mais social, e antropológica. O projeto Lundanji é sem dúvida um projeto direcionado para as pessoas, e elaborado com a participação dos mesmos. Portanto, esse intercâmbio e esta aproximação ao indivíduo através da experiência, criando um tipo de arquitetura mais inclusiva, fez com que fosse possível estudar e analisar este projeto.

Foi proposto a construção de um Módulo que representa um objeto de conceção e construção da casa, objeto basilar da arquitetura, através da estruturação e organização do espaço. Este projeto tem como objetivo propor um modelo habitacional para a autoconstrução dirigida; pensar sobre os indicadores de desenvolvimento da normativa associada autoconstrução dirigida; propor um curriculum para formadores em autoconstrução dirigida, e também, divulgar e sensibilizar acerca do tema da arquitetura ecológica e vernacular. No entanto, para a realização deste projeto foram enumerados quatro pontos principais, ou seja, a cultura, o ambiente, a sustentabilidade, e a autoconstrução. Posto isso, a nível da dimensão cultural, fez-se uma análise dos dez grupos de regiões etnolinguísticas e também a nível bioclimático das regiões, que na sua maioria é de um clima tropical seco. Todavia, a arquiteta e seus colegas, efetuaram um levantamento das morfologias vernaculares, de modo a entender como as pessoas dessas regiões se organizavam a nível espacial [Fig. 41], de maneira a transportar esta mesma realidade para a proposta [Fig. 42]. (Mingas & Ganduglia, 2010, pp. 2-10)



Figura 41 - Morfologia Vernácula. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 10)



Figura 42 - Proposta dos Módulos. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 10)

Esta organização também faz com que o projeto habitacional esteja melhor adaptado para o clima tropical seco. Portanto a organização dos módulos é fundamentalmente cultural, composto por quatro corpos independentes um do outro [Fig. 43], ligados através do espaço exterior. (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 11)

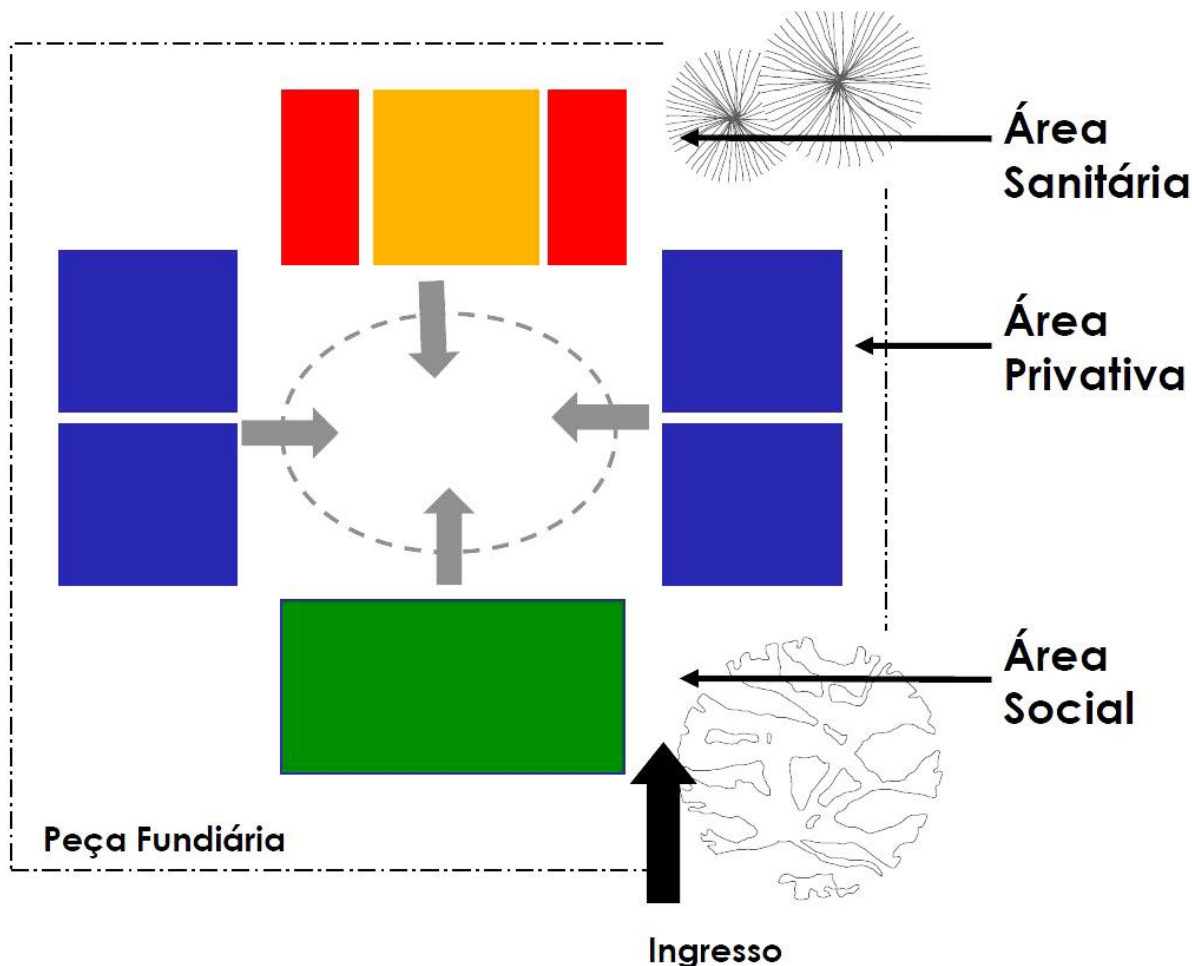


Figura 43 - Funcionalidade e Evolutividade, adaptação do projeto. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 11)

Sendo o pátio, o elemento distribuidor de funções e integrador das atividades familiares e da família expandida. Efetivamente, o projeto apresenta características sustentáveis devido a sua adaptação ao clima tropical seco, ou seja, a sua composição como a proximidade dos módulos, a projeção das sombras, o pátio [Fig. 44] são os principais elementos para que exista conforto ambiental, iluminação natural [Fig. 45], e ventilação cruzada [Fig. 46] e [Fig. 47] sem necessidade de uso de elementos mecânicos nem de ar condicionados. (Mingas & Ganduglia, 2010, pp. 15-16)

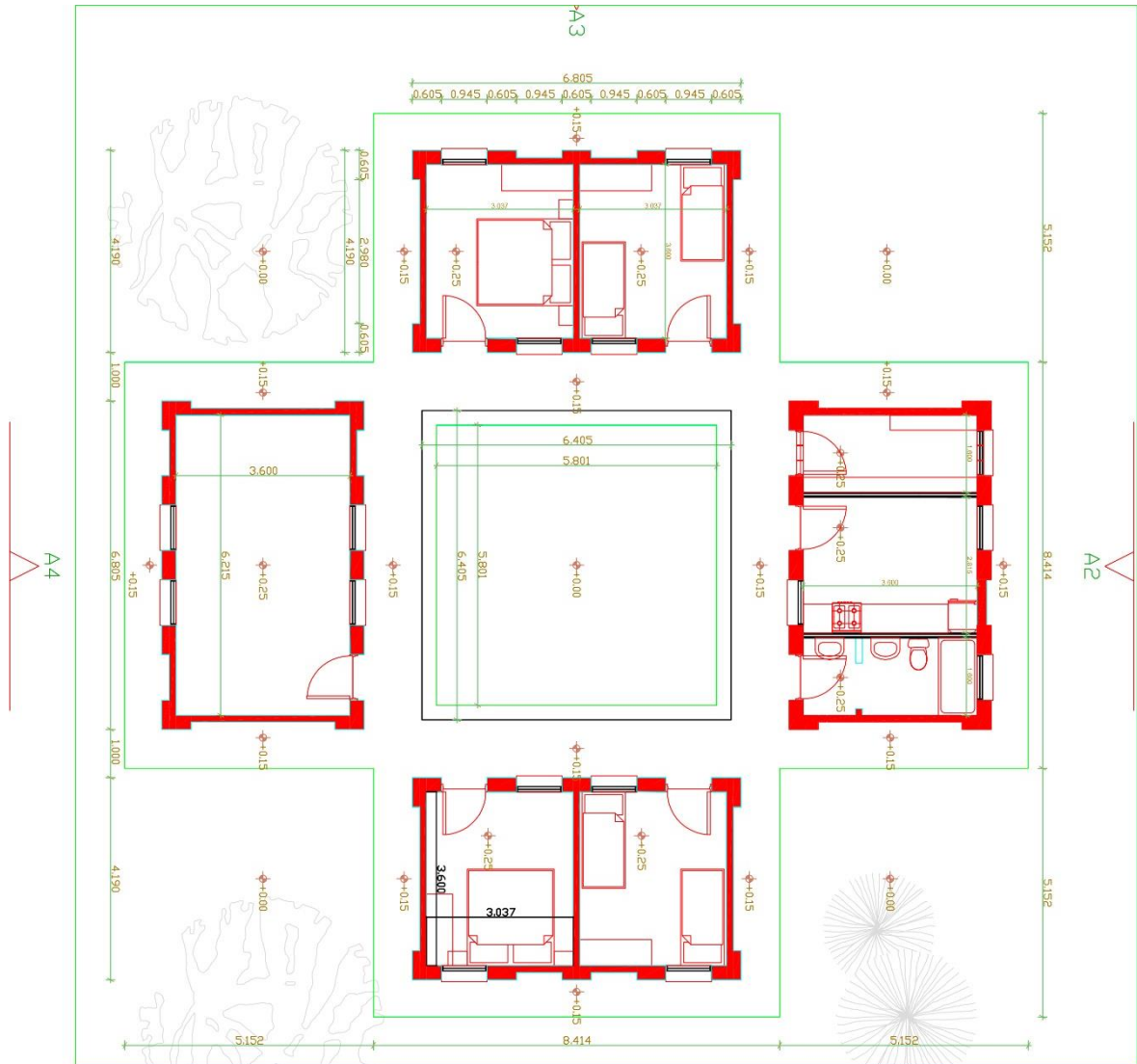


Figura 44 - Pátio, composição e Distribuição do Projeto. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010)

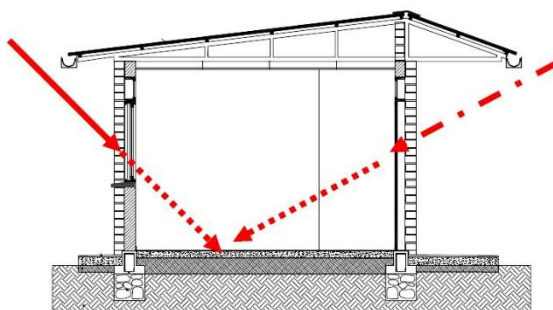


Figura 45 - Iluminação natural. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 16)

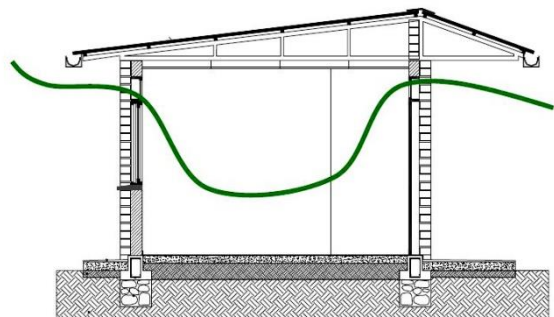


Figura 46 - Ventilação cruzada. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 16)

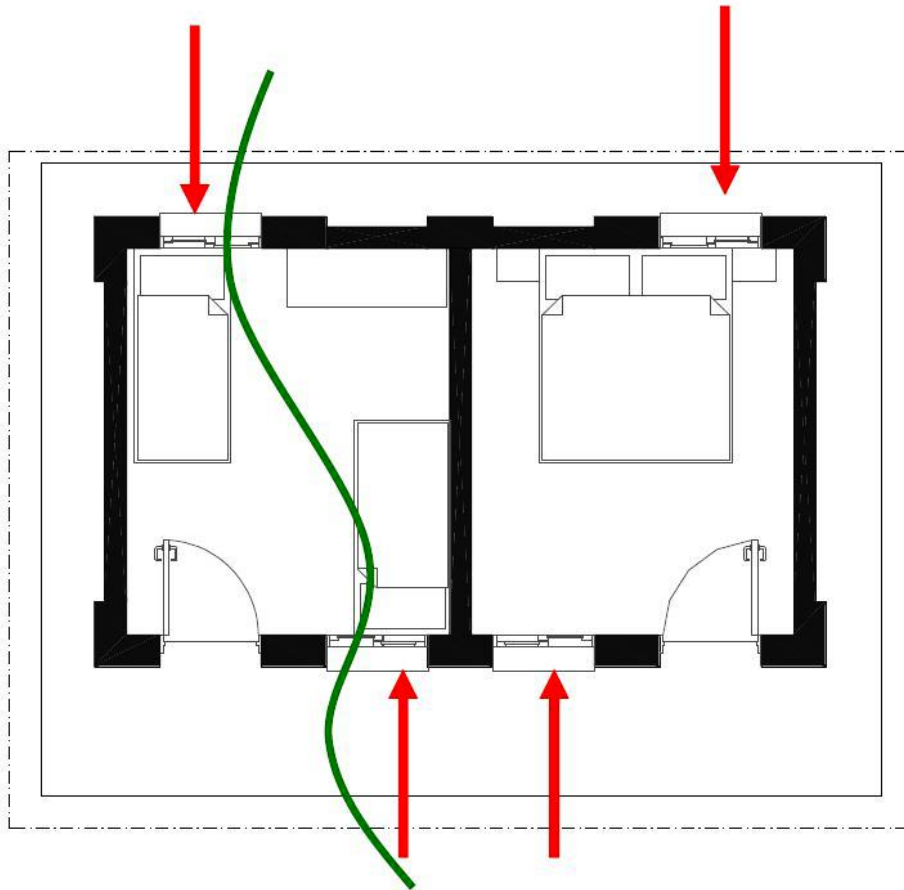


Figura 47 - Ventilação cruzada. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 16)



Figura 48 - Módulo do projeto. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 7)

É proposto um módulo como elemento mínimo da composição [Fig. 48] que pretende dar resposta, sociocultural, funcional, morfológica, e técnico construtivo. Com um sistema construtivo basilar, ou seja, fundações, paredes e cobertura. O módulo habitacional mínimo contém um conceito que é composto funcionalmente por área social [Fig. 49], área sanitária (também podem ser áreas socio privadas) [Fig. 50], e área privativa [Fig. 51]. Sendo que algumas delas têm múltiplas aplicações [Fig. 52]. No entanto, os princípios técnicos e de composição permitem que o utente adapte o modulo a uma funcionalidade específica como podemos ver na [Fig. 53]; [Fig. 54]; [Fig. 55]. (Mingas & Ganduglia, 2010, pp. 7-12)



Figura 49 - Área social.  
Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 9)

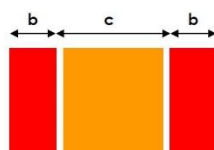


Figura 50 - Área sanitária.  
Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 9)

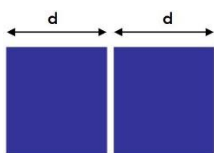


Figura 51 - Área privativa.  
Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12)

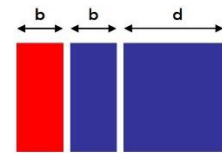


Figura 52 - Múltiplas aplicações.  
Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12)

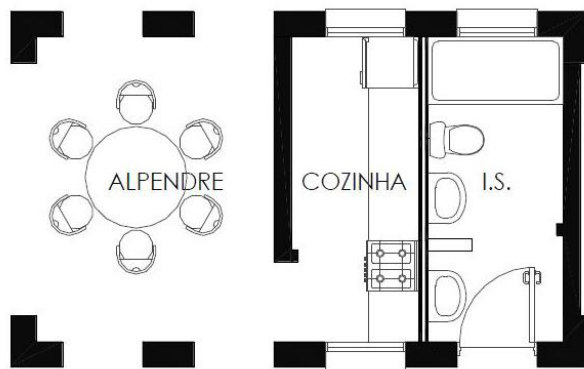


Figura 53 - Composição do Módulo 01.  
Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12)

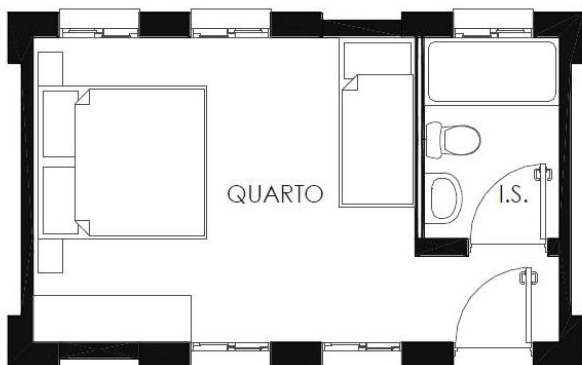


Figura 54 - Composição do Módulo 02. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12)



Figura 55 - Composição do Módulo 03. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 12)

A nível de sistemas construtivo, é possível observar que a sua aplicação considera a adaptação ao local, tanto os materiais quanto a mão-de-obra, favorecendo o conforto ambiental. Entretanto para o referente projeto fez-se uso de Cobertura com ventilação entre o telhado e o teto falso, caixilharia para as janelas de pequenas dimensões, parede de bloco de terra com isolamento termo-acústico e fundações em betão ciclópico, ou seja, betão armado, como é possível observar na [Fig. 56]. (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 17)

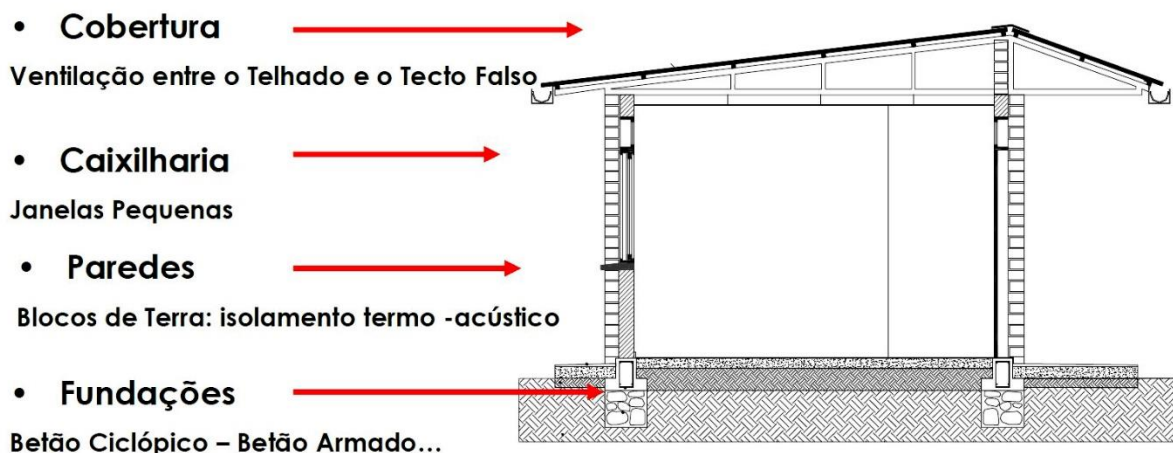


Figura 56 - Corte Construtivo. Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 17)

O projeto Lundanji pretende exaltar a construção em terra, dando uso aos materiais locais existentes como por exemplo, a terra, a madeira, bloco de cimento, o BTC, o BTM, que são matérias que melhoram a sensação de conforto ambiental no interior dos espaços sem necessidade de utilizar meios mecânicos. Um dos principais objetivos é incentivar a autoconstrução [Fig. 57], ou seja, a população a construir as suas próprias casas, desenvolver um conceito de trabalho de equipa, e formar especialistas na área, entre outros. Porém, é possível termos como exemplo alguns projetos já elaborados em Lwena na província do Moxico [Fig. 58]. (Mingas & Ganduglia, 2010, pp. 19-27)



Figura 57 - Incentivo a autoconstrução.  
Fonte: (Mingas & Ganduglia, 2010, p. 25)



Figura 58 - Projeto Lwena / Moxico. Fonte:  
(Mingas & Ganduglia, 2010, p. 27)

## Conclusão

Como observámos ao longo deste trabalho, a arquitetura do continente africano tem vindo a sofrer ao longo dos tempos grandes influências civilizacionais coloniais. África despertou a atenção colonial devido a vários fatores como as suas riquezas naturais, as condições favoráveis para a agricultura, facilidade de estabelecimento do comércio, aberturas ao exterior, o clima, e o mercado de escravos. Todavia, com o primeiro contacto com o reino do Congo, Portugal procurou implementar os padrões de vida europeus, suportado no intercâmbio comercial, estabelecendo-se numa suposta união com os povos existentes. Entretanto, sobre o comando de Rui de Sousa em 1491, numa das suas missões no Zaire, dá-se início à História da Arquitetura Angolana Colonial e em toda África a sul do Equador. A arquitetura da época no Congo estava muito relacionada com as obras de caráter religioso e militar. Luanda foi a primeira área de atividade europeia em Angola, portanto, funda-se assim S. Paulo de Loanda em 1575/1576, com objetivo de ser a capital do reino de Sebaste. É importante referir que os primeiros colonizadores já possuíam um senso urbanístico, prático e intuitivo.

A par destas questões, este trabalho foca os seus esforços, em tentar compreender o papel da mulher africana e arquiteta no continente africano na atualidade, mais especificamente em Angola. O tema da arquitetura e género foi a ponte que levou a elaboração desta Dissertação. Por esta razão, as questões do feminismo foram importantes para compreender qual a influência das mulheres no palco político, económico e social.

Como observamos neste trabalho o Feminismo Africano distancia-se do termo “Patriarcado” e do feminismo branco. Segundo as feministas africanas, foram consideradas as experiências das mulheres brancas mais adequadas, e vistas como padrão para todas as mulheres, pois no mainstream feminista não havia espaço para incluir as mulheres negras. No entanto, as feministas africanas não se revêm nestes padrões pois, segundo elas, temos de ter em conta todo um contexto histórico e territorial. Outro fator de diferenças entre feminismos africanos e ocidentais é a atitude perante os homens, o mesmo homem africano que é considerado pelo lado ocidental o único opressor das mulheres africanas. No entanto, as mulheres africanas e afro-americanas rejeitaram esta visão do feminismo argumentando que problemas com os quais se confrontam as mulheres e os homens africanos, a pobreza, a exploração capitalista, a falta de recursos básicos como a água, a corrupção política, entre outros, exigem a cooperação entre os sexos, para encontrar soluções para os mesmos problemas. Continuamente, é possível compreender que em Angola as questões do

feminismo têm sido encaradas como uma espécie de revolta perante a atitude do homem. Segundo Ondjango Feminista para ser-se feminista em Angola, é necessário aceitar, ou camuflar alguns comportamentos, devido a estas questões. E por esta razão, Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho consideram que ser-se feminista na nossa sociedade não é uma tarefa fácil. Porém, elas não pretendem desistir da luta pela igualdade e valorização da mulher angolana. É importante referir que existem em Angola órgãos Governamentais de promoção e divulgação da mulher angolana, ou seja, um suposto feminismo institucional.

Como já se referiu, um dos objetivos desta dissertação passa pela compreensão do papel da mulher arquiteta na sociedade angolana. Para o efeito, foram utilizados discursos de Isabel Martins, Cristina Câmara, Paula Nascimento e do caso de estudo Ângela Mingas. Em suma, compreendemos neste trabalho que do ponto de vista das arquitetas, a arquitetura atual feita em Luanda não é adequada, pois não se reflete numa arquitetura amiga do ambiente e que respeita questões identitárias, ou seja, é uma arquitetura que não se preocupa com a valorização da cultura e, por isso, consideram que a arquitetura atual, a arquitetura importada, deve ser pensada e aplicada igualmente como era aplicada a arquitetura colonial. Do ponto de vista das arquitetas a arquitetura colonial não só é bem pensada como está também devidamente estruturada. As arquitetas ilustram também os seus pensamentos em torno da educação, segundo elas, existe qualidade de ensino no âmbito da arquitetura em Angola, mas o problema está, efetivamente, na maneira como o aluno sai do ensino base, acedendo à faculdade. Isto para dizer que segundo elas, devemos melhorar o ensino de base em Angola, lembrando também que em Angola pouco valor é atribuído à docência. Entretanto, observamos também que sobre as questões de género as arquitetas referem que ser-se mulher arquiteta em Angola não se traduz propriamente em benefícios, salvo algumas exceções, porque, na maioria das vezes, em ambiente de obra quase que têm constantemente que provar que dominam a arte de projetar. Segundo elas, ainda temos de quebrar alguns telhados de vidro em relação às questões de género. No entanto, a sua participação no âmbito da investigação e na formação de quadros é efetiva e relevante.

O estudo de caso surge nesta dissertação como um exemplo prático, de uma arquiteta angolana, que tem contribuído a nível social e da investigação para a arquitetura em Angola. Ângela Mingas, Mulher e Arquiteta, é descrita de maneira a compreendermos, vida e obra, metodologias e pensamentos em torno da arquitetura, devido ao seu ativismo social.

Ângela Cristina de Branco Lima Rodrigues Mingas, arquiteta angolana nascida a 18 outubro de 1971, é fundadora do Centro de Estudos e Investigação Científica de Arquitetura da (CEICA) da Universidade Lusíada de Angola e do atelier AMA (Ângela Mingas Arquitetura).

Como já foi referido ao longo deste trabalho, a arquiteta Mingas pretende estruturar ou criar uma referência positiva de investigação da arquitetura em Angola. Mingas enquanto arquiteta espera conseguir implementar dois grandes projetos de arquitetura. O primeiro está relacionado com a questão dos centros históricos em Angola, ou seja, a requalificação do património edificado. E o segundo está relacionado com a preocupação pela reabilitação e a requalificação dos assentamentos informais, ou seja, os Musseques.

Mingas encara a arquitetura em Angola como uma disciplina que precisa de cultivar o conhecimento, sendo preciso que a arquitetura respeite as características identitárias do lugar. Não obstante, a arquiteta também considera que existe qualidade no ensino da arquitetura em Angola, embora o exercício de ser-se docente seja uma tarefa difícil. Como já se referiu, segundo a arquiteta o maior problema passa pela falta de crédito que o docente tem perante o mundo.

Posto isto, Mingas refere existir todo um conjunto de ações discriminatórias ao exercício profissional das mulheres que oscilam da confiança social no seu trabalho, até às disparidades existentes no campo salarial, principalmente em Angola onde a sociedade está cada vez mais tradicional. Mingas considera que ser-se Mulher arquiteta em Angola é muito complicado. Por esta razão, em Angola as mulheres acabam por ser reconhecidas no universo enquanto arquitetas devido ao mundo académico mais do que à prática.

Consideramos que este trabalho é muito importante para a compreensão e aprofundamento sobre as questões de género, bem como, para a valorização e divulgação do trabalho feito pelas arquitetas angolanas e africanas, porque permite dar voz ao pensamento e abordagens das arquitetas que atuam na arquitetura do contexto angolano na atualidade. Esperamos que outras investigações continuem neste caminho.

## Bibliografia geral

- Alunos e Colegas . (10 de Fevereiro de 2017). A Voz das arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense. (M. d. Sebastião, Entrevistador)
- André, F. (31 de Outubro de 2016). *www.redeangola.info*. Obtido de redeangola: <http://www.redeangola.info/especiais/nao-e-facil-ser-feminista-em-angola/>
- ANG, S. (Realizador). (2013). *TEN CITIES - Research Participants - Angela Mingas* [Filme]. Obtido de [https://www.youtube.com/watch?v=HGPTmJEN-\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=HGPTmJEN-_I)
- Angola, A. C. (2 de Março de 2017). *agendaculturaldeangola*. Obtido de [agendaculturaldeangola.com](http://agendaculturaldeangola.com/?p=606): <http://agendaculturaldeangola.com/?p=606>
- Angola, J. (22 de Dezembro de 2008). *angonoticias*. Obtido de [www.angonoticias.com](http://www.angonoticias.com): <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/20750/rainha-nzinga-mbandi-morreu-ha-345-anos>
- AngoNotícias. (12 de Outubro de 2017). *www.angonoticias.com*. Obtido de [angonoticias](http://www.angonoticias.com): <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/55951/pr-nomeia-novos-secretarios-de-estado>
- Antunes, L. P. (2012). História das Mulheres na Arquitectura. Em *Arquitectura: Substantivo Feminino [Dissertação]* (pp. 91-107). Coimbra, Portugal: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Batalha, F. (2006). *ANGOLA, Arquitectura e História*. Lisboa: Nova Vega.
- Câmara, C. (2016). *Portefólio Currículo*. Luanda: Cristina Câmara.
- Câmara, F. C. (15 de Fevereiro de 2017). A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas Uma arquiteta Luandense. (M. d. Sebastião, Entrevistador)
- Delgado, F. (2014). Março Mulher. *Estamos Juntos: Ministério da Família e Promoção da Mulher* , 2.
- Feminista, O. (2017). *ondjangofeminista*. Obtido de [ondjangofeminista.com](http://www.ondjangofeminista.com): <https://www.ondjangofeminista.com/quem-somos-3/>

- Fonseca, F. D. (1969). *Loanda*. Luanda: Nova Editorial Angolana.
- Fonseca, F. D., Santos, J. d., Milheiros, M., & Mota, M. (1969). *Loanda*. Luanda: NEA - Nova Editorial Angolana.
- Fonte, M. M. (2007). *Urbanismo e Arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa .
- Fortuna, C. (12 de Março de 2015). *acrimararquitectura*. Obtido de *acrimararquitectura.blogspot.pt*: <http://acrimararquitectura.blogspot.pt/2015/03/>
- Freitas , M. J. (s.d.). *Luanda, Cidade Viva, A Living City*. Luanda: Governo Provincial de Luanda.
- Kahangulo, L. (07 de Fevereiro de 2016). *portaldeangola*. Obtido de *portaldeangola.com*: <http://www.portaldeangola.com/2016/02/isabel-martins-estamos-descaracterizar-a-cidade-de-luanda/>
- Kaliengue, J. (19 de Fevereiro de 2010). *angola-luanda-pitigrili*. Obtido de *angola-luanda-pitigrili.com*: <http://angola-luanda-pitigrili.com/who%E2%80%99s-who/a/angela-mingas>
- Macedo, A. G. (2002). *Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Cotovia.
- Machado , S. M. (2011). *O Espaço das Mulheres na Arquitectura [Dissertação]*. Vila Nova de Cerveira: Escola Superior Gallaecia.
- Marques, S. M. (03 de Março de 2014). *redeangola*. Obtido de *www.redeangola.info*: <http://www.redeangola.info/especiais/angela-mingas-2/>
- Martins, I. M. (27 de Fevereiro de 2017). *A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas Uma Arquiteta Luandense*. (M. d. Sebastião, Entrevistador)
- Mingas, Â. (27 de Janeiro de 2010). *Campanha Reviver* . (D. d. Nova, Entrevistador)
- Mingas, Â. (2010). *Habitação Social em Angola: Módulo Lundanji*. Luanda: Fórum de Arquitectura da Universidade Lusíada de Angola.
- Mingas, Â. (23 de Março de 2011). *Entrevista - Revista Austral*. (R. Austral, Entrevistador)

- Mingas, Â. (15 de Junho de 2011). *www.buala.org*. Obtido de buala: <http://www.buala.org/pt/cidade/centro-historico-de-luanda>
- Mingas, Â. (Setembro | Outubro de 2013). Ângela Lima Mingas. (A. e. Arte, Ed.) *Arquitectura (ESBAL, UTL, Lusíada), Coordenadora Escola de Arquitectura da Universidade Lusíada de Angola*, pp. 042-043.
- Mingas, Â. B., & Ganduglia, M. (10 de Outubro de 2010). *Habitração Social: Módulo Lundanji*. Luanda: ULA-Forum de Arquitectura: Trienal de Luanda.
- Mingas, Â. C. (22 de Maio de 2011). Artigo: Mulher e Arquitecta em Angola. (A. V. Milherio, Entrevistador) *Jornal Arquitectos*.
- Mingas, Â. C. (06 de Novembro de 2013). *História da Urbnaização de Angola*. (I. Mosaiko, Entrevistador)
- Mingas, Â. d. (Outubro de 2016). *11 Anos Arquitectura Académica*. Luanda: CEICA - Centro de Estudo e Investigação Científica de Arquitectura.
- Mingas, Â. d. (30 de Setembro de 2016). Entrevista 01 - A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense. (M. d. Sebastião, Entrevistador)
- Mingas, Â. d. (10 de Outubro de 2016). Entrevista 02 - A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense. (M. d. Sebastião, Entrevistador) Luanda.
- Mingas, Â. L. (10 de Outubro de 2016). *A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Minga, Uma Arquiteta Luandense*. (M. d. Sebastião, Entrevistador) Luanda.
- Mingas, Â. L. (10 de Outubro de 2016). Entrevista 02 - A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense. (M. d. Sebastião, Entrevistador) Luanda.
- Mingas, Â., & TEDX (Realizadores). (2014). *Township | Angela Mingas | TEDxLuand* [Filme]. Luanda. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=ZGkTUyAjQyM>
- Mingas, R. (26 de Março de 2007). *podomatic*. Obtido de [www.podomatic.com](http://www.podomatic.com): [https://www.podomatic.com/podcasts/vilamorena/episodes/2007-03-25T18\\_34\\_21-07\\_00](https://www.podomatic.com/podcasts/vilamorena/episodes/2007-03-25T18_34_21-07_00)
- MPLA. (s.d.). *mpla.ao/oma.25/deolinda-rodrigues.29*. Obtido de MPLA: <http://www.mpla.ao/oma.25/deolinda-rodrigues.29.html>

- MPLA. (s.d.). [www.mpla.ao/oma.25/historia.27](http://www.mpla.ao/oma.25/historia.27). Obtido de MPLA: <http://www.mpla.ao/oma.25/historia.27.html>
- Mulher, M. d. (2007). *Ministério da Família e Promoção da Mulher: Avaliação sobre a qualidade da participação das mulheres nos sectores públicos e privado*. Luanda: Ministério Da Família e Promoção da Mulher.
- Nascimento, P. (2016). *Portefólio Currículo*. Beyond Entropy.
- Nascimento, P. N. (25 de Março de 2017). A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense. (M. d. Sebastião, Entrevistador)
- Novas, M. (2014). *Arquitectura Y Género, una reflexión teórica [Dissertação]*. Espanha: Instituto Universitario de Estudios Feministas y de Género, Facultad de Ciencias Humanas y Sociales.
- Ordem dos Arquitectos de Angola. (2013). *Arquitectos 2013: Guia Nacional de Arquitectos e Urbanistas*. Luanda: Ordem dos Arquitectos de Angola.
- Petzer, B. (31 de Agosto de 2015). *futurecapetown*. Obtido de futurecapetown.com: <http://futurecapetown.com/2015/08/future-cape-town-african-architecture-and-the-future-african-city-a-review-of-the-design-africa-symposium/>
- Platinaline. (19 de Outubro de 2016). *revistaraca*. Obtido de revistaraca.com.br: <http://revistaraca.com.br/a-historia-da-militante-angolana-deolinda-rodrigues/>
- portalangop. (18 de Dezembro de 2015). *portalangop*. Obtido de portalangop.co.ao: [http://www.portalangop.co.ao/pt\\_pt/portal/informacoes/angola/sobre-angola/2013/8/36/Pais,63104f71-04ae-4ab4-a28c-e301bde8afe0.html](http://www.portalangop.co.ao/pt_pt/portal/informacoes/angola/sobre-angola/2013/8/36/Pais,63104f71-04ae-4ab4-a28c-e301bde8afe0.html)
- Rogério, A. (30 de Janeiro de 2015). *redeangola*. Obtido de www.redeangola.info: <http://www.redeangola.info/especiais/vao-partir-os-predios-do-sao-paulo/>
- Santos, O. (Agosto de 2011). *Revista Angolana de Sociologia*. Obtido de ras.revues.org: <https://ras.revues.org/510#ftn13>
- Sapo24. (18 de Maio de 2017). *sapo*. Obtido de 24.sapo.pt: <http://24.sapo.pt/economia/artigos/preco-do-dolar-nas-ruas-de-luanda-volta-a-descer>

serralves. (15 de Abril de 2015). Obtido de [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt):  
<https://www.serralves.pt/pt/actividades/beyond-entropy-ou-destino-de-estar-la-por-nao-estar-la-ao-mesmo-tempo-que-se-esta-la/>

Soapro. (s.d.). *soapro*. Obtido de [www.soapro.co.ao](http://www.soapro.co.ao):  
<http://www.soapro.co.ao/pt/client/skins/portfolio.php/?id=193>

Soares, N. T. (2014). *Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, As Mulheres na Sociedade e na Cultura*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Trindade, A. J. (2000). *O Fénómeno Urbano na África Subsaariana - O Caso de Luanda*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

ULA, F. d. (29 de Outubro de 2015). *facebook*. Obtido de [www.facebook.com/forumdearquitecturaula/photos](http://www.facebook.com/forumdearquitecturaula/photos):  
[https://www.facebook.com/forumdearquitecturaula/photos/ms.c.eJxF0NmNRTEIA9C  
ORuyQ~;hsbXRznfR6BgSSiqyJlutMI~;2Jd9dnmXI9lhJ6Q6xRTmXLWC7bnA7O~;kU~  
;6yNqNdcG~\\_uz8lvnz~\\_fGB53rz6teJe3pOKurAumJ~\\_c57A999c~;b1~;Y1t~;81t2vQx  
vc9Gw~\\_4nryy2vz3qntf~;cc3X5XuAS2592v6XRtXes](https://www.facebook.com/forumdearquitecturaula/photos/ms.c.eJxF0NmNRTEIA9CORuyQ~;hsbXRznfR6BgSSiqyJlutMI~;2Jd9dnmXI9lhJ6Q6xRTmXLWC7bnA7O~;kU~;6yNqNdcG~_uz8lvnz~_fGB53rz6teJe3pOKurAumJ~_c57A999c~;b1~;Y1t~;81t2vQxvc9Gw~_4nryy2vz3qntf~;cc3X5XuAS2592v6XRtXes)

Wheeler, D., & Péliissier, R. (2009). *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China M MIX.

wikimedia. (12 de Fevereiro de 2015). *wikimedia*. Obtido de [wikimedia.org](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paulo_Dias_de_Novais,_1%C2%BA_capit%C3%A3o-governador_de_Angola.jpg):  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paulo\\_Dias\\_de\\_Novais,\\_1%C2%BA\\_capit%C3%A3o-governador\\_de\\_Angola.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paulo_Dias_de_Novais,_1%C2%BA_capit%C3%A3o-governador_de_Angola.jpg)

Women, U. (2016-2017). *annualreport.unwomen.org*. Obtido de [annualreport.unwomen.org](http://annualreport.unwomen.org/en/2017):  
<http://annualreport.unwomen.org/en/2017>

## Apêndice I

Entrevista 01 | 30/09/2016

**Tema:** A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense

**Entrevistada:** Arquiteta Ângela Mingas | **Entrevistador:** Manuel Sebastião

**Nome:** Ângela Cristina de Branco Lima Rodrigues Mingas

**Data de Nascimento:** 18 de outubro de 1971

**Idade:** 45 Anos

**Naturalidade:** Lisboa – Portugal

**Nacionalidade:** Angolana

**Estado Civil:** Casada

**Profissão:** Arquiteta, Professora Universitária, Investigadora

**Morada:** Luanda. Maianga

**Nome do Pai:** Ruy Alberto Vieira Dias Mingas

**Nome da Mãe:** Julieta Cristina da Silva Branco Lima Mingas

### Âmbito Profissional

**Nome da Empresa que trabalha:** Universidade Lusíada de Angola

**Nome do atelier:** Ângela Mingas Arquitetura (AMA)

**Grupo de formação no qual faz parte:** Centro de Estudos e Investigação Científica de Arquitetura – CEICA (Universidade Lusíada de Angola)

### Formação académica:

Instituto Médio de Educação “Garcia Neto”

**Universidade Técnica de Lisboa:** Licenciatura em Arquitetura

**Universidade do Porto:** Mestrado em Arquitetura

**Universidade do Porto:** Doutoramento em Arquitetura

**Charrete:**

Criada pelo João Virmond Suplicy Neto, Professor Doutor de Arquitetura da PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Brasil. Com a 1ª Edição em 2010

**Manuel Sebastião:** e em relação a participação no fórum de arquitetura?

**Ângela Mingas:** então nós podemos começar com este processo já a partir de amanhã, dia 1 de outubro, e vamos começar por acompanhar a maratona de preparação do fórum que acontece na véspera do fim de semana. E o fórum começa na próxima semana, ou seja, a partir de amanhã teremos aqui as equipas a trabalhar no fórum, a partir das 8h30 da manhã. E o vamos estar a fazer durante este fim-de-semana vai ser trabalho de montagem da exposição, portanto, há uma curadoria da exposição do fórum que este ano é a arquitetura académica, e tem muitos colegas que estão aqui a trabalhar que são arquitetos formados na casa, meus antigos alunos, temos também a arquiteta Susana Matos e os outros que estão no atelier do CEICA que desenvolvem outro tipo de trabalho principalmente de secretariado. A equipa dos estudantes que também participa das atividades multidisciplinares do fórum, isto irá acontecer sábado e domingo, mas ainda terás a oportunidade de ver a preparação de um workshop que acaba por ser uma súmula de praticamente dez anos de trabalho que é o projeto do Plano Estratégico para Desenvolvimento dos Centros Históricos e da salvaguarda do Património no contexto angolano. Então este projeto vai ser apresentado na quinta-feira durante o fórum, mais as pré-apresentações e o trabalho da equipa, aí já estamos a falar não da montagem do fórum mais da preparação deste projeto. Portanto durante a maratona como nós chamamos, há um objetivo para fim-de-semana. Durante o fórum o que vai acontecer: nós temos na segunda-feira o dia mundial do habitar que vai ser uma conferência na Universidade Agostinho Neto, e eu vou lá estar de manhã, mas depois a tarde temos a abertura do fórum aqui na universidade, à partir das 15h30. Consequentemente são as atividades do fórum, de manhã são as atividades do workshop, este trabalho que tem a ver com o plano estratégico de desenvolvimento dos centros históricos, à tarde tem uma atividade muito interessante chamada charrete que é um exercício específico que foi criado aqui na Universidade Lusíada de Angola por um professor brasileiro que é nosso professor convidado a uns seis anos, João Supcia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e que

desenvolveu este trabalho connosco e desde os últimos seis anos que nos fazemos este trabalho e que envolve a universidade toda e estudantes de outras universidades também, é muito interessante acompanhar este processo do qual eu sou cocoordenadora com outro colega que é o Maurício Ganduglia e envolve depois etapas diferenciadas, o trabalho com os alunos a construção de uma interpretação das tendências do desenho arquitetónico, os problemas mesmo da arquitetura, para além disso durante o fórum também há aulas....

Para além disso, depois há a conferência onde se vai apresentar o projeto dos Centros Históricos, mas a partir do próximo fim-de-semana nós temos uma outra maratona, portanto no dia oito de outubro até ao dia dez, portanto são três dias, e vamos estar a preparar o trabalho que o centro de estudos vai levar a conferência internacional das Nações Unidas que é o Habitar 3. Então este é um trabalho que nos orgulha muito e a equipa assim que terminar o fórum entra na reta final de preparação do trabalho que nos vai levar em viagem até o equador. Tínhamos por norma uma dinâmica populacional de cento e vinte pessoas e tudo era professores e alunos das universidades.

### **Conversas Paralelas**

**Ângela Mingas:** as pessoas que investigam ou que trabalham com investigação aprendem e há uma deformação técnica, ou seja, nós aprendemos a nunca utilizar o eu, porque supostamente o saber não é uma questão individual, então quando se escreve um texto científico nunca se diz eu, mas sim nós, eu por deformação profissional, eu acabei por ser introduzida muito cedo este discurso mas eu compreendo perfeitamente a componente do ego mas isso surge, acho eu, já para no final dos anos 90 com esta coisa da arquitetura do Star-System, e este star-system é uma coisa muito recente na arquitetura e em Angola em acho que não existe, nós não temos no nosso corpo o star architect.

**Manuel Sebastião:** existe alguma história da profissão ou da profissão do arquiteto em Angola?

**Ângela Mingas:** não existe nenhum livro, e se foi publicado não foi publicado em Angola, existem alguns arquitetos angolanos que têm trabalhos publicados, principalmente os da velha guarda. Sobre a história do arquiteto em Angola, não. Existem arquitetos em Angola que já escreveram sobre vários assuntos, agora sobre aquilo que é a profissão a carreira do arquiteto em Angola, eu não conheço e não me lembro de ver publicado, nem livros a menos que tenha sido fora do país. Eu lembro-me é de ter sido abordada há uns anos atrás por uma

colega que é a Ana Vaz Milheiros e ela pediu-me alguns anos atrás para escrever para um Jornal de Arquitetos. Então ela estava a fazer um editorial sobre mulheres arquitetas e ela pediu-me para escrever sobre as mulheres arquitetas e eu na altura andei à procura de algo sobre a prática profissional do arquiteto e não encontrei, isto é muito recente, eu escrevi isto à três ou quatro anos no máximo, até à data o único arquiteto que eu conheço que publicou alguma coisa foi o Hélder José e o Filomeno sobre o trabalho patrimonial do banco. Sobre a história da prática profissional do arquiteto, não.

### **Conversas paralelas**

**Ângela Mingas:** quando eu fiz a minha dissertação de mestrado à uns anos atrás e comecei à procura de material sobre a cidade de Luanda, tudo aquilo que eu encontrava estava obsoleto e não me interessava fazer nenhum trabalho sobre Angola no período colonial e então estabeleci para mim mesma que o período de estudo que me interessava era o período republicano, ou seja, depois da independência e quando eu me inscrevi para o mestrado, estamos a falar de 2003, ou coisa assim do género, não havia literalmente nada depois da independência sobre a arquitetura em Angola até porque a própria arquitetura entrou numa fase letárgica. E então umas das razões que fez com que a minha formação e as pós-graduações fossem todas muito tardias deve-se ao facto da grande fonte de informação sobre a arquitetura e sobre a prática profissional, projetos feitos por nós aqui no centro de estudos, portanto, foi preciso primeiro partir pedra pós-independência para conseguir criar um discurso minimamente sustentável sobre a arquitetura. E mesmo assim, a nível contemporâneo nós temos algumas coisas aqui mais relacionadas com os musseques e o que há para escrever sobre a arquitetura de construção é muito para além dos musseques, quer dizer, os novos fenómenos construtivos, os Kilambas da vida, a habitação social, a nova construção contemporânea. Tudo isso é uma coisa que carece de uma análise crítica mas o problema é que nunca se sabe quem são os arquitetos das obras.

**Manuel Sebastião:** sobre a construção em Angola?

**Ângela Mingas:** o grande cliente da construção em quase todo mundo é o estado, e nós não temos uma estrutura empresarial que suporte este mercado quando o estado entra em crise, então a grande fonte de dinheiro, ou vem de fora, ou vai para fora. O sistema, aquilo que existia do meu ponto de vista era falso, portanto, era uma dinâmica e fatores de desenvolvimento, mas que afinal não estava ancorado aqui. Mas isto volta porque essas coisas são recíprocas, o mercado há de se regenerar, há de criar outras energias e de estabilizar e de gerar emprego, porque houve um esvaziamento brutal no mercado de construção que não tem nada a ver com o mercado de arquitetura, enquanto que a construção, vamos personalizar, enquanto que a construção só sabe construir a arquitetura sabe fazer mais do que isso. Então há todo um outro campo a nível do pensamento, da curadoria artística, quer dizer, o planeamento. Há muitos problemas que a arquitetura tem, que não passam somente pela construção, e aí sem dúvida o mercado académico e das artes e mesmo até administrativo político, serve como alternativa ao próprio papel do arquiteto, em relação à sua função social, por esta razão, o arquiteto que esteja parado neste momento é somente aquele que apenas faz projetos, ou seja, o projetista.

Nos últimos sete/oito anos, a arquitetura africana tem sido o foco do meu trabalho, o arquiteto africano, nosso papel social, a todos os níveis, quer na perspectiva semiótica, quer dizer o quê que nós fazemos, ou o que nós aportamos em termos semióticos, a arquitetura que nós produzimos, o pensamento crítico do arquiteto africano sobre a aquilo que é a sua paisagem social. Portanto, faço parte de um grupo de arquitetos que criaram um movimento africanista e chamo isso porque é fundamentalmente com arquitetos africanos sobre a arquitetura africana, isto aconteceu na África do Sul, em Angola, Cabo Verde, Nigéria, Gana e nós andamos de um lado para o outro nas casas uns dos outros e já tivemos aqui no Fórum de Arquitetura alguns arquitetos africanos como, Jhoadur, Luyanda Mpahlwa, Kunlé Adeyemi. E estou a desenvolver com meus alunos um seminário que se chama mesmo arquitetura africana.

Entrevista 02 | 10/10/2016

**Tema:** A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense

**Entrevistada:** Arquiteta Ângela Mingas | **Entrevistador:** Manuel Sebastião

**Manuel Sebastião:** o que levou-lhe a seguir a Formação de arquitetura?

**Ângela Mingas:** duas pessoas, o meu padrinho que é arquiteto José Troufa Real e o segundo que já é falecido meu tio que na altura estava a fazer o curso de arquitetura e pedia-me para eu pintar os desenhos dele, e então eu fui-me apaixonando pelo desenho de arquitetura nessa altura. E para além de uma intuição e de uma tendência natural para as artes plásticas descobertas desde muito cedo, a minha influência, o que me leva para arquitetura é a influência destes dois homens em particular.

**Manuel Sebastião:** quais as suas fontes de inspiração?

**Ângela Mingas:** tenho algumas, talvez a que mais me inspire neste momento seja o Luyanda Mpahlwa arquiteto sul-africano com quem eu tenho o privilégio de ter uma relação de amizade que me permitiu entrar num universo mais alargado da arquitetura africana e de poder explorar outros valores para além de uma arquitetura dominada fundamentalmente pela história da Europa, da arquitetura greco-romana e então descobrir o outro lado das coisas, uma outra maneira de ver a arquitetura acabou por me fazer relacionar com personagens como Luyanda Mpahlwa, Jhoadur de uma forma muito particular. São as minhas referências contemporâneas.

**Manuel Sebastião:** em um país como Angola, como encara a arquitetura?

**Ângela Mingas:** como uma disciplina que precisa de cultivar o conhecimento, acima de tudo. A arquitetura em Angola é escassa, existe mais um fenómeno de construção e de explosão

imobiliária e mesmo a pouca arquitetura que se faz não tem um perfil que esteja ligado a valores estéticos mais conectados com a cultura do nosso país, profundamente influenciado pela cultura ocidental e isto passa acima de tudo por falta de conhecimento. Então eu vejo a arquitetura em quatro grandes campos de conhecimento e acho que arquitetura do ponto de vista técnico, o projeto de arquitetura, a gestão e fiscalização de obras é um mercado brutal e emergente mas do outro lado a arquitetura como objeto estético, a arquitetura como disciplina académica, quer dizer, esta parte da arquitetura em Angola é profundamente deficiente e então eu tenho uma visão não fatalista da arquitetura mas sim realista, ou seja, nós precisamos de fazer crescer outros campos da arquitetura até que ela seja minimamente satisfatória.

**Manuel Sebastião:** considera que o ensino da arquitetura em Angola é de qualidade?

**Ângela Mingas:** a Universidade Lusíada de Angola que é a escola de arquitetura que foi fundada por um grupo de professores dos quais eu faço parte, perseguimos um objetivo maior de estarmos equivalentes com as grandes escolas que nos rodeiam e que são a nossa referência. Tem sido muito positivo constatar que ao longo de mais de dez anos de trabalho internacional com universidades da América Latina como por exemplo a universidade de São Paulo, a Curitiba de Paraná do Brasil ou com universidades europeias como Alcalá de Henares em Espanha, ou a Universidade Lusíada do Porto, e em relação à África, com universidades em que algumas delas estão no ranking das melhores do mundo, como é o caso da Cape Town University, Universidade de Joanesburgo, a Universidade Politécnica da Namíbia. Portanto, nós temos feito um esforço para estarmos em permanente conexão com as outras universidades e tem sido muito bom compreender que os nossos estudantes estão ao nível dos estudantes dos outros. E então, isto faz com que nós tenhamos uma perceção do nosso ensino positivo. Existem outras universidades em Angola que têm trabalhado connosco e que também se apresentam nestes momentos de intercâmbio como universidades com uma formação com pensamento criativo de alguma qualidade, mas eu prefiro não mencionar nenhuma, ou vou excluir outras, então do ponto de vista ético não é muito correto.

**Manuel Sebastião:** sente falta de mais faculdades de arquitetura em Angola?

**Ângela Mingas:** Angola tem dezassete escolas de arquitetura, só em Luanda existem doze, e eu acredito que essas escolas de arquitetura sejam suficientes. Aquilo que eu acredito que seja fundamental é que as escolas desenvolvam cada vez mais os seus princípios de qualidade. Agora por outro lado, eu também acho que só com a quantidade é que se consegue aparecer qualidade, porque quando nós temos um vestido só podemos utilizar um, quando temos dois, é um dia sim, outro dia não. Agora, quando temos muitos, utilizamos o que melhor da para a ocasião. Portanto, por um lado eu acho que dezassete escolas de arquitetura em Angola é uma dimensão já bastante razoável, não acredito que sejam necessárias mais, mas se vierem outras, que se façam valer pela qualidade, que acaba por ser depois o grande diferencial entre as escolas.

**Manuel Sebastião:** quais os seus maiores objetivos a alcançar na arquitetura?

**Ângela Mingas:** como indivíduo eu tenho algumas metas, a primeira que é do ponto de vista académico, que é estruturar e criar uma referência positiva de investigação da arquitetura em Angola principalmente na vertente da arquitetura africana, o meu grande objetivo mesmo é conseguir criar um discurso sério, estruturado a volta dos valores estéticos da arquitetura africana, quer dizer, criar pelo menos espaço para que esse diálogo aconteça. E o meu grande objetivo nesse aspeto é amplificar o conhecimento dos estudantes e também de colegas. É aí que entra o meu papel como professora e como investigadora. Enquanto arquiteta, espero conseguir implementar dois grandes projetos de arquitetura que estão relacionados com as linhas de investigação que eu desenvolvo. A primeira tem a ver com a questão dos centros históricos em Angola, portanto, a questão da arquitetura como património e que até foi apresentado agora no Fórum de Arquitetura, um trabalho que tem dez anos e que já vem consolidando conhecimento e tudo mais, gostaria muito de ver esse projeto implementado. E o segundo, a nossa linha de investigação no centro de estudo tem a ver com a reabilitação e a requalificação dos assentamentos informais, ou seja, os musseques, que é um trabalho que nós agora vamos levar para o Habitar três. Portanto os meus objetivos em arquitetura tem estas duas vertentes, primeiro a questão da investigação da arquitetura africana, quer dizer, mexer nesse açúcar que está no fundo da panela e como conquista profissional, como

arquiteta, virar os meus esforços para reabilitação da arquitetura do património, requalificação do património que é um projeto que esta em andamento e os musseques.

**Manuel Sebastião:** acredita numa melhor arquitetura feita em Angola?

**Ângela Mingas:** eu acredito numa melhor arquitetura feita em Angola e acho que nós enquanto arquitetos, precisamos também de algumas oportunidades.

**Manuel Sebastião:** como é ser docente em Angola?

**Ângela Mingas:** ser docente em Angola é difícil. Primeiro tem um lado emocional, e esse lado emocional está ligado ao profundo respeito pelo estudante, que faz um percurso pré-universitário, um percurso de base, mas que chega as universidades lamentavelmente sem as ferramentas necessárias para desenvolver e para captar toda a informação que nós temos disponíveis para transmitir. Isto é um problema que não nos compete resolver porque nós não somos reesponsáveis pela formação do estudante, mas que nós temos obrigatoriamente que nos envolver, porque não podemos formar um arquiteto sem que ele tenha estruturado algumas bases. Então, a primeira grande dificuldade no desafio académico ou na questão de ser docente, é ter que ir para além daquilo que é a nossa obrigação, portanto isto é uma questão humana. Segundo campo tem a ver com as condições matérias, e isto é relativo porque hoje em dia toda a informação que nós necessitamos está à vista, ou seja, vamos à internet, registamos em centro de informação, temos uma senha online, e podemos aceder a tudo. Portanto, muitos colegas dizem que a falta de livros em Angola, mas o que eu acredito que seja um problema material é porque na verdade os recursos nem sempre estão disponíveis, então, isto é, de facto um problema. Agora para mim, o maior problema mesmo é a falta de crédito que o docente tem perante o mundo, portanto, quando optei em 2008 por seguir a carreira académica exclusivamente, marginalizei o meu trabalho enquanto projetista e fiscalizadora de obras, e chegou uma altura que eu disse: este não é o meu papel social, não é estar a fazer obras, e desenvolver uma atividade comercial que fazia até com relativo sucesso. O facto é que enquanto docente fiz uma opção que desmereceu o valor dos meus colegas e até uma história engraçada que eu conto para justificar isso. De uma vez ter

encontrado o colega e de ele ter dito: epá Ângela a tanto tempo que a gente não se vê e tal... então aonde é que tu estas a trabalhar?... Então eu estou a trabalhar na Lusíada, resposta do colega; na Lusíada tu das aulas, mas onde é que tu trabalhas?... E então acho que isso responde. Portanto não há de maneira nenhuma, valor atribuído ao trabalho que nos fazemos. Mas por outro lado a grande glória é quando os nossos estudantes ou os estudantes que passam pelas nossas mãos desenvolvem o seu percurso com profundo rigor inclusivamente até quer a gente goste quer não, alguns até acham que eles foram formados no exterior, e eu digo boa. As pessoas em Angola acham que o que vem de fora é bom, e se acham que os alunos que estão formados aqui por mim e pelos meus colegas da Lusíada, vêm de fora, então significa que estamos a fazer alguma coisa de bom.

**Manuel Sebastião:** quais as suas crenças? e o que acreditava em toda sua infância?

**Ângela Mingas:** eu cresci com a ideia de que queria ser veterinária, porque adorava animais, então era por causa do cão de casa, e acho que todas as crianças querem ser veterinárias e astronautas, mas eu cresço com essa ideia e desisti ainda muito pequena. Lembro-me perfeitamente que a partir de uma certa altura não querer mais isso e ter explorado sempre o lado artístico que foi dominado por múltiplas facetas. Então para além desta ideia de querer ser veterinária eu sempre senti, a minha intuição sempre me disse que eu iria acabar ligada as artes de alguma maneira, tanto é assim, que eu quando começo a minha formação em Portugal na Escola Superior de Belas Artes, é para belas artes e não é para arquitetura, mas a arquitetura de facto acabou por polarizar toda a minha atenção por revelia da música do teatro, das belas artes, da escultura, da pintura, quer dizer era arquitetura. Diz a minha mãe, que quando era pequena dava explicação aos meus irmãos e às vezes até aos animais, portanto, a minha mãe sempre disse, tu tinhas que acabar como professora de alguma maneira. Talvez a única crença de que iria trabalhar com pessoas. Nunca me vi a lidar como por exemplo: com papéis, com números, eu não me imagino como contabilista, não consigo, pois algo que anula esse factor da relação humana para mim não faz sentido.

**Manuel Sebastião:** como a Mingas consegue gerir a vida pessoal da vida profissional?

**Ângela Mingas:** como Mingas consegui gerir a vida profissional da pessoal de várias maneiras. A primeira como filha do meu pai, não é uma fasquia baixa ser Mingas, mas quando eu digo Mingas, não é todos os Mingas, porque a família Mingas é muito grande, é ser Mingas filha do Rui Mingas, sobrinha do André Mingas, ser Mingas irmã da Nayma Mingas, ser Mingas irmã da Catyla, quer dizer a referência que as pessoas têm de nós passa sempre pelos outros. Olharem para mim e dizerem: tu és filha do Rui, e eu respondo que sim, e até brinco, sou mais bonita do que ele. Mas tudo isto para mim é uma construção de orgulho acima de tudo e de um referencial muito alto porque felizmente os Mingas desde o meu avô que teve preso no Tarrafal até o meu tio André recentemente falecido, há sempre uma referência positiva quer seja pela música, principalmente pelas artes, então, ser Mingas é acima de tudo um referencial de orgulho. Quando se fala de arquitetura, fala-se ou do André Mingas, as pessoas também falam de mim, óbvio, eu acabo por fazer um trabalho muito público, por força do meu ativismo social a volta do património as pessoas conhecem-me muito pela rua. Acho que é uma conquista, é um espaço e não foi um espaço conquistado para prevalecer sobre pai, sobre irmão ou sobre tios, acho que isso aconteceu naturalmente e fico contente com isso, e espero estar à altura deles.

**Manuel Sebastião:** consegue ser tão vaidosa na arquitetura como é enquanto mulher?

**Ângela Mingas:** a minha vaidade embora enquanto mulher seja uma questão física também é acima de tudo intelectual e perdoem-me todas as pessoas que possam ouvir isto, eu não tenho o perfil da mulherzinha de salão, aliás a minha cabeleireira reclama que só me vê uma vez por mês, e há uma construção à volta da minha vaidade, que é óbvio eu tenho cuidado comigo, não é um culto, à minha vaidade física não é um culto, é algo que me interessa até a um determinado patamar ela não interfere de maneira alguma na minha agenda. Tanto é assim que eu quando abro a minha agenda, eu vejo as minhas aulas marcadas, vejo as minhas reuniões, vejo até os meus cinemas e meus jantares com amigos, mais não aparece na minha agenda, salão de beleza. Então não é uma prioridade é algo que é uma referência acaba por ser quase como escovar os dentes, quer dizer, é uma coisa que está inerente à minha maneira de estar, quer dizer, eu tenho cuidado com a forma como eu me visto, mas

não ultrapassa um determinado limite, não vai para além de, eu não sou um ícone de moda, não sou uma referência de estilo, as pessoas conhecem a maneira como eu estou mas não por esse lado, existem pessoas que são referência de estilo, mas eu não.

**Manuel Sebastião:** como é ser uma mulher arquiteta num mundo dominado maioritariamente pelo sexo masculino? Como lidar com isso?

**Ângela Mingas:** ser uma arquiteta mulher em Angola é muito mau. Quando nós entramos para o mundo da construção é horrível, temos sempre que provar que somos melhor do que os homens e isto é um ponto de partida, quer dizer, eu não gosto de fazer fiscalização de obras porque o meu confronto com aquela manta masculina na obra é uma coisa que me incomoda, não porque eu tenho algum problema em relacionar-me com homens, com indivíduos do sexo masculino, mas porque toda a postura de ter de provar permanentemente que sei, que domíno, que conheço isso, não gosto! Principalmente porque esta etiqueta da inferioridade intelectual e da capacidade profissional é algo que na qual as mulheres não têm de lidar, mas infelizmente de todas as vezes que eu me confrontei com esta situação fui levada a este tipo de jogo, a este desmerecimento. Se existisse um homem ao meu lado, quer dizer, o dono da obra ou o diretor da obra, dirigiam-se sempre para ele em vez de se dirigirem a mim e às vezes o engenheiro dizia, mas ela é que é a arquiteta? Incomoda profundamente, no entanto também quando se consegue comprovar essa capacidade há um respeito que até parece superior, até hoje conheço alguns empreiteiros que dizem a general está a chegar, ou seja, essa arquiteta sabe, e inclusivamente até, sabe-se lá porquê, nos colocam num patamar superior. Então este processo que acaba por vir com o pacote, nós não podemos lutar contra ele achando que vamos ter sucesso imediato, ou seja algo que se vai esbatendo geracionalmente e, portanto, eu já cumpri o meu papel e provavelmente depois de mim virão outras pessoas até o dia. Espero que seja breve, e exista de facto equidade não só do ponto de vista formal, mas também ao nível das relações, quer dizer, eu não quero que um homem me veja como um ser igual porque eu não sou, costumo dizer que não sou igual aos homens, mas quero uma relação social equivalente aos homens, porque eu tenho necessidades quer do ponto de vista fisiológicas, quer do ponto de vista emocionais e sociais diferentes. Eu assumo-me diferente de um homem, mas não por isso com menos direitos do que ele. Infelizmente por causa dessa situação, principalmente em Angola, as mulheres acabam por ser reconhecidas no universo enquanto arquitetas por ter maior reconhecimento no mundo académico, claramente dominam em relação aos homens, mas mesmo aí, embora seja um

domínio mais feminino do que masculino o que acaba por acontecer é que o mundo académico... lá está, das aulas, não és arquiteto... já é um mundo que é considerado à partida inferior. Por último as mulheres em Angola infelizmente pelo facto da nossa sociedade ser muito tradicional, aliás estar a tender para uma “tradicionalização” as mulheres não têm muito espaço social para desenvolverem as suas carreiras como arquitetas, os benefícios sociais não são lá grande coisa, há problemas a nível da gestão das suas famílias acabando por desistir por vezes de suas funções devido à família. É um campo de batalha e não é tao fácil quanto parece mesmo.

**Manuel Sebastião:** quais as suas estratégias de trabalho?

**Ângela Mingas:** eu dou aulas de segunda a quinta-feira, e as minhas aulas são normalmente preparadas durante o final de semana, que é quando eu tenho tempo, tranquilidade para rever os meus sílabos, portanto as disciplinas das quais eu dou aulas, são disciplinas que estão ainda em fase de formatação, e estão ligadas à teoria da arquitetura, e ao pensamento da arquitetura africana. Construí acerca de três anos atrás uma base para minhas aulas, então durante o final de semana organizo as aulas da semana e todos os dias que eu vou dar aulas, uma hora antes, fico quieta no meu canto e faço uma adequação ao dia. Vou sempre à procura sobre o que neste dia se falou sobre o assunto. É um método! Portanto preparo as aulas com antecedência e no dia, enfim, vou ao Google perceber o que se falou. Agora se estiver a falar da questão da investigação, aí tenho mesmo organizado o meu dia com horas específicas para estar a fazer investigação, são projetos que não são investigação aplicada ao ensino, são investigação autónoma como é o caso do património ou dos musseques. Então, é um trabalho com as equipas no qual eu sou coordenadora, tenho de estar na sala a trabalhar com eles resolvendo todos os problemas em atelier, aí sou muito democrática, e o trabalho tem de ser em conjunto. Eu tenho que estar lá, tenho de sentir a vibração da equipa. Sou muito agarrada e brinco muito com a equipa pois esta permeabilidade ajuda e as equipas têm vários escalões, tenho desde estudante do primeiro ano que estão a aprender a dobrar folhas até aos colegas seniores. Em termos de investigação tentei trabalhar nesse registo porque o meu trabalho para além de investigar é também um trabalho de produção, aí já entramos no campo da curadoria da arquitetura, exposições, workshops, um registo diferente. Esta parte da produção é mais administrativa com uma componente lúdica, mas é a parte que menos gosto, este processo é cansativo pois neste campo o trabalho é mais reativo. Por norma quando estou em aulas ou quando estou em atelier o meu telefone não toca, só se estiver a espera.

Por último, existe um trabalho de campo, que talvez seja aquele que mais gosto. Normalmente vou com equipa ou sozinha, mas por norma é um trabalho meu, conceber a minha aula, a minha peça de trabalho, outro em equipa, e depois, tem o mais administrativo.

**Manuel Sebastião:** considera que se estudasse arquitetura em Angola não teria as mesmas oportunidades ou as mesmas noções sobre a arquitetura?

**Ângela Mingas:** eu não acredito que a formação seja tudo num indivíduo. Eu acho que a formação académica, ou seja, a formação do arquiteto em Angola é tão válida como qualquer outra. Podemos eventualmente ter um professor melhor ou pior, podemos ter uma situação urbana diferente. Agora o que um indivíduo faz consigo, aquilo que ele trás, aquela bagagem, provavelmente teria interesses diferentes, seria óbvio, mas não acredito que a minha formação como indivíduo fosse tão diferente quanto isso. Agora quando vim para Angola, tive que investir profundamente na minha adaptação porque a minha formação não só foi na Europa como foi eurocêntrica. Eu estudei em Portugal na Universidade Técnica de Lisboa e não estudei em nenhum outro universo que não acabasse no mediterrâneo, ou seja, nunca estudei arquitetura asiática nem africana nem arquitetura amerim. Começa nos gregos, nos pré-socráticos, ou seja, só nesse contexto que acaba no Siza Vieira. Toda a minha formação neste momento não se deve à minha formação fora do país, muito pelo contrário devo, à minha autoformação e aquilo que eu consegui absorver no meu contexto. Então não acredito, estudar aqui ou na China, isso depende mais do indivíduo, partindo de mínimos.

**Manuel Sebastião:** Qual a maior dificuldade encontrada em todo seu percurso profissional? Enquanto estudante e enquanto arquiteta?

**Ângela Mingas:** enquanto estudante eu tive um ou dois confrontos. Um deles foi com um colega e não tinha nada a ver com arquitetura, mais porque acreditava em coisas sobre os negros e sobre os africanos que eu não concordo. Mas eu tive uma vez um confronto com um professor que não foi muito simpático. Era um professor da disciplina de projeto de ambiente, e na disciplina havia um edifício de projeto que nós tínhamos que resolver em função de melhorar ou de encontrar os melhores indicadores a nível ambiental, conforto, ventilação ente

outros e na altura estava a se falar muito desta coisa da arquitetura ecológica, as ideias dos terraços jardinados, ou seja, princípio dos anos 1990, e na altura, em pleno 3º ano de arquitetura, eu tinha uma dificuldade brutal em conseguir resolver a cobertura do meu projeto e o professor tinha um assistente, e esse assistente para fazer a avaliação dos estudantes, ambos estavam na sala, quando o professor regente viu o meu projeto e perguntou qual era minha dúvida e pergunta de onde você é? E eu repondo sou de Angola, e ele reponde, por isso que você tem problemas, não deve estar habituada a este tipo de arquitetura na sua terra! e respondendo à medida ao professor e deixei de frequentar a aula do professor, acabando por reprovar. Fazendo a disciplina no ano seguinte. O segundo foi na altura do final do curso em que o nosso professor era o grande Victor Consiglieri que estava com 70 anos na altura e por razões que nós mais tarde viemos a saber que era de saúde, teve que interromper o ano lectivo, portanto ele não conseguia dar aulas e esse ano o conselho científico da faculdade dissidiu que o exame de projeto devia ser um exame especial. E todos nós enquanto alunos do 5º ano fizemos um exame especial durante três dias de exame de projeto e a nota mais alta foi de 11 valores. As médias de todos foram literalmente assassinadas, disseram que podiam fazer melhoria de nota no ano seguinte, mas, entretanto, vim para Angola. Foi um ano difícil pois a situação era grave. Tive uma formação tranquila, talvez um momento mais difícil foi quando a guerra civil reacendeu em Angola em 1992 e criou de facto problemas emocionais sérios, foi a primeira vez na vida que eu reprovei mesmo, e aquilo mexeu muito comigo, mas tive uma formação tranquila com ótimos colegas alguns por quem eu tenho carinho até hoje: a Rita Dourado a Filipa Roseta entre outros, o Duarte que é casado com uma grande amiga, que é a Joana Vasconcelos.

Enquanto arquiteta, já aqui em Angola, ou seja, fiz a minha formação e venho para Angola, entrei numa fase em que se precisava muito de arquitetos e fui confrontada com algumas situações de falta de éticas sérias porque aquilo que importava não era a “arquitetura” na verdadeira ascensão da palavra, ou seja, a arquitetura que é algo que serve o homem, serve princípio de uma sociedade melhor e do desenvolvimento e tudo mais. Era uma questão de construção, de crescimento e eu fui confrontada com cliente que me perguntou se não poderia tirar um centímetro por cada andar para colocar mais um piso no último. Coisas dessas que me assustaram, e que o mercado imobiliário criou uma alergia. Talvez o grande problema no início de carreira, tenha sido a falta de ética de alguns agentes do mercado imobiliário e da construção. É mal mesmo! a maneira como os produtos eram falseados e tudo, não gostei, ainda por cima numa altura em que Angola estava a sair da guerra e ainda não tinha as suas estruturas minimamente organizadas, naquela altura no princípio do séc. XXI era mesmo cada um faz como lhe apetece. Depois as coisas foram entrando nos eixos, mas eu apanho este movimento e fico impressionada pela negativa, mas

mesmo assim, continuei a trabalhar até mais ou menos 2008, altura em que me retiro do mercado enquanto projetista, mas de qualquer maneira, o único confronto foi esta questão ética, e principalmente o que me levou a especializar na área do património foi o desrespeito pela arquitetura pelo espaço construído.

**Manuel Sebastião:** foi um processo difícil implementar o respeito pelo património?

**Ângela Mingas:** a primeira é o património, como tal, como edifício que tem valor histórico que representa uma determinada faceta da memória social de uma cultura. Nesse campo foi muito difícil por causa da questão, o quê que se esta a defender? Quando eu começo a desenvolver esse discurso em volta da importância preservação patrimonial, ele começa na altura em que é anunciado que o mercado do Kinaxixi seria alterado, e na altura aquilo criou uma celeuma brutal. Depois houve também nessa altura o projeto das Ilhas na Baía, portanto estes dois projetos colocaram em causa e fizeram levantar em mim a questão da importância do património. Então o que se defende, são as histórias que estão por detrás disso. E a ideia da cidade de Luanda, cidade fundada por Paulo Dias de Novas, ou seja, toda uma história portuguesa, uma história comum com Portugal à volta da criação de Luanda, mas há uma história que não se conta à volta da criação de Luanda e que está suportada na memória triste da rota dos escravos, que é aquilo que de facto para mim é o fundamental na preservação da história antiga da cidade de Luanda. Como entidades patrimoniais aquilo que sobra da cidade antiga, da cidade colonial, e da cidade escravocrata de Luanda está exatamente ligada a este fenómeno que é da escravidão, e é esse o valor histórico que eu defendo da preservação da memória do homem escravizado. Não tem nada a ver com a continuidade do valor de D. Afonso Henriques, não é a perspetiva portuguesa muito pelo contrário, até porque há o dever de preservar e dar continuidade a história portuguesa, enquanto angolana tenho que respeitar acima de tudo o que é comum as duas histórias. Isto foi muito difícil de passar, pois durante muito tempo fui conotada quer por angolanos quer por portugueses como a defensora da história de Portugal, não se trata de uma questão sobre a história de Portugal, trata-se de uma questão da verdade histórica de Angola e Portugal, são coisas diferentes. O tempo foi passando e com muito gosto, e com prazer o nosso discurso sobre o património chegou as instâncias superiores. E em 2010, nos tivemos o prazer e o orgulho do Presidente mencionar a problemática do património no seu discurso sobre o Estado da Nação, porque no seu discurso sobre o estado da nação e o discurso de encerramento do ano, normalmente o presidente faz uma síntese das grandes questões do ano e quando falou sobre o património,

à partir daí o discurso fluiu perante as pessoas e elas tornaram-se naturalmente sensíveis a isso.

Criamos plataformas e tudo, portanto foi fácil, quer dizer começou mal, mas depois começou a fluir. Ele ganhou força quando o mercado do kinaxixi foi demolido e as pessoas sentem de repente a falta, que do ponto de vista físico a paisagem fazia, porque imagina de repente se retirarem-nos o Banco Nacional de Angola de onde ele está, as pessoas vão sentir falta e só quando isso acontece é que o povo sente. Então a perda do mercado do Kinaxixi, foi de facto a fronteira, e o cidadão de Luanda passou a perceber qual era o valor do património. Poderiam até não ter nenhuma relação afetiva com o edifício, mas tinham uma relação física da existência, mas por outro lado, existe uma outra questão que tem a ver com a ideia de modernização das cidades. A ideia de que o que é novo é bom, eu julgo que isso esteja ligado a duas maneiras de estar e uma delas eu acho que é cultural, e que é uma vocação da cidade, ou seja, a cidade de Luanda constrói-se por layers, que por norma quem vem, destrói o que está antes. É só ler a história da cidade de Luanda desde Paulo Dias de Novais e nós vamos vendo que vem, Sousa Coutinho, entra Governador, sai Governador e eles mudam sempre, não de expansão da cidade, mas de (layerização) a cidade de Luanda tem a camada Séc. XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e sempre aqui. Uma das grandes estratégias era tentar fazer com que a preservação do centro da cidade fosse também um argumento para expandir a cidade só que entretanto, a cidade que tem este núcleo marginal, estava completamente fechada por musseques e então para fazer expandir a cidade era preciso partir o que estava aqui dar continuidade, o seja, agora por à layer A depois continuamos pôr a layer B e a C, quer dizer, a cidade renova-se sempre aqui. Agora já está um pouco mais facilitado porque os grandes eixos de desenvolvimento obrigam mesmo a estas forças terem que sair e se expandir. Para além disto, existe também uma questão financeira que eu acho que é individual. O mercado de Angola de repente ficou inundado com muito dinheiro e o mercado da construção é absolutamente insaciável e predador e o grande responsável pela perda de património que não tem nada a ver com a história que é a defesa dos portugueses, era acima de tudo uma questão de dinheiro. Então criou-se um falso argumento à volta da necessidade de alienar esse património porque aquilo que se queria era um território de preferência com vista para o mar, e toda a cidade antiga está no espaço mais privilegiado da cidade de Luanda. Então o crescimento de Luanda não criou novos espaços privilegiados, está agora a criar alguns. Este é um discurso bipolar tanto vai dum lado como vai do outro.

**Manuel Sebastião:** quais seus limites na arquitetura? Ou pensa que não existem limites na arquitetura?

**Ângela Mingas:** não tem que existir limites na arquitetura. Eu acredito que quanto mais não sejam limites éticos, julgo que o limite deva ser o homem. Eu acredito na ética, acredito na necessidade de dar a arquitetura um valor social. O limite deve ser quando a arquitetura deixa de servir o propósito do homem e passa a servir outros propósitos, outros valores. O limite deve ser, não permitir que a arquitetura deixe de cumprir a sua função social.

**Manuel Sebastião:** como se sente passando seu legado para seus alunos?

**Ângela Mingas:** sinto-me feliz por levar a mensagem e em ser docente e lidar com os meus alunos até porque não é por uma questão egocêntrica de estar a transmitir o conhecimento, é biunívoco. O processo como nós aprendemos em pedagogia é de ensino-aprendizagem, portanto eu quando estou com os estudantes eu aprendo também, eu preciso deste contacto, preciso da fonte da juventude, preciso desse bebedouro.

**Manuel Sebastião:** é detentora de algum projeto que faz-lhe sentir orgulho em Angola?

**Ângela Mingas:** o Plano Estratégico de Desenvolvimento dos Centros Históricos, que é um parto do centro de estudo de arquitetura e também o projeto dos musseques que tem a ver com preservação e otimização dos assentamentos informais da cidade. Então esses dois projetos são projetos de orgulho e o terceiro não menos importante é a própria Escola de Arquitetura, projeto da qual faço parte desde a sua fundação. Que já leva 15 anos. Em termos de projeto de arquitetura existem dois, um deles é o projeto do Polo Universitário de Cabinda da Universidade da Lusíada de Angola. E é engraçado que os grandes projetos que desenvolvi são Arquitetura Pavilhonar, ou seja, estamos a falar de projeto das Expos, estamos a falar do projeto da Expo de Zaragoza e da Expo da Coreia do Sul que são da minha responsabilidade com a Comissão Nacional da Expo dirigida pela Engenheira Albina Assis os outros são projetos básicos, estamos a falar em termos de habitações, mas nada como tipo equipamento coletivo.

**Manuel Sebastião:** qual o seu olhar sobre a arquitetura existente na cidade de Luanda?

**Ângela Mingas:** eu vejo a arquitetura da cidade de Luanda em quatro vertentes. A primeira delas, é a arquitetura do pruído da escravatura, que é uma arquitetura muito austera do ponto de vista formal com pouca importância, tem mais histórica do que propriamente arquitetónica. Estamos a falar dos sobrados das casas típicas das igrejas, portanto, o estilo chão de uma maneira geral. Depois temos a arquitetura do movimento moderno construído entre os anos 50 e meados dos anos 70, esta arquitetura é absolutamente excepcional em Angola, acho que nós devemos ter o parque arquitetónico da arquitetura do Movimento Moderno mais expressivo mais diversificado e infelizmente ainda estamos num processo de reconhecimento deste património, mas vejo essa arquitetura, como a arquitetura que constrói a expressão, não só da cidade de Luanda, mas de todo o país. Portanto, quando percorremos Angola o que constrói a paisagem das cidades em Angola é a arquitetura do Movimento Moderno á arquitetura dos anos 50, 60, 70. E também uma arquitetura tradicionalista Raulina, do Estado Novo. Então, esta arquitetura que se vê muito na arquitetura do Vasco Regaleira, que é o homem que constrói o Mutu ya Kevela que era o antigo Liceu Salvador Correia e que está agora em fase de reabilitação, e enfim tantas outras arquiteturas. Temos uma paisagem em Angola colonialmente que é construído por essas duas vertentes. Já no período pós-independência nós temos uma fase de letargia, portanto, não há produção arquitetónica até ao final da guerra em 2002 e à partir daí há um Bum que vamos chamar arquitetura por defeito profissional, mas que é acima de tudo um fenómeno de construção massivo onde a arquitetura no sentido daquilo que nós estudamos a arquitetura, mas escolástica perfeitamente integrada no local, isto já com a arquitetura do séc XXI, em território nacional é precária. Sendo boa parte da arquitetura importada, e o grande problema é que essa importação é feita sem nenhuma referência ao local, portanto quando eu digo que é a arquitetura que se fez em Angola pós-independência e arquitetura séc. XXI em Angola, independentemente dela ser importada e ser desenvolvida em gabinetes na Europa, na América Latina ou na Ásia é porque é uma arquitetura que na sua esmagadora maioria não respeita características identitárias, está completamente dissociada das questões climáticas, insustentável do ponto de vista construtivo, é precária, ou seja uma pessoa olha, é muito bonita, mas espelham algo que não se identifica com a cidade, tem pouca qualidade, são edifícios que tem problemas sérios a nível do conforto e representam para a cidade mas uma ação de cosmética do que propriamente a arquitetura luandense.

**Manuel Sebastião:** o que ainda é possível fazer para uma nova Luanda?

**Ângela Mingas:** existem vários parâmetros, existe vontade política, existe vontade social, porque isto também depende muito do indivíduo. Infelizmente a história ensina-nos que as sociedades às vezes aprendem mais com a experiência de forma empírica do que propriamente pela indução abstrata, quer dizer, falar sobre uma coisa, alertar para, não convence o indivíduo. A Europa precisou perder quase dois terços da sua população para aprender que tinha de lavar as mãos, porque a peste bubónica era uma realidade e a higiene só passou a ser de facto algo introduzido na consciência e no cidadão a partir da desgraça. É como a história do uso do preservativo, só quando a sida passou a ser uma pandemia é que as pessoas tomaram consciência. Portanto, acho que aqui há questões que lamentavelmente só a partir da experiência se conseguem fazer valer, porque acho que depende muito com aquilo que queremos dizer com nova Luanda. Luanda tem uma faceta mais histórica, eu não sei até que ponto é que é possível reverter este processo quando muito em que pode externar, e provavelmente a crise vai ajudar porque quando não há dinheiro, não é possível fazer nada, mas são vários fatores, mais a cima de tudo a consciência social, eu acho que a educação e a consciência é que são os fatores primordiais.

**Manuel Sebastião:** já pensou algum dia desistir da arquitetura?

**Ângela Mingas:** já pensei em desistir da arquitetura principalmente da arquitetura como exercício profissional, não da arquitetura como paixão. Mas estamos a falar no ponto de vista técnico, e é engraçado que eu passei a fazer uma arquitetura consequente daquilo que são os projetos de investigação, que são do centro de estudos e acabou por ser tão ou mais satisfatório do que fazer um projeto, ou do que ter uma porta de um atelier aberta para a rua à espera da carochinha para pedir a casa no lote tal. Portanto, há várias maneiras de lidar com o exercício da arquitetura e quando eu desisti desta arquitetura comercial, de lidar com cliente porque era um descanso que eu precisava, até do ponto de vista ético. Eu estava a começar a ter sérios problemas para conseguir superar algum mal-estar em relação ao cliente, em relação a sociedade, em relação a corrupção, e uma série de questões que envolviam o meu exercício como arquiteta, quer como criadora de projetos, quer como fiscalizadora, ou seja, era assim um pântano e então eu parei. Quando desisti, eu decidi só dar aulas entre

outros, mas o bicho não deixou. Ficou ali a corroer e eu continuei a fazer projeto, mas sempre ligada ao planeamento, à investigação, e neste momento estamos a entrar numa fase em que vamos passar para a concretização de projetos, mas é um processo diferente.

**Manuel Sebastião:** já se sentiu incapacitada de elaborar algum projeto?

**Ângela Mingas:** já me senti incapacitada de elaborar alguns projetos, mas acabou por ser um processo. Tem a ver com o facto de nós não aprendermos tudo na escola e isso foi um projeto que nos chegou às mãos em 2006. Foi um projeto para desenvolver um estúdio de música, e eu não conhecia literalmente nada das características de um espaço dessa natureza. E então, quando o projeto me chegou às mãos acabei por ter sérias dificuldades para conseguir resolver formalmente o edifício e tive que estudar como se tivesse na escola. Portanto eu acho que esta ignorância é positiva porque primeiro não nos deixa descansar à sombra da bananeira, essa coisa do eu já se de tudo isso é péssimo, também o mundo não para. Já me senti sim incapacitada, e digo isso com orgulho. “eu sei que nada sei” Sócrates.

**Manuel Sebastião:** sente total apoio de seus familiares, tanto no âmbito pessoal como profissional? E o que gosta de fazer no seu tempo livre?

**Ângela Mingas:** sinto total apoio dos meus familiares e gosto de cantar nos meus tempos livres e escrever, lamentavelmente nos últimos tempos não o tenho feito. Eu gosto muito de literatura, poesia, aliás um dos meus padrinhos o Manuel Rui Monteiro foi a pessoa que me incentivou a escrever durante alguns tempos, publicava ocasionalmente em jornais e revistas, mas isto foi uma coisa que eu fiz quando era muito menina, adolescente com 15, 16, 17 anos, depois quando entrei para o curso de arquitetura deixei de fazer. Mas gosto muito de cantar e de escrever são as minhas paixões dentro das artes. Entre outras coisas que fiz ocasionalmente, durante muitos anos foi o basquetebol até uma certa altura não conseguia, mas devido a um problema no joelho, mas hoje nos tempos livres, quando os tenho, cantar, ouvir música, ler, ir ao cinema, quer dizer fazer tudo. E a música está muito ligada com a arquitetura e para além disso a família.

**Manuel Sebastião:** considera-se bastante enraizada com sua cultura angolana?

**Ângela Mingas:** não me considero bastante enraizada com a cultura angolana, pois acho que me falta conhecimento, principalmente quando diz angolana, pois Angola é grande. Eu acho que não estou satisfeita embora possa falar com propriedade de alguns campos muito específicos porque Angola é muito grande. Culturalmente nós somos plurais e cada uma dessas facetas da nossa cultura encerra uma série de outras. Quando nós estamos a falar dos Ambundos, os ambundos não são uma cultura única, ou seja, é composta por tantas outras então, nessa perspetiva eu não estou minimamente satisfeita porque há buracos que eu gostaria de superar, gostaria de ser fluente numa língua tradicional por exemplo, mas depois eu vou ver que eu sou absolutamente destribalizada, sou neta de espanhóis e de portugueses, de Kwanhamas, de Momúilas, de luandenses, entre outros. E fica-se quase sem saber quais são as tuas origens, é uma panóplia, mas eu gostaria de me sentir mais próximo da nossa cultura e queria que isso fosse para além de comer funge aos sábados. E isso é uma busca, pelo qual acho que nunca nós estamos satisfeitos, e depende muito do objetivo que nós traçamos para nós mesmos. Então, uma das formas para mim, mais próxima é quando eu conseguir definir ou estabelecer alguns patamares daquilo que é a cultura e a arquitetura africana. Isto é uma busca. Quando eu conseguir criar um diálogo a volta deste que faça censo para mim, então eu vou ficar um pouco mais tranquila.

**Manuel Sebastião:** O que pensa sobre as Zungueiras e como elas influenciam a arquitetura angolana?

**Ângela Mingas:** as Zungueiras para mim, fazem parte dos conteúdos essenciais de Luanda, partindo do princípio que uma cidade é feita de paisagem, é feita de edifícios, é obrigatoriamente também feita por pessoas, se não a cidade é um cenário. E quando nós pensamos na cidade de Luanda. Da mesma forma que nós não pensamos Luanda sem a Fortaleza de São Miguel, não se pode pensar Luanda sem as Zungueiras. Principalmente porque enquanto personagem urbana elas vêm desde a fundação da cidade. Então a

Zungueira não é um personagem que se inventou no Séc. XXI depois da guerra. Ela vem escrita nos romances das poesias de Cordeiro da Mata, nos romances de Alfredo Trone, quer dizer, vem na literatura, na música, vem este personagem, a Avô Ximbinha que vende na Rua. Portanto, a Zungueira é um personagem que esta profundamente ligada à cultura autóctone da região de Luanda e este personagem não é um personagem que fica restrito a cidade de Luanda, é um personagem que por força da rota dos escravos é exportado para outras realidades sociais para onde nós fomos levados. Tanto é assim, hoje este fenómeno da Zungueira, da mulher que vende na rua, que canta aquilo que leva no balaio, nós vamos encontrar em Cuba, nos Estados Unidos, no Brasil e talvez a Zungueira mais famosa que a gente conheça seja a Carmen Miranda. O quê que a baiana tem. Portanto lá está a mulher com a quinda na cabeça a vender frutas e a cantar. Então eu acho que o ponto número um, é que enquanto sociedade é uma das questões que nós defendemos no programa dos musseques. Ponto número dois, nós temos que reconhecer o valor histórico e social que estas personagens tradicionais têm na cidade, qual é o papel que elas têm na cidade e ponto número três, eu não acredito numa Luanda sem Zungueiras, não acredito sem Ardinas, sem nós, sem todos que pertencem a ela historicamente, e acho neste momento não se deve permitir que elas se estingam, porque lamentavelmente há às vezes, personagens ou situações que deixam de ter importância, é como por exemplo o livro. Como agora já temos internet já não precisamos do livro. E nós sabemos que no mundo há um esforço para que o livro não deixe de existir. E acho que Luanda ou a sociedade luandense deveria fazer o mesmo pelas Zungueiras. Não acredito em Luanda sem elas!

**Manuel Sebastião:** já sentiu-se desafiada por outros colegas no âmbito arquitetónico? E como lidar com esta situação?

**Ângela Mingas:** já me senti desafiada por colegas, mas de maneira saudável, mas o engraçado é que isso para mim acontece todos os dias com os colegas, eu nunca encaro como algo negativo, eu olho para isto como uma forma de aprendizagem, não vejo isso como competição. O desafio para mim, não sendo visto nesse campo ele faz parte das minhas relações normais com os meus colegas e umas das brincadeiras que eu faço com os meus alunos é dizer que eles têm sempre a oportunidade de ganhar um ponto na nota se eles me conseguirem dar algum desafio que eu não consiga resolver em 24 horas.

**Manuel Sebastião:** pensa que suas obras servem de exemplo para seus alunos?

**Ângela Mingas:** as minhas obras não servem de exemplo para os meus alunos a não ser que nós incluamos o papel social da arquitetura, mas a obra arquitetónica no sentido do edifício não. Como projeto talvez em planeamento que é o campo da qual eu tenho estado a trabalhar.

**Manuel Sebastião:** numa rápida abordagem, o que representa os musseques para a arquiteta?

**Ângela Mingas:** para mim os musseques são um objeto urbano, portanto uma escala urbana da cidade necessária pela diversidade. Primeiro porque eles organizam-se enquanto formas urbanas, organizam-se em função de parâmetros completamente diferentes daquilo que é a cidade formal e não são só uma forma diferente á nível do design, também ao nível da vivência, da dinâmica, e das relações sociais. Os musseques para mim têm de ser vistos em função de duas componentes. A primeira que é urbana e a urbanidade, ou seja os seus valores enquanto forma urbana, a sua estrutura viária, o seu edificado, quer dizer, a sua escala, portanto ele tem um valor por esse lado e por outro lado os musseques são do ponto de vista humano o grande fator de sustentabilidade cultural da cidade de Luanda porque tudo ou quase tudo que é fonte de cultura em Luanda sai dos musseques, a música, a comida, a linguagem a maneira de estar social, portanto o musseque não é só um assentamento informal. Ele é um espaço diferente e que do meu ponto de vista enquanto arquiteta e enquanto pessoa interessada nas mutações da forma humana, o musseque representa para mim, e para as pessoas que têm estudado na minha equipa, um elemento de diversidade, mas de diversidade suportado em valores que têm haver, com a filosofia Bantu. Hora bem, porque é que eu digo isto, porque eu lendo alguns filósofos, lendo alguns documentos principalmente partindo do livro “A filosofia Bantu”, eu vou encontrar uma maneira de estar no cidadão africano de origem Bantu, que vai constituir em todas as cidades Bantu que nós conhecemos em África, formas ou estruturas urbanas muito parecidas com aquelas que nós conhecemos em Luanda, que são os musseques, ainda não tenho conclusões específicas porque nós só fizemos uma comparação do ponto de vista da forma mas o facto é que a maneira como as populações se sedimentam num determinado local estabelecem as suas relações sociais. Neste caso do nosso ponto de vista estão mesmo suportados nesta filosofia Bantu. Hora bem, isto vai redefinir os arquétipos da forma urbana.

Quando vemos uma forma urbana segundo, vamos lá dizer: abrimos um tratado, arquitetura moderna e vemos por exemplo: a rua serve para isto... o que esta escrito, conselho internacional da arquitetura moderna, Le Corbusier, a rua serve para isto, a habitação para aquilo, entre outros. Nós vamos ver todas as componentes da forma urbana como uma função, mas isto é na Bélgica, em Paris, em Londres no Congresso Internacional da Arquitetura Moderna. Se formos interpretar a forma como cada um destes objetos, destes elementos ou da forma urbana é vivenciado e é estruturado nesses assentamentos informais a perspetiva é completamente diferente. A rua não serve os mesmos propósitos nem a casa se quer serve para os mesmos propósitos, então aí vamos encontrar nos musseques exatamente este outro lado de ver os elementos urbanos, vamos encontrar nos musseques vias como encontramos nos bairros ocidentais ou de influências ou de traçado ocidental, vamos encontrar vias, construções, tudo mais. A forma como são vividos são de maneira completamente diferentes e é por isso que eu acho que os musseques tanto é, não só uma forma diferente do ponto de vista do traçado, mas também do ponto de vista humano, para mim, é o grande representante da sustentabilidade cultural da cidade de Luanda. E só por essa razão, adquiriu o estatuto de parte da cidade, tem direito a existência e não estamos a falar de qualquer meia dúzias de taperas contruídas em zona de risco ou em ravinas, estamos a falar é dos musseques que vêm ao longo da história com a cidade como o bairro do Catambore, o Golfe, Marsal, são territórios que estão aqui, e que não são zonas que nasceram agora, estão a muito tempo e têm organizações muito próprias enquanto espaço urbano.

**Manuel Sebastião:** será que a arquitetura em Angola é o espelho do país? já se pode viajar para Angola com objetivo de se fazer turismo?

**Ângela Mingas:** não se pode vir para Angola para turismo arquitetónico. Não porque infelizmente ainda não estão estruturados os conceitos turísticos à volta dele. Nós temos aqui no Centro de Estudos um projeto chamado Campanha Reviver, esta no Facebook e tudo, que é a nossa forma de divulgação do nosso trabalho. E nós criamos alguns conceitos, que têm a ver, com a cultura urbana, mas para se fazer turismo é preciso criar um conceito turístico à volta dele, e turismo cultural que é onde entra a arquitetura, não esta institucionalizado. Aquilo que existe é uma experiência criada por um centro de estudos como uma metodologia aplicada, que foi agora apresentada na conferência que nós propusemos e julgo eu que com vontade política e se este projeto for integrado no Plano de Desenvolvimento como um projeto público, então aí sim Angola já vai ter um conceito Turístico à volta do turismo cultural

arquitetónico institucionalizado. Às agências já vão poder promover este conceito turístico porque nós aqui na terra temos é um turismo de sol e mar e gastronomia. Turismo da natureza, temos uma ou outra empresa que faz, mas turismo urbano nem pensar. Para existirem as rotas, primeiro é preciso conhecer do ponto de vista científico tem que existir grupos de doidos varridos como nós aqui no CEICA. Portanto, temos este projeto de passeios pelos musseques. Lá está os tais conceitos turísticos, primeiro cria-se o conceito, depois experimenta-se para ver se surte efeito, se ele tem interesse e depois institucionaliza-se. Se tudo der certo, e se a ideia for aceite, no espaço de um ano ou dois seria implementado. Já será possível turismo cultural. Agora turismo de negócios sim.

**Manuel Sebastião:** fora do âmbito arquitetónico como olha para Angola? Quais as vantagens e desvantagens?

**Ângela Mingas:** eu tenho verdadeira paixão pelo meu país e ele faz-me falta em todas as vertentes, faz-me falta pelas pessoas, pelas coisas e não estou a ser romântica, estou a falar a sério porque de momento por força dos meus trabalhos académicos eu tenho estado mais fora de Angola do que dentro. Eu acredito mesmo em Angola, acho que é um grande país, Angola passa por crises tremendas, costumo até com alguma ironia dizer que sou do pior país do mundo, todo mundo fala mal de Angola, todo mundo diz que Angola é isto e eu digo pronto ok! já que Angola é o pior país do mundo, então eu sou do pior país do mundo! E digo isto para ver se chamo a atenção das pessoas para o facto de eu enquanto angolana ter consciência de que estou a fazer o melhor para o meu país e que todos nós que estamos aqui e acordamos as cinco da manhã ou as quatro, estamos a fazer isso. E não temos nenhum país para nos refugiarmos quando alguém dá um tiro no quintal do lado, temos de ficar mesmo aqui e então acredito em Angola, faço um cheque positivo, não troco Angola por nada e no dia que morrer não quero ser enterrada, mas quero as minhas cinzas aqui. Acredito que Angola tem um caminho longo, geracional, portanto a questões do país que só vão ser resolvidas com a educação das pessoas. Essa educação é um processo que se transmite de mais velho para mais novo, então assumo Angola na sua vertente negativa e positiva e comprometo-me com ela em termos de futuro. “Angola avante, revolução, pelo poder popular, pátria unida, liberdade, um só povo, uma só nação”.

Entrevista: 27/02/2017

**Tema:** A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense

**Entrevistada:** Isabel Martins | **Entrevistador:** Manuel Sebastião

**Nome:** Isabel Maria Nunes da Silva Martins

**Idade:** 70

**Naturalidade:** Porto

**Nacionalidade:** Angolana

**Profissão:** Arquiteta

**Origens:** Portuguesa

**Âmbito profissional**

**Nome da organização que trabalha:** Universidade Agostinho Neto

**Nome do atelier:** Não tem atelier... está só na área académica

**Manuel Sebastião:** em que ano formou-se em arquitetura?

**Isabel Martins:** em 1985

**Manuel Sebastião:** a quantos anos exerce a profissão?

**Isabel Martins:** digamos que, não sei se ser docente é exercer profissão, portanto temos de definir o que quer dizer com exercer a profissão. Eu sou arquiteta de formação e dediquei-me única e exclusivamente à academia, portanto sou professora na única universidade pública até a muito pouco tempo, onde estudei e onde me inseri, digamos que eu tenho formação académica para o ensino, ou seja, eu enquanto aluna destaquei-me, fui monitora e dediquei-me a área da História da Arquitetura e fiz um doutoramento exatamente nesta área numa escola de grande prestígio em Portugal que é a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e também com um professor de alto gabarito que é o professor Alexandre Alves Costa e a partir daí é evidente que não fui sempre monitora, fui-me candidatando a outras categorias docentes e hoje sou professora associada da Faculdade de Engenharia de Angola, porque o nosso curso de arquitetura teve desde sempre ligada à faculdade de Engenharia. Pode parecer um pouco estranho, mas na verdade foram razões estratégicas que levaram a que isso acontecesse. Porque o curso de arquitetura como sabe é um curso virado para o homem e para as necessidades do homem e sempre foi visto pelo regime colonial como uma coisa perigosa realmente. Então, várias tentativas foram feitas durante o tempo colonial ainda nos chamados estudos gerais e depois Universidade de Angola e nunca se conseguiu levar bom termo à implementação do curso de arquitetura, e nós podemos dizer que o curso de arquitetura é um curso genuinamente angolano, foi com a independência ou com os anos depois da independência que finalmente conseguimos ter o curso de arquitetura em Angola.

**Manuel Sebastião:** quando é que decidiu seguir a formação de arquitetura? Sempre quis ser arquiteta? Chegou a cogitar outros ramos?

**Isabel Martins:** eu já tenho alguma idade como viu, e na altura quando era jovem e no contexto em que eu vivia era normal os filhos, pelo menos os filhos mais velhos seguirem as pisadas de um dos progenitores. O meu pai era economista, a minha mãe era farmacêutica e eu com a farmácia não queria nada, então comecei por ligar-me a um curso de economia mas realmente não me satisfazia, não é que eu tenha algum preconceito em relação a economia em relação as matemáticas, pelo contrário, acho que a matemática é uma disciplina, porque temos que à chamar assim mesmo, porque ela tem de fazer parte da nossa vida, a matemática é essencial para a vida de uma pessoa, porque nos desenvolve o espírito da lógica e eu acho que esta característica tem que estar muito presente em toda nossa vida. Então como não me satisfazia realmente esse curso de economia, na primeira altura e na primeira oportunidade que eu tive mudei para o curso de arquitetura cá em Angola, portanto eu sou licenciada na primeira geração de arquitetos angolanos

**Manuel Sebastião:** qual o seu olhar sobre a arquitetura em Angola?

**Isabel Martins:** isso é uma conversa que não me cabe, porque a Arquitetura em Angola tem, sei lá, quase 500 anos

**Manuel Sebastião:** o que pensa da arquitetura feita nos dias de hoje em Luanda?

**Isabel Martins:** eu não tenho muito boa impressão sobre a arquitetura atual, a arquitetura contemporânea digamos assim, na medida com que de facto não é uma arquitetura amiga do ambiente, é uma arquitetura demasiada racionalizada em todos os seus aspetos, não é uma arquitetura que prime por bons materiais de construção, e quando eu digo bons materiais de construção não estou a falar de materiais de construção nobres, estou a falar de matérias que realmente ajudam a sustentabilidade, ajudam o ambiente. Eu lembro-me que aqui em Luanda, há uma pequena igreja que se chama Igreja da Nazaré e essa igreja foi construída no séc.

XVII e essa igreja ensina-nos tantas coisas de como melhorar o ambiente com materiais de construção. Essa igreja tem um teto falso e esse teto falso é feito com Bambu, o quê que acontece? é claro que, o teto falso tem aberturas para o exterior, pequenas aberturas que provocam ventilação, portanto como sabe o ar quente sobe e se tivesse um teto falso em pladur todo fechado ou se tivesse feito com uma placa, não interessa, o que interessa é que este material natural e de construção, que se aplica na construção, conseguiram realmente resolver o problema da ventilação do espaço interior da igreja. Porquê? porque quando você põe as traves de Bambu elas não conseguem vedar o ambiente tem sempre interstícios porque os calos do Bambu não são lisos, então o ar quente sobe e passa através desses interstícios entre os diferentes troncos do Bambu. E estou-lhe a mostrar uma solução simplicíssima que no séc. XVII foi aplicada aqui. Eu não lhe falo de outros, falo-lhe deste caso porque a igreja continua, o Bambu continua, e, portanto, estou a falar do séc. XVII. E estamos no séc. XXI, passaram quase 400 anos sobre esta construção. Então quer dizer que o meu desgosto, não é só porque esta arquitetura contemporânea não tem personalidade nenhuma, você olha para a cidade e vê blocos que se repetem o que muda pode ser a pintura, podem ser os desenhos que você aplica nas fachadas e não muda mais nada. Primeiro, a cultura coitada, não é refletida em coisíssima nenhuma, nem materiais de construção nem coisíssima nenhuma. E por outro lado, é uma repetição, ou seja, as formas são idênticas, os materiais são praticamente os mesmos, e mais, sorvem energia que não é brincadeira.

Numa cidade como esta que é Luanda com problemas sérios de energia e distribuição de água, realmente cada edifício desses completamente fechados porque, as janelas elas abrem realmente. Primeiro não abrem completamente, segundo estão sempre fechadas. Então você não utiliza ventilação natural, esta sempre a utilizar uma ventilação mecânica que sorve energia. Então como é que os habitantes de Luanda podem olhar para isso. É um indicie de modernidade! Quando nós ouvimos falar das Conferências de Quito, portanto todo clima da terra está mudado exatamente devido a este gasto de energia que já não tem onde ir buscar. Portanto nós estamos a gastar as últimas reservas energéticas que a terra tem. Estamos a mandar para o ar gases que nos intoxicam á nós que intoxicam a atmosfera e que depois vira misturado com ar, com o oxigénio que nós precisamos para respirar. Portanto, quer dizer, eu como arquiteta, consciente dos objetivos que a arquitetura tem de cumprir, eu não posso olhar para esta arquitetura com bons olhos. Porque que eu não olho para egípcia, ou para arquitetura Asteca em Maia, e procuro tirar lições daquilo que os antigos, que viveram, a que nos deram. Por isso, eu sou adepta da arquitetura que se fez durante o tempo colonial.

**Manuel Sebastião:** quais as maiores diferenças encontradas entre a arquitetura feita antes da independência e a pós-independência? O que mudou?

**Isabel Martins:** eu não digo antes da independência e o pós-independência, porque esta febre dos edifícios altos começa antes da independência. Portanto, eu posso dizer-lhe que acho que a arquitetura feita no tempo colonial, praticamente toda. Aquela que se vai desenvolvendo desde os primórdios da colonização, porque, é preciso olharmos para essa arquitetura e ver os benefícios que está arquitetura trás para quem lá vive. Falei-lhe da igreja agora mesmo. Portanto, não só nos materiais de construção que usa, mas também as formas que desenvolve a partir de um exemplo que o colono trás na sua cabeça, da sua terra, das suas origens, e que chega aqui, se confronta com um clima primeiro muito diferente e segundo muito agreste. E o quê que ele faz: ele começa a racionalizar esse modelo que trás e inverti-o. Eu vou-lhe dar um exemplo que para mim é fantástico: conhece porque vive em Portugal, aquelas casas apalaçadas, tanto nas cidades como até na própria província. E, essas casas apalaçadas no fundo refletem um modelo que nós podemos encontrar por exemplo em palácios reais em França e vou falar do palácio que todos nós conhecemos que é o Palácio de Versalhes. O Palácio de Versalhes é um edifício que se vai construindo por acréscimo e acaba por completar uma forma retangular com dois corpos posteriores, ou seja, nós temos, um pátio que se forma com os três corpos gerando-se baixas pressões. Vai-se gerar um clima só daqui, mais ameno do que o que está no seu exterior. Digamos que fecha. Portanto, esta forma é uma forma adaptada ao clima que ela própria encontra forma de contrariar um clima mais ou menos agreste. Portanto, em Portugal há formas deste tipo. E o que é interessante que estas formas chegaram aqui em Angola principalmente a cidade de Luanda.

Na baixa de Luanda em frente ao Ministério das Relações Exteriores, mesmo na marginal, há um palácio que se chama o Palácio de Dona Ana Joaquina. E que atualmente é um tribunal. Este palácio foi construído por um comerciante português e ela aparece-nos exatamente assim, mas enquanto o Palácio de Versalhes encontrava-se numa determinada posição, o Palácio de Dona Ana Joaquina tinha uma forma que se orientava de acordo com os ventos dominantes. E mais, o palácio tem uma varanda no primeiro piso, todos os compartimentos dão para esta varanda, e tem, ainda tem, ou foi demolido, foi reconstruído, dizem que é uma réplica, mas replica não é. Então o que tinha de particular este Palácio de Dona Ana Joaquina, portanto, este pátio, está varanda no primeiro piso, e esta fachada completamente fenestrada com janelas muito altas e estreitas, então havia uma corrente de ar, toda numa direção, isto é virado para o mar, porque a baía foi retificada, aqui passava uma

rua e uma arrea imediatamente aqui, era a praia, o palácio dava quase para a praia, talvez até tivesse algum pontão para os barcos aportarem, porque o primeiro dono era comerciante, portanto hoje em dia não é assim, tem aqui esta rua, tem mais outra rua, depois é que aparece a marginal. Então, esta forma é a mesma, igualzinha, este é fechado, este é aberto, a fachada principal é completamente aberta, a fachada principal e esta fachada da direita, a fachada da esquerda praticamente é uma parede cega, tinha umas portas, é uma parede cega porque é uma fachada que tinha maior incidência solar. Ta ver como as coisas mudam, a forma é a mesma, os mecanismos de defesa contra o clima é que se vão encontrando. Também quase todas as casas de uma rua que ainda existe na baixa que é a Rua dos Mercadores que é uma rua muito antiga, agora está muito modernizada, mas era uma rua lindíssima que tem um Hotel Loanda. Já não tem, é o centro cultural brasileiro. Mas que a reconstrução tentou realmente deixar as marcas daquilo que era esse hotel. E lá estava o pátio interior, portanto, quer dizer que é de facto a arquitetura colonial que eu gosto mais pois, tem uma adaptação sistemática ao clima. Falo desta, mas falo depois de uma arquitetura do séc. XX, portanto, digamos que esta arquitetura é uma arquitetura até ao séc. XX.

A arquitetura do séc. XX ela é também uma arquitetura voltada para o conforto ambiental do homem com o prenúncio do Movimento Moderno. Com o Movimento Moderno, este movimento que realmente aproximou ainda mais a arquitetura do homem e que realmente ele mostra que está interessado no conforto do homem. Esse Movimento Moderno tem um nome aqui em Luanda que se chama: Vasco Vieira da Costa que estudou na antiga Escola de Arquitetura do Porto que era a escola da Belas Artes que se transformou, mais tarde, ou se dividiu em Faculdade de Arquitetura e Escola de Belas Artes. Então, Vasco Vieira da Costa é um arquiteto Português, que vai para Angola, e que se dedica de alma e coração. Apaixona-se por Angola e se dedica de corpo e coração à prática da arquitetura tentando realmente fazer arquitetura que ele acha, que é a arquitetura para o homem do séc. XX. Então, não estou a dizer que são edifícios dele. Mas Luanda, e ele trabalhava na Câmara e Luanda começa a construir de uma forma muito especial e que lhe grajeia realmente o título de ser uma arquitetura do Movimento Moderno. Você tem na Avenida Marginal, toda essa arquitetura que esta voltada para o movimento moderno, porque, Vasco Vieira da Costa foi um discípulo de Le Corbusier, e absorveu muito bem todas aquelas teorias. Você vai por as Novas Avenidas. Luanda também tem as chamadas Novas Avenidas, exatamente como em Lisboa, mais ou menos da mesma, um pouco, mais tarde mais o critério é o mesmo. Portanto quais são as novas avenidas: são aquelas que, quando a cidade começa a crescer começa a subir para o Kinaxixi e a partir daí há rasgamentos que não havia antes. Portanto, grandes rasgamentos com uma construção em altura com uma construção com claustro também, a

Avenida dos Combatentes, a Avenida Brasil, e outras haveria se realmente o processo de independência.

Portanto como vê, eu não tenho a arquitetura como profissão, mas sei muito bem o que é a arquitetura, e então esta cidade realmente beneficia de fases diferentes de uma adequação ao clima. Mas sempre! ou através, dos modelos coloniais que são trazidos para cá e que são transformados em função do clima dos microclimas se vão desenvolvendo, ou através, do movimento moderno que realmente apresenta uma arquitetura que também tem em conta o clima e adequação ao homem, a satisfação das necessidades básicas.

Esta arquitetura contemporânea, realmente não é nada disso. Então como é que uma arquiteta com uma formação como a que eu tive pode apreciar esta arquitetura? Esta arquitetura contemporânea no fundo arquitetura não é, ela é tecnologia: é tecnologia de construção, portanto, temos formas muito arrojadas, é tecnologia dos materiais de construção, temos materiais de construção com uma plasticidade que não existia. **Tudo importado?** Estou a lhe falar da arquitetura das formas do desenvolvimento ou a adequação dessas formas ao ambiente e ao homem, é isso que nos interessa porque, se é importado ou não isso é uma outra questão.

Nós estivemos aqui na escola e hoje em dia está a perder-se um pouco, porque as pessoas, os estudantes ficam muito entusiasmados com esta arquitetura contemporânea, estereotipada, mas nós queríamos estudar os materiais locais, ou seja, Angola tem muito Adobe, tem Adobe para dar e vender. O Adobe é um material natural, que não nos custa dinheiro nenhum, ele existe aqui, ele tem é que ser melhorado e pode ter inúmeras aplicações, e pode ser a solução de um problema do défice da habitação que nós temos. Mas o Adobe carrega com ele um pecado enorme que acaba por lhe retirar todas estas qualidades que tem, e todas estas possibilidades que tem. O Adobe foi um material de construção que as populações africanas e angolanas tiveram a disposição para construir de alguma forma os seus abrigos, e portanto quando você fala de Adobe a imagem que vem é uma habitação pobre com muitos problemas, com um problema fundamental que com a chuva começa a desfazer-se, portanto, se você fala por exemplo de BTC (Bloco de Terra Comprimida), que não é artesanal é industrializado, mas é uma indústria fácil que qualquer pessoa poder ter a máquina em sua casa desde o momento que saiba juntar os ingredientes com peso e medida, portanto tudo tem de ser doseado. Esse Adobe (BTC) podia ser uma solução e até lhe digo que eu já não vou à muito tempo, mas costumava ir a seminários e a Congressos de Arquitetura da Terra, e só em Portugal fui à três, um na Escola da Gallaecia, outro no Alentejo, estive no Canadá também, estive nas Ilhas Canárias, onde realmente os investigadores

estudam seriamente todo este material e fomos visitar casas de gente com muito dinheiro feitas com Adobe, com BTC, com outros materiais de construção misturados, mas nada quer dizer que esses outros materiais fossem absolutamente necessários. Portanto, nós temos primeiro que desenvolver a tecnologia da terra, com materiais da terra, temos de desmistificar esta questão de que o Adobe não presta, o Adobe é barato, o Adobe fresco, é isolador, não deixa passar o calor. Essas casas são frescas, você aqui precisa lutar contra o calor com estes materiais que só nos fazem mal. Portanto há estes empecilhos mentais que tem que se resolver.

**Manuel Sebastião:** o que pensa sobre a questão do género na arquitetura? Como é ser mulher arquiteta em Angola? Quais as dificuldades encontradas?

**Isabel Martins:** eu não sou apologista de género, eu acho que somos seres humanos, que somos homens e mulheres que temos a mesma profissão, vivemos no séc. XX e estamos no séc. XXI, aonde este problema não se deve por. O homem não tem género, é homem, e o homem é arquiteto, engenheiro, antropólogo, portanto a minha posição é realmente esta, eu pessoalmente nunca consegui entrar numa coisa desse género. Nunca tive dificuldade pelo facto de ser mulher. Vou-lhe dizer uma coisa da minha vida que demonstra isso: eu fui a única mulher diretora da Faculdade de Engenharia de Angola, que até sou arquiteta. Não tive problemas pelo facto por ser mulher. Realmente acho o que nós temos de pensar é que somos todos homens, e todos temos direito, portanto, a nossa qualidade de homem dá-nos direito de ter qualquer profissão desde que nós queiramos ou pode ser que nos imponham alguma coisa mais isto é outra questão. Portanto, não tenho este problema, nunca tive e acho que aqui em Angola as pessoas não têm esse problema porque, não sei se você conhece, ou não conhece, na direção do país, nos altos cargos do país há muitas mulheres, e não é pelo facto de ser mulher! É pela capacidade que elas desenvolvem e demonstram, portanto, eu pessoalmente nunca senti nenhuma dificuldade.

**Manuel Sebastião:** nas minhas pesquisas tenho reparado que as mulheres arquitetas destacam-se mais no âmbito académico do que propriamente no típico arquiteto que só faz projetos?

**Isabel Martins:** aqui na faculdade, somos 26 professores e só temos 4 mulheres. Eu não vou falar como arquiteta, vou falar como mulher: o que eu acho é que realmente há mais mulheres no ensino do que homens, é verdade, mas isto poder ser, não estou a dizer que seja, mas pode ser por uma questão maternal, as mulheres são mais maternais, acolhem melhor os miúdos a juventude, penso que deve ser por causa disso. Mas aqui a nossa escola contaria o que você esta a dizer.

**Manuel Sebastião:** relativamente a história que me contou, foi diretora da faculdade de engenharia em Angola?

**Isabel Martins:** fui diretora da faculdade de engenharia durante algum tempo, e sai porque estava a sentir-me doente e pedi para sair. E na realidade o que eu gosto é de investigar e de dar aulas. Eu neste momento sou chefe de departamento de arquitetura, este é o segundo mandato desde 2010, mas anteriormente já era, quer dizer, eu andei sempre muito perto da chefia do departamento, ou em comissões de gestão que tive vários mandatos porque no início do curso da arquitetura, saíram muitas pessoas para pós-graduação. Então a direção do departamento ia passando por comissões de gestão daqueles que iam ficando, dos mais antigos, portanto foi nesta base que eu estive nestas comissões de gestão. Estou na direção do departamento desde 2010, este é o segundo mandato porque o departamento acompanha as mudanças da faculdade de engenharia, cada diretor que entra pode escolher o seu staff, então nós mantivemos a direção e a direção manteve também a nós, e é um fardo pesado, é um fardo muito pesado por todas e mais algumas razões porque, tem que pensar no coletivo dos estudantes, que não correspondem à nossa ideia dos estudantes universitários, na maior parte dos casos não corresponde, e portanto isto torna mais difícil a docência.

**Manuel Sebastião:** quais as maiores dificuldades em ser-se docente?

**Isabel Martins:** nós somos um país com muitas riquezas, mas por outro lado somos um país pobre, e a universidade faz parte, portanto, a universidade é uma universidade pobre sem muitos recursos. Então o sacrifício que é gerir um orçamento pequeno para as necessidades que nós temos é muito grande, neste momento estamos com muitas dificuldades porque a crise também chegou em Angola e manifesta-se sobre tudo no aparelho do estado, portanto, o estado tem muito poucos recursos e a universidade também até mesmo nas instalações, nos equipamento das instalações, na biblioteca do curso entre outros órgãos de apoio como por exemplo, termos um pequeno refeitório, nós temos de facto muita dificuldade porque não temos refeitório, esta é a única universidade pública e os alunos que nós temos qui não têm muitos recursos, e comem mal e é essencial para um estudante, para seu desenvolvimento que ele coma pelo menos razoavelmente. Se os professores estão aqui de manhã até à tarde ou até mais tarde não têm onde comer. Isso quer dizer que é difícil gerir e todos nós fazemos muito esforço, os professores fazem esforço em arranjar bibliografia. Uma coisa que eu lhe posso dizer é que quando a pouco estava a falar que houve uma certa altura que os professores saiam para pós-graduação, foi nessa altura que conseguimos angariar cada um de nós a sua própria bibliografia da sua especialidade e tem sido mais ou menos nessa base.

Felizmente veio para cá uma livraria que se chama “Livraria Universitária”, sei que ela existe em Portugal e que nos veio valer um pouco para o aumento da bibliografia, mas os livros são muito caros, são muito caros para o estudante e são também muito caros para os professores que não têm um salário conveniente, e são muito caros também para as instituições, e eu consegui encontrar uma forma de fazer Feiras de Livros aqui a um preço menor porque no fundo a certeza que naqueles dias com seus fracos recursos vão comprar, é um benefício para a livraria porque as feiras costumam ser oito dias e em oito dias e fazem muito dinheiro. Mas nós, como departamento vamos beneficiar disso, porque, compramos livro a um preço mais barato e temos um acordo, uma pequenina percentagem das vendas que eles fizerem aqui. Portanto, eu vou beneficiar de duas formas, tenho crédito e tenho um desconto. São essas coisas que nós temos para melhorar a docência.

**Manuel Sebastião:** e quais as dificuldades encontradas pelos alunos? A escassez de material? A perceção sobre a matéria?

**Isabel Martins:** o que acontece com os alunos é que infelizmente há muitas deficiências no ensino anterior, no ensino médio, o aluno conseguiu realmente passar no exame de aptidão. É claro que há alunos que conseguem média para entrar na universidade, mas estas médias são médias muito baixas, é claro que tem de ter 10, se não tiver 10, reprova. Mas este 10 corresponde também há algum fator sorte, quer dizer, não são conhecimentos muito consolidados. O que acontece é que, chega no fim do primeiro semestre do primeiro ano e aí estão as notas a demonstrar a verdade, chega ao fim de segundo semestre e começa a ter dificuldade de toda a ordem e espécie, não pode passar para o segundo ano, porque o primeiro ano é um ano básico, onde tem uma iniciação a arquitetura uma coisa simples, tem as bases, tem Matemática, tem Teoria da Arquitetura, Desenho, Geometria Descritiva, repete a Geometria Descritiva, mesmo assim a Geometria Descritiva é um deus nos acuda. Ora um aluno que não consiga fazer Geometria Descritiva, quer dizer a dificuldade para entender a intercessão de planos que são, as paredes o chão e o teto, está liquidado! E ele vai andando, é claro que também não posso dizer que isto é tudo assim, mas não há muitos alunos que se destaquem e destacar digo eu aquele aluno que dispensa, porque este é um aluno que no fundo é melhor do que a maioria, dispensa, os outros são suficientes e assim vai andando. Chega ao 4º ano, tem outra barreira, não entra no 5º ano se tiver alguma cadeira em atraso. Felizmente que a média de idade é adequada, mas nós também tivemos muitos problemas por ter alunos mais velhos às vezes alunos mais velhos que os professores, então isso também era uma dificuldade, porque era um aluno que tem vícios, e que não quer mudar. Um não tem muitas bases, o outro não quer mudar, então é complicado.

**Manuel Sebastião:** considera que hoje em dia o ensino da arquitetura em Angola tem qualidade?

**Isabel Martins:** a qualidade existe, o que não existe são bons alunos para poderem aceder a esta boa qualidade, eu posso ser muito boa professora, mas se você não entende aquilo que eu digo..., mas aquilo que eu ensino tem qualidade, mas você não entende. Então a qualidade como é que se mede? Pelas notas dos alunos, portanto isto é uma pergunta difícil. Quanto as

outras universidades... só há uma universidade pública, todas as outras são privadas e bom eu não quero falar das universidades privadas.

**Manuel Sebastião:** como é que a sua arquitetura ou atividades pode influenciar o modo como a sociedade se organiza, ou seja, que contributo exerce nesse sentido?

**Isabel Martins:** eu acho que é a arquitetura que leva as pessoas a organizarem-se. Quer dizer não é bem assim, vou-lhe contar outra história. Quando eu era estudante, menina e moça fizemos uma visita a um aldeamento aqui próximo de Luanda que se estava a construir para agricultores daquela zona. E nós vimos um aldeamento muito bonitinho, mas não tinha gente. Passado um ou dois anos, quando voltamos lá, não tinha nada haver, com aquilo que vimos pela primeira vez, porque realmente, aquela urbanização, aquela arquitetura, aquele conceito de vida não era para aquelas pessoas e isso mostra que realmente a arquitetura tem de estar de acordo com aquele que vai usar. Primeiro defeito desse aldeamento não tinha quintal, segundo defeito, o agricultor gosta sempre de ter um animal, seja galinha, ou porcos não tinha lugar, terceiro defeito, a tal varandinha que existia, os muros foram tirados, o cimento foi todo picado, o quintal estendeu-se para rua, a roupa em vez de ser estendida naquele pequeno pátio era estendida na rua, havia cordas num lado ao outro, presas nos candeeiros na rua etc. Isso é só para lhe dizer que na realidade a organização do espaço tem de ser feita em função das pessoas que vão ocupar esse espaço. Mas não é só aqui em Angola é em qualquer parte do mundo.

Eu vivi no Porto durante muito tempo, fiz o meu doutoramento no porto, e naqueles bairros periféricos nós víamos que, isto que se passou nesse bairro aqui passava-se lá quer dizer as pessoas tentam humanizar aquele espaço de acordo com as suas necessidades.

Eu para terminar só queria dizer-lhe duas coisas, eu tenho esta idade e tenho duas homenagens, uma homenagem da Ordem dos Arquitetos de Angola, pela minha participação na formação de arquitetos e tenho uma homenagem feita pela associação dos estudantes da Faculdade de Engenharia e essa é aquela que me toca mais, porque os estudantes são muito difíceis. Além de fazer várias entrevistas, eu tenho um projeto de investigação recente que acabou em 2012 que fiz com um estudante de doutoramento da The CASS London Metropolitan University sobre um bairro da Ilha de Luanda que é a Xikala e que é um documento que, será interessante daqui a algum tempo porque este bairro vai desaparecer,

está a ser demolido aos poucos, portanto, é um trabalho de investigação que pode mostrar como é que a arquitetura informal se pode ir desenvolvendo. E publicamos um livro. E eu vou publicando aqui algumas coisas, já tenho três publicações aqui na faculdade. Um terceiro livro que no fundo coordenei uma, o país estava a fazer uma lei do Ordenamento do Território, então o departamento fez um seminário com participação de todos os professores sobre o território etc., é um livro teórico, e eu também compilei e coordenei este projeto. E agora estou a tentar fazer com os meus alunos porque tudo isso são trabalhos de investigação aqui do departamento, coordenado e dirigidos por mim, estou a tentar fazer um livro sobre a Arquitetura Nova em Luanda, nós temos muita arquitetura da Arte Nova. Eu além de dar as disciplinas ligadas a História da Arquitetura também acompanho os projetos de 5º ano de licenciatura. Os professores e os alunos acabam por encontrar afetividades. Em Luanda ouve uma febre de construção, mas uma febre de edifícios altos, essas arquiteturas que por aí andam que estão completamente desabitados, empenhou-se os honorários públicos, os meus impostos estão enterrados em edifícios que não têm qualidade.

Entrevista: 17/03/2017

**Tema:** A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense

**Entrevistada:** Fátima Cristina Câmara | **Entrevistador:** Manuel Sebastião

**Nome:** Fátima Cristina Câmara

**Data de nascimento:** 16-02-77

**Idade:** 40

**Naturalidade:** Lunda-Norte

**Nacionalidade:** Angolana

**Profissão:** Arquiteta paisagista, especializada em Planeamento e Ordenamento do Território

**Âmbito profissional**

**Nome da organização que trabalha:** Administração Municipal do Talatona

**Manuel Sebastião:** em que ano formou-se em arquitetura?

**Cristina Câmara:** em 2001

**Manuel Sebastião:** A quantos anos exerce a profissão?

**Cristina Câmara:** á 16 Anos

**Manuel Sebastião:** quando decide seguir a formação de arquitetura? Sempre quis ser arquiteta? Chegou a cogitar outros ramos?

**Cristina Câmara:** nem sempre quis ser arquiteta

**Manuel Sebastião:** qual o seu olhar sobre a arquitetura em Angola?

**Cristina Câmara:** a arquitetura em Angola é uma arquitetura que reflete bem a vida do país. Reflete desde o processo de guerra com os nossos musseques, reflete a questão social, a questão da imigração, a questão do êxodo rural, tu consegues ver tudo isso numa fotografia aérea. E há o bum imobiliário, consegues ver os condomínios, a questão das elites, a questão dos prédios com investimentos financeiros brutais, mais depois ao mesmo tempo também vez um musseque que tem muita vida, que tem muita população e se calhar mais do que no centro urbano. Eu acho que é uma arquitetura muito dispare, porque tu vais encontrar no musseque aquela arquitetura que foi feita do dia para a noite. Que nem chega a ser considerada arquitetura, é construção. Até chegares a uma torre que podes encontrar se calhar em Nova Iorque, idêntica.

**Manuel Sebastião:** o que pensa da arquitetura feita nos dias de hoje em Luanda?

**Cristina Câmara:** arquitetura global e não local, sem ser aplicável a realidade local em termos ambientais, em termos até humanos, não respeita a realidade local, não vai as massas, não respeita o que é feito ou que é planejado em termos da sociedade mesmo de massas, 80% da população não está ocorrente desta arquitetura, e muitas das vezes nem respeitam as normas internacionais, mas começam a descontar alguns arquitetos, tanto internacionais como nacionais que já começam a explorar uma arquitetura alternativa, misturada com a tecnologia da terra, por exemplo produção em terra, a colocação de material vegetal como o capim, as verduras e também a aplicação de conceitos como o jango e sítios de reuniões tradicionais. Mas também não podemos deixar de começar a pensar nas questões da mobilidade reduzida e da integração da tecnologia moderna para o comodismo e o conforto das pessoas.

**Manuel Sebastião:** considera que hoje em dia o ensino da arquitetura em Angola tem qualidade?

**Cristina Câmara:** considero que tem qualidade. Talvez tenhamos de explorar mais as áreas de investigação e criar uma escola mesmo. A escola não vem das universidades. Vem do conjunto de arquitetos locais ou arquitetos da área que depois vão sendo reconhecido e que vão instruindo novos arquitetos em escolas como à semelhança do Siza Vieira em Portugal, é uma escola. Tu já não pertences a universidade. Tu já vais refletir na linha do pensamento dele, no tipo de arquitetura dele, na conceção até estética dele. Nós não temos muito isso aqui.

**Manuel Sebastião:** o que pensa sobre a questão do género na arquitetura?

**Cristina Câmara:** à semelhança do que se passa no mundo, há muita mulher a trabalhar em arquitetura, já deu muito o seu contributo, mas normalmente não são tão reconhecidas, não

ganham o mesmo, não têm os projetos milionários, as vezes trabalham num projeto e concebem o projeto, mas não assumem a autoria.

**Manuel Sebastião:** como é ser-se mulher arquiteta em Angola? Quais as dificuldades encontradas? Pensa que o facto de ser mulher no ramo da arquitetura faz com que existam barreiras?

**Cristina Câmara:** em geral na sociedade

**Manuel Sebastião:** que contributo a arquiteta têm dado para uma melhor arquitetura feita em Angola?

**Cristina Câmara:** tenho dado ao nível da integração ambiental, da busca de alguns valores culturais, da integração da agricultura na arquitetura, a integração das comunidades rurais. Em vez de colocar a população a habituarem-se com coisas que não pertencem ao dia-dia deles, tentar criar mais conforto no dia-dia da ruralidade sem alterar o modo de vidas dele, criar arquitetura inclusiva e uma arquitetura participativa, pelo menos tenho considerado esses os pilares fundamentais para se fazer arquitetura.

**Manuel Sebastião:** tenho reparado que as mulheres arquitetas em Angola, destacam-se mais no âmbito académico do que propriamente na ideia do típico arquiteto que só faz projetos?

**Cristina Câmara:** em parte, devido a isso, muitas vezes os grandes projetos não vão para os ateliêres das arquitetas, ou se vão, vão já com uma segunda ou terceira contratação. Uma terciarização, já não é propriamente aquele valor que realmente pode tornar um atelier reconhecido e sustentável por si só. Então acabas por ter que complementar a tua atividade que tu gostas, desenhar, projetar com outro tipo de sustento, e a academia acaba por ser um.

**Manuel Sebastião:** é detentora de alguns projetos arquitetónicos em Angola?

**Cristina Câmara:** Sim. A nível do planeamento, o plano diretor do Cazenga Sambizanga e Rangel, onde trabalhei como chefe de departamento de planeamento durante três anos. Fizemos o plano diretor do Cazenga Sambizanga e Rangel, foi aprovado e também o Parque Verde do Alvalade, uma reestruturação, uma tentativa de torna-lo sustentável na realidade atual, recuperar a linha de drenagem, e trazem um pouco a população em redor um espaço que elas possam usufruir. Não esquecer que aquilo está conectado com a maternidade

**Manuel Sebastião:** qual a sua metodologia de trabalho? Como faz a gestão de seu trabalho?

**Cristina Câmara:** fui coordenadora do curso de planeamento profissional e urbano na IMETRO.

Como conjugava varias dinâmicas, ou seja, tinha de fazer atendimento aos alunos, tinha de fazer atendimento aos professores e tinha de preparar aulas, tinha de gerir/coordenar todos os documentos administrativos e processos da coordenação do curso. Então era uma atividade multifacetada. Que obriga mesmo, para além das reuniões e de representações que tens de fazer, a receber certas empresas por causa dos estágios. Então, obrigava-me em termos de organização a ter muito o uso do Microsoft Outlook e das ferramentas adicionadas para gestão das tarefas e muito email e grupos do WhatsApp para comunicar com os alunos e professores e recorrer muito a tecnologia, e por outra, a questão do plano curricular do curso foi reformulada e atualizada para que as aulas fossem de acordo com contemporâneo.

**Manuel Sebastião:** quais as maiores dificuldades em ser-se docente?

**Cristina Câmara:** eu não acho grandes dificuldades em ser docente, eu gosto. Mas tens de fazer quase por amor. Porque aqui não consegues ir progredindo como por exemplo noutros países em que vais fazendo talvez investigação, publicando e vais começar a ter um reconhecimento em termos de carreira, uma progressão. Aqui a atividade de docente, acabas

por ficar um pouco limitado, ou mesmo, permaneceres como docência e não teres uma profissão de carreira. Mas em termos de docência, tens alunos às vezes muito bons, muito motivados, tentam aproveitar tudo que tu possas fazer e que são aplicados, querem fazer trabalhos, querem apresentar, querem até já montar atelier, são alunos muito dinâmicos.

**Manuel Sebastião:** e quais as dificuldades encontradas nos alunos? A escassez de material? A perceção sobre a matéria?

**Cristina Câmara:** a maior parte das dificuldades é a base para muitos deles. Eles têm motivação, até sabem desenhar, mais depois algumas bases que vêm de trás, tem de ser limadas, trabalhadas. Por exemplo a questão do português, para fazer uma memória, elaborar uma memória descritiva que sabemos que também é importante, fazer um orçamento. Depois também, muitas vezes, tu vez a dificuldade que têm em deslocação, em virem em condições para receber a aula. Às vezes percebes que muitos deles chegam muito cedo, porque vêm de candongueiro. Estão preocupados em ir embora porque se for muito tarde fica muito difícil para chegarem em certos bairros principalmente aqueles que vivem nas periferias. É um grande sacrifício. São as vezes autênticos heróis.

**Manuel Sebastião:** qual seu olhar em relação ao património arquitetónico em Angola?

**Cristina Câmara:** por acaso também era uma das nossas preocupações. Foi feito um trabalho de fim do curso sobre o património de Luanda e surpreendentemente a conclusão que chegamos até era que havia mais do que nós esperávamos, mas também há muitos que já foram demolidos, outros que já estão em ruínas ou decadência. Uns já estão praticamente inexistentes só queremos recuperar a memória de que ele lá existiu.

**Manuel Sebastião:** o que pensa sobre as cidades informais, os nossos Musseques?

**Cristina Câmara:** eu penso que podem ser requalificados, em vez de pensarmos só no processo de regeneração urbana que implica a destruição, acredito que com um bom trabalho e com aplicação de um paisagismo, mas um paisagismo realmente. Não paisagismo cosmético. Paisagismo ligado as linhas de águas, científico, estudado ao nível do solo, podemos dar uma qualidade de vida extremamente boa a esses musseques e poderão ser áreas até interessantes, até do ponto de vista turístico. Acho que não precisamos destruir tudo, não vou dizer que há casa que realmente não têm condições. Mas imagina para um estudante ou um jovem que está iniciar agora se conseguir arranjar uma renda mais acessível e aceitável para o modo de vida.

**Manuel Sebastião:** será possível fazer turismo arquitetónico em Luanda?

**Cristina Câmara:** sim. Os bairros bem-adaptados ficariam algo fenomenal, porque todos têm os seus quintais os seus anexos e poderia criar uma espécie de vivência. Porque eu já vi sítios que não tinham salubridade em outras áreas do mundo a serem adaptadas, por exemplo o Brasil (às favelas). Muitos nossos técnicos foram para o Brasil para estudar até essa regeneração e foi muito bem-recebida pela população, porque existe memória, onde nasceram os filhos, o que é diferente de ir para um bairro novo onde não há história.

Entrevista: 28/05/2017

**Tema:** A Voz das Arquitetas Angolanas: Ângela Mingas uma Arquiteta Luandense

**Entrevistada:** Paula Nascimento | **Entrevistador:** Manuel Sebastião

**Nome:** Paula Nhyala Assis do Nascimento

**Data de nascimento:** 10-02-81

**Idade:** 36

**Naturalidade:** Angola

**Nacionalidade:** Angola

**Profissão:** Arquiteta & Curadora de Arte Contemporânea

**Âmbito profissional**

**Nome da organização que trabalha:** freelancer/beyond entropy africa

**Manuel Sebastião:** em que ano formou-se em arquitetura?

**Paula Nascimento:** em 2007

**Manuel Sebastião:** A quantos anos exerce a profissão?

**Paula Nascimento:** 12 anos, com interrupções

**Manuel Sebastião:** em que faculdade se formou e aonde?

**Paula Nascimento:** na Architectural Association School of Architecture, e na London South Bank University, ambos em Londres

**Manuel Sebastião:** quando decide seguir a formação de arquitetura? Sempre quis ser arquiteta? Chegou a cogitar outros ramos?

**Paula Nascimento:** sempre quis estudar arquitetura, mais ou menos desde os 9 anos, e por isso nunca cogitei outras áreas. O meu percurso académico foi dirigido para as áreas de maior interesse, as artes e depois para arquitetura.

**Manuel Sebastião:** qual o seu olhar sobre a arquitetura em Angola? O que pensa da arquitetura feita nos dias de hoje em Luanda?

**Paula Nascimento:** não me parece que tenhamos uma arquitetura de cariz “Luandense”, há muita coisa feita, mais projetos idealizados fora de Angola, muitas vezes por profissionais que

sequer conhecem a realidade Angolana, e desenvolvidos num vazio ou numa espécie de tábula rasa; daí o facto de muitas vezes serem projetos problemáticos. Mas obviamente não podemos generalizar... há um ou outro projeto interessante.

**Manuel Sebastião:** considera que hoje em dia o ensino da arquitetura em Angola tem qualidade?

**Paula Nascimento:** não estou tão ligada à academia. Já tive alguma ligação muito breve, mas não tenho propriamente bases para examinar a fundo.

**Manuel Sebastião:** como é ser-se mulher arquiteta em angola? Quais as dificuldades encontradas?

**Paula Nascimento:** eu não pratico arquitetura “pura e dura”, ou seja, não projeto e por isso, não tenho uma vivência diária da prática em Angola. Por isso, penso que as dificuldades devem ser as mesmas encontradas por qualquer arquiteto.

A questão de género torna-se particularmente relevante por estarmos a falar de uma profissão que é ou foi, muito associada ao masculino, isto no mundo inteiro e claro que aqui, que ainda não há muita tradição e prática, as regras não são tão claras, as dificuldades são sempre maiores.

Parece-me que a docência universitária, na área, talvez seja uma saída mais fácil para as mulheres, mas quando falamos na gestão de equipas grandes, de grandes obras, há maiores reticências, como se as mulheres não fossem capazes de liderar. Isso acontece não só a nível de direção, como até mesmo num contexto de obra – não é fácil impor-se e ultrapassar anos de cultura retrograda.

Curiosamente e talvez por motivos ainda não tão claros, há um número, pequeno, mas cada vez mais crescente de mulheres ligadas à arquitetura e de forma mais ativa.

**Manuel Sebastião:** tem um atelier?

**Paula Nascimento:** Não

**Manuel Sebastião:** é detentora de alguns projetos arquitetónicos em Angola?

**Paula Nascimento:** Não

**Manuel Sebastião:** é docente?

**Paula Nascimento:** não

**Manuel Sebastião:** uma vez que não pratica arquitetura “pura e dura” que tipo de arquitetura prática?

**Paula Nascimento:** o que quero dizer com isto é que não trabalho necessariamente em projetos arquitetónicos, ligados à construção. Já trabalhei em projetos, de dimensão variável como por exemplo desde projetos residenciais a planos de requalificação.

Neste momento, quase já não faço projeto arquitetónico somente, salvo algumas exceções, a maior parte do meu trabalho é na área da pesquisa/investigação e claro no campo da curadoria – tanto ligada a arquitetura, mas mais ligada à arte contemporânea.

**Manuel Sebastião:** a maior parte da sua arquitetura é elaborada no contexto Angolano ou estrangeiro?

**Paula Nascimento:** Luanda é a minha base e faço algumas coisas no contexto local, mas a maioria fora daqui. Como colaboro com uma instituição que se ocupa das representações de Angola em diversos eventos internacionais, acabo por fazer muito trabalho para fora.

Tirando isto, nos últimos anos tenho trabalhado por convite... não tenho muitos clientes angolanos.

**Manuel Sebastião:** pensa que o facto de ser mulher no ramo da arquitetura faz com que existam barreiras? *Existam barreiras aonde/em que sentido?* Sabemos que a nossa sociedade é literalmente difícil e com pensamentos muito tradicionalistas, portanto a figura da mulher está muito conotada às funções domésticas, ou seja, será que a mulher arquiteta em Angola no âmbito da profissão sente algum tipo de indiferença, ou sente-se impedida de tomar certas decisões ou elaborar certos projetos simplesmente por ser mulher?

**Paula Nascimento:** na verdade, há imensas dificuldades aqui, assim como, paradoxalmente ainda há também um pouco por toda a parte. Eu tenho tido a sorte de trabalhar em contextos e com equipas onde sou respeitada e sinto que me ouvem enquanto profissional, mas isso não significa que não existam telhados de vidro.

**Manuel Sebastião:** como é que a sua arquitetura ou atividades pode influenciar o modo como a sociedade se organiza, ou seja, se seu trabalho acarreta todo um pensamento direcionado para uma mudança de pensamento e de vivências das pessoas em Angola?

**Paula Nascimento:** não tenho a pretensão de mudar nada... apenas pretendo sim, através do que faço, mostrar formas alternativas de estar, de ver e de praticar. É importante que não tenhamos uma visão unilateral de como as coisas são e até mesmo do exercício da profissão de arquitetura, sem esquecer obviamente de uma certa atitude e forma de intervenção no espaço.

O meu trabalho acarreta uma visão crítica, teórica e prática de intervir no espaço e de se posicionar na sociedade enquanto profissional e ser social; mas isso penso que faz parte da construção de qualquer carreira profissional. É impossível praticar arquitetura (boa) só duplicando modelos e sendo comercial... é necessário um pouco mais.

**Manuel Sebastião:** sempre exerceu arquitetura fora de Angola?

**Paula Nascimento:** depois de formar em 2007 trabalhei três anos em Londres; antes ainda entre 2003-2004, durante o meu “year-out” da universidade estagiei durante um ano no atelier do Arquitecto Siza Vieira no Porto onde fiz parte da equipa que trabalho no projeto de requalificação da Cidade Velha, antes do reconhecimento como património da humanidade. Em 2010 regressei a Luanda e trabalhei em uma empresa de projetos e consultoria de engenharia e comecei a fazer projetos por conta própria e depois a colaborar com a Comissão de Angola para a Expo.

Neste momento para além de trabalhar com a Comissão de Angola para a Expo, trabalho em projetos multidisciplinares, em projetos expositivos (de cariz temporário) e em curadoria, entre Angola e o mundo.

**Manuel Sebastião:** uma vez que trabalha atualmente com projetos multidisciplinares e com projetos expositivos (de cariz temporário), qual sua metodologia de trabalho na conceção desses mesmos projetos? Ou seja, conte-me um pouco de todo o pensamento por detrás das suas abordagens?

**Paula Nascimento:** Depende do projeto. Eu tenho atuações distintas... em 2010 criei com um amigo e colega a Beyond Entropy – um estúdio de investigação no campo da arquitetura, urbanismo, geopolítica e arte contemporânea, com sede em Londres. B/E já existia enquanto núcleo de pesquisa na AA em Londres, dirigido pelo Stefano Pansera, meu parceiro de trabalho, mas quando resolvemos tirar do campo académico e experimentar em projetos fora da academia, criamos uma rede de trabalho e fomos identificando áreas e temáticas de interesse. *(envio uma brochura da B/E onde tem mais explicações sobre isso, uma vez que o website está fora do ar no momento).*

*Poderei, caso queiras, explicar melhor como trabalha a B/E mas é realmente necessário escrever muito, por isso, enviar-te-ei algum material e depois fazes perguntas mais específicas)*

**Manuel Sebastião:** como é ser Arquiteta Angolana mais com destaque no estrangeiro? Pensa que esse reconhecimento em Angola seria mais difícil de alcançar?

**Paula Nascimento:** não sei, na verdade nunca penso nestes termos. Claro que há distinções que tive fora daqui que são reconhecidas em todo o mundo por onde passo, e cá, talvez não tenha a mesma importância, mas acho que o importante é fazer o que gosto. Trabalho muito, mas divirto-me muito a fazer o que gosto, tenho tido o privilégio de colaborar com pessoas extraordinárias, e de me associar a profissionais por quem tenho um enorme respeito. Talvez por achar que ainda não tenha feito tudo, nem metade do que quero, e que ainda tenho muito para aprender, não penso tanto neste reconhecimento em si, mas no que o reconhecimento pode trazer em termos de outros desafios e projetos.

## Apêndice II

**Questionário aos Alunos e Colegas:** importante referir que foi elaborado mais questionários, no entanto, os questionários sofreram um processo de seleção.

### ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

Eu sou e ser bem orientado, tem bagagem para ensinar, é a garantia de conhecimentos específicos.

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

Arquiteta com um futuro promissor, faz-lhe espaço e apoio acerca das suas ideias.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

Dinâmica, Muito profissional

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

Deveria ter um cargo na ordem dos Arquitectos Angolanos (Cargo de Peso)

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

*É complicado. Além de me sentir intimidado com a sua presença, acho que deveria ter mais contacto com os alunos. Mas gosto do método de ensino e tenho aprendido muito com ela.*

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

*No âmbito pessoal/humano sinceramente não sei. Tenho ~~(pouco)~~ pouco contacto com ela.*

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

*~~(Nunca)~~ Infelizmente nunca tive oportunidade de trabalhar com a arquiteta.*

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

*Enquanto arquiteta acho que fez um excelente trabalho no que toca os patrimónios, na preservação dos mesmos.*

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquitecta Ângela Mingas?

### 1. Como é ser aluno da Arquitecta Ângela Mingas?

Ser aluno da Arquitecta Ângela Mingas é bom, visto que aprendi-se muito com ela em termos da Arquitectura e não. A sua maneira de ensinar a real vertente da Arquitectura é uma maravilha.

### 2. Conta-me o que pensa da arquitecta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

No âmbito pessoal/humano a Arquitecta Ângela Mingas eu vejo-a como a minha 2ª mãe, da maneira como ela conversa, trata-nos, aconselha-nos de uma maneira positiva.

### 3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquitecta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

R: Infelizmente nunca tive a oportunidade de trabalhar com Arquitecta Ângela Mingas no âmbito profissional.

### 4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquitecta?

R: Enquanto a Arquitecta, Ângela Mingas é uma pessoa que vem contribuído muito para arquitectura seja de uma forma directa ou indirecta.

É uma das coisas que posso frisar é a "bandeja Reviver".

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

SER ALUNO DA ARQUITECTA É MUITO INTERESSANTE, POIS O ALUNO TEM O LIVRE ARBITRÁRIO NO QUE SE REFERE A IDEIAS NOVAS.

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

É UMA MULHER COMPLETA.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

É MUITO BOM, O ALUNO TEM A CAPACIDADE DE EXPRESSAR AS SUAS IDEIAS E DE PARTICIPAR ACTIVAMENTE NA AULA, PARTICIPANDO EM EXEMPLOS VIVOS

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

UMA GRANDE ARQUITECTA. NÃO NO ÂMBITO DE CONSTRUÇÕES OU PROJEÇÕES MONSTRUOSAS MAS, EM TODOS OS CAMPOS QUE GERAM EM TORNO DA ARQUITECTURA.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

R: É BOM

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

R: A ARQ. ÂNGELA É UMA PESSOA MUITO DIVERTIDA  
ALGUÉM QUE SABE INTERAGIR COM AS PESSOAS.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

R: UMA SUPER PESSOA COM BASTANTE CONHECIMENTO  
É BOA NO QUE FAZ, ALÉM DO MAIS É UMA PESSOA  
QUE SABE COMO ENSINAR.  
— SABENDO QUE ELA SABE COMO LIDAR COM CADA PESSOA

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

R: EU ADMIRO MUITO SINCERAMENTE, SABENDO  
UM POUCO DO SEU HISTÓRICO DA CONSIGO  
VER: COMO ELA É UMA ARQUITETA MUITO PROFISSIONAL.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

PRIMEIRAMENTE É DIZER QUE É DURO, MAIS É BASTANTE INTERESSANTE COMO ELA TRANSMITE AS INFORMAÇÕES. TANTO QUE MESMA TEM MUITO CARINHO PELOS ALUNOS.

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

TRATA-SE DE MUITO CARINHO, PASSIONÁRIA FORÇA DE VONTADE CORAJOSA.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

É DURO MAIS APRENDIZAGEM É BASTANTE NO FIM DE TUDO É MUITO BOM

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquitecta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquitecta Ângela Mingas?

R/ É ser um Aluno espontâneo, livre de Pensamentos e Criatividade, porém, Respeito acima de Tudo

2. Conta-me o que pensa da arquitecta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

R/ Arquitecta é uma Pessoa Dotada de Conhecimento na sua Área de Trabalho, Porém é uma Pessoa de mente Alerta.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquitecta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

R/ É que eu gosto mais Da Arquitecta é a sua Forma Única de Apresentar a matéria, é eloquente e Sabe Tratar bem os Alunos. É Imparcial

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquitecta?

R/ É uma Arquitecta intelectual e Sabe Conciliar o seu conhecimento com a realidade e as circunstâncias.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

### 1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

Ser aluno da Arquiteta, é uma honra porque ela é muito exigente conosco e sempre aconselha-nos a estar sempre preparado no trabalho, psicologicamente antes de entrar nos lábios de aula.

### 2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

No âmbito pessoal e humano é incrível, porque ela tem a capacidade de se relacionar com os alunos, dentro da universidade assim como fora da universidade. Ela é uma mãe para todos nós.

### 3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

No âmbito profissional, trabalhar com a Arquitecta Ângela, não é fácil, porque tem que ser muito disciplinado, pontual, inteligente acima de tudo criativo.

### 4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

Enquanto Arquitecta, é uma grande referência para nós e para todos os Angolanos.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

R: É divertido e produtivo

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

R: Como pessoa não é fácil lidar com ela, porém no âmbito humano é um pouco insensível.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

R: Pontualidade, rigorosa, e tenta estar sempre próximo da perfeição.

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

R: Como arquiteta é alguém que pauta sempre na preservação do património histórico e cultural de Angola.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

R: É complicado porque exige muito do estudante, e os alunos devem estar sempre presentes a sala de aula.

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

R: É multifacetada, tem os seus defeitos assim com qualquer ser humano, mas é muito social.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

- Exigente e Responsável
- ~~Sabe~~ ~~se~~ transmitir conhecimentos.
- Rigorosa durante as suas atividades.

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

- Valoriza os testemunhos arquitetónicos
- Grande profissional como arquiteta.
- Sempre atenta nas notas do ensino existindo em Angola

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

É muito bom por que aprendemos muitas coisas e podemos adaptar na nossa vida.

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

É uma pessoa bastante versátil

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

Ni nunca tive oportunidade de trabalhar com a mesma.

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

É uma pessoa a quem devemos tirar muitas coisas.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

R: É gratificante, ela é uma fonte de sabedoria construtiva.

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

R: É um ser humano adorável, rigorosa, compreensiva e muito perfeccionista.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

R: Infelizmente, nunca tive a oportunidade de trabalhar profissionalmente com ela.

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

R: Como arquiteta ela prima muito pela preservação e conservação do património.

## ALUNOS

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

### 1. Como é ser aluno da Arquiteta Ângela Mingas?

Super interessante. É saber que em cada dia haverá uma surpresa e um contributo relevante em relação à conceitos que mesmo, por vezes, não relacionados a aula nos trazem mais conhecimento.

### 2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

Como pessoa é uma doja, carinhosa, respeitadora, cumpridora de regras e disponível para as pessoas.

### 3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

As características são: exigente com a produção e o leancse ou conclusão de trabalhos ou etapas pedidas; escolhida para melhor estruturação;

### 4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

Versátil na forma de pensar e de colocar em prática suas ideias e querer.

## CEICA

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

a arquiteta Ângela é a maior :).

### 1. Que significado tem o CEICA para si?

O Ceica significa a concretização de um projecto que tem início numa fase de muitos sacrifícios, vontades e queres.

### 2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

No âmbito pessoal/humano a Ângela é uma pessoa muito acessível, sensível e sempre disponível a ajudar o próximo.

### 3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

No âmbito profissional, a Ângela é exigente, perspicaz, motivadora e de um conhecimento vasto sobre diferentes disciplinas.

### 4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

Penso que é uma profissional que gosta do que faz com uma paixão que contagia todos ao seu redor.

### CEICA

Resumidamente, ou seja, em uma ou duas frases, descreva-me o seu ponto de vista acerca da Sra. Arquiteta Ângela Mingas?

1. Que significado tem o CEICA para si?

R: Espaço para aquecer ideias

2. Conta-me o que pensa da arquiteta Ângela Mingas no âmbito pessoal/humano?

R: Não fala o pensa porém pensa o que fala.

3. No âmbito profissional. Como é trabalhar com a arquiteta Ângela Mingas, ou seja, quais as características mais salientes?

R: Tem de ter foco.

4. O que pensa de Ângela Mingas enquanto arquiteta?

R: Poucos Arquitectos têm alma, e ela pertence a este grupo.

## Anexos

### Elementos do Fórum de Arquitetura: Panfleto do Fórum de Arquitetura

**FA**

**11ª Arquitetura Académica**

**OUTUBRO 03 a 07**

**AULAS ABERTAS**  
...destinado ao estudo e debate sobre a Artes Urbanas, Arquitectura, Urbanismo e Design vocacionado para o exercício profissional, a estudantes.

**CHARRETE**  
...valorizar a criatividade, a colectividade e a capacidade de resolução de problemas de Arquitectura e Urbanismo.

**TERTÚLIAS**  
... percepções sobre a arquitectura no nosso país, no nosso continente e no mundo através de um contínuo diálogo multidisciplinar.

CEICA - CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ARQUITECTURA  
CEICA\_GERAL@GMAIL.COM - UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA - LARGO DO LUMEJI, 11/13, COQUEIROS 943183108

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA  
SOLLUCET OMNIBUS

Angola

ARTED

BICHO'S SERVICES

BOMBASTICO

PPA's  
Patrocinadores, Parceiros e Apoiantes

ceica  
CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ARQUITECTURA

fabrincart

C.C. CIRILO'S

Burakius Design

DESIGN

BLACK BOX

Elementos do fórum de Arquitetura: Painel elaborado por mim para o Fórum de Arquitetura

The forum board is titled "Arquitetura Académica" in a stylized font. It features a header with a logo on the left and the title on the right. Below the header is a grid of nine empty rectangular boxes, each with a thick border, arranged in three rows and three columns. The first row has a black border, the second row has a pink border, and the third row has a black border. The footer is a dark blue bar containing various logos and contact information. The logos include the University of Lusophone Humanities and Technologies, CEICA, ARTED, BICHO'S SERVICES, BOMBASTICO, PPA's, and others. The contact information includes the email CEICA\_GERAL@GMAIL.COM, the phone number 943183108, and the address LARGO DO LUMEJI, 11/13, COQUEIROS.

**Arquitetura Académica**

CEICA - CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ARQUITECTURA  
CEICA\_GERAL@GMAIL.COM - UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA - LARGO DO LUMEJI, 11/13, COQUEIROS

943183108

**PPA's**  
Patrocinadores, Parceiros e Apoiados

**ceica**  
CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ARQUITECTURA

**ARTED**  
ANGOLA

**BICHO'S SERVICES**

**BOMBASTICO**

**PPA's**  
Patrocinadores, Parceiros e Apoiados

**fabricsart**

**Design**

**BLACK BOX**

## Elementos do Fórum de Arquitetura: Programa de exercício para a Charrete



**X FÓRUM DE ARQUITECTURA**  
LUANDA - 03 A 07 OUTUBRO 2016  
UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA

**CONCURSO "CHARRETE"**  
**ENUNCIADO & REGULAMENTO**

Curadora do Fórum: Arq. Ângela Mingas  
Coordenador Concurso "Charrete" Arq. Maurício Ganduglia



**1. Objetivo**

**1.1 Objetivos Gerais**  
O exercício "Charrete do XI FÓRUM DE ARQUITECTURA" visa o desenvolvimento de propostas para a resolução de ordenamento urbano da cidade de Luanda.

**1.2 Objetivos Específicos:**  
Definir o Espaço Urbano segundo os critérios Arquitectónicos, Técnicos e Estéticos de:

- A Arquitectura Africana
- A Arquitectura Tropical
- A Arquitectura Sustentável.

**2. Metodologia**  
O Modulo Pratico consiste num Atelier, na modalidade de aulas quotidianas de Projecto, com equipas organizadas de maneira transversal do Curso de Arquitectura da Universidade Lusitania de Angola.

Cada equipa estará composta por discentes de todos os anos, de maneira proporcional. A distribuição será feita no dia da abertura do Fórum.

As equipas deverão escolher um nome que os represente, e este constituirá a "Senha"

Cada equipa deves reflectir uma solução integral, não entanto os discentes de cada ano curricular (Arquitectura I e II, e Projecto I, II e III) devem dar resposta ao programa específico.

Cada proposta (escala de intervenção) apresentara uma peça de levantamento e analises que oriente os critérios da solução adoptada.

**3. Temas - Conteúdos:**  
A zona de intervenção está localizada no Municipio de Luanda, Distrito Urbano da Ingombota, conforme Mapa em Anexo.

As propostas devem resolver o Projecto, ao nível de Estudo Preliminar, das dimensões da urbanidade.

**1º Ano: Instalação Artísticas- Estético- Funcional**  
Local de Intervenção: Largo do Pelourinho  
Tema: Construir um objecto funcional (paragem de transporte publico), que possa ser apelativo da reflexão sobre o espaço, a cultura e a identidade.

**2º Ano: Intervenções Cirúrgicas - Mobilidade Urbana**  
Local de Intervenção: Percurso Largo do Pelourinho - Largo do Lumeje  
Tema: Circulação pedonal para pessoas com deficiencias fisicas, motoras e visuais, o sistema viario, equipamento urbano (iluminação, residuos, paragem transporte publico), e espaços verdes

MIG / 02-10-16 XI FÓRUM DE ARQUITECTURA | 03 a 07 OUTUBRO 2016 Página 1 de 3

## Elementos do Fórum de Arquitetura: Programa de exercício para a Charrete



**X FÓRUM DE ARQUITECTURA**  
LUANDA - 03 A 07 OUTUBRO 2016  
UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA

### **3º Ano: Plano de Salvaguarda e Pormenor**

*Local de Intervenção: Intersecção Urbana das Zonas Coqueiros-Cidade Alta-Carmo - Raio 300m*

*Tema: Análise e Diagnóstico para a Salvaguarda. O Plano de pormenor: a Habitação como peça arquitectónica para consolidar o Sector.*

### **4º Ano: Plano Estratégico**

*Local de Intervenção: Intersecção Urbana das Zonas Coqueiros-Cidade Alta-Carmo - Raio 500m*

*Tema: O Plano Estratégico (cultural, social, físico e económico), caracterizará os Eixos de Desenvolvimento Urbano, e a Proposta Sustentável em função do equipamento educativo (ULA)*

### **5º Ano: Reflexão Teórica - Proposta de Conjunto**

*Local de Intervenção: Da micro escala à macro escala. Das Zonas Coqueiros-Cidade Alta-Carmo, à cidade de Luanda.*

*Tema: Reflexão teórica sobre a proposta geral, considerando todas as escalas de intervenção relacionando com o manifesto de Luanda.*

#### **4. Formato:**

Cada equipa deverá entregar o seu trabalho arquivado numa memória USB, devidamente identificada. Os trabalhos serão entregues da seguinte forma:

##### **▪ 1 Texto (Reflexão Teórica)**

Formato A4 (1000 palavras) | Times New Roman, T12 | Ficheiro PDF

Regra para identificação do arquivo: "senha"\_01.pdf

##### Observação:

O texto síntese incluirá no seu cabeçalho o nome do projecto.

##### **▪ 2 Peças A3 por ano curricular**

Formato A1 | Posição Vertical | Ficheiro PDF | Resolução (300dpi)

Regra para identificação dos arquivos: "senha"\_02.pdf, "senha"\_03.pdf e "senha"\_04.pdf

##### Observação:

As mesmas peças também serão entregues em formato jpeg.

##### **▪ 1 Ficha Técnica**

Modelo | Formato A4 | Ficheiro PDF

Regra para identificação do arquivo: "senha"\_10.Pdf

##### Observação 1:

##### **▪ Senha= Nome da Equipa**

##### Observação 2:

##### Informações da Vinheta das diferentes peças

XI fa – CONCURSO "CHARRETE" – Grupo "Senha" - Ano Curricular - Paineis "x"

#### **5. Orientação Temática:**

No dia da abertura do Fórum, e uma vez realizadas a organização das equipas, cada ano curricular terá uma introdução ao tema com um profissional (arquitecto/artista plástico) da nossa praça

**Elementos do Fórum de Arquitetura: Diploma de Participação no Fórum de Arquitetura**



# CERTIFICADO

CERTIFICA-SE QUE

MANUEL SEBASTIÃO

PARTICIPOU NO 1.º FÓRUM DE ARQUITECTURA, REALIZADO DE 03 A 07 DE OUTUBRO DE 2016, DA UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA NO(A):

CHERET  
ANGELA MINGAS  
(CURADORIA DO FÓRUM DE ARQUITECTURA)

